JASPER DEWITT

Um dos thrillers do ano segundo o *The New York Times*

Planeta

minotauro

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by convertEPub

O PACIENTE

JASPER DEWITT

O PACIENTE

ELE VAI USAR
SEUS PIORES MEDOS
CONTRA VOCÊ

Tradução
Marcia Blasques

Planeta

minotauro

Copyright © Jasper DeWitt, LLC, 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021

Copyright © Marcia Blasques

Publicado em acordo especial com a Houghton Mifflin

Harcourt Publishing Company.

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Patient*

Preparação: Opus Editorial

Revisão: Renato Ritto e Elisa Martins

Diagramação: Marcela Badolatto

Capa: Helena Hennemann | Foresti Design

Adaptação Para Ebook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

DeWitt, Jasper

O paciente [livro eletrônico] / Jasper DeWitt ; tradução de Marcia Blasques. -- São Paulo : Planeta, 2021.

ePUB

ISBN 978-65-5535-540-6 (e-book)

Título original: The Patient

1. Ficção norte-americana 2. Suspense I. Título II. Blasques, Marcia

21-3723 CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Para Roy, que me ensinou a ver o melhor em mim,
em vez do pior que os outros imaginavam.

O manuscrito a seguir foi publicado em várias partes sob o tópico “Por que eu quase abandonei a medicina”, em MDconfessions.com, um site para médicos já extinto, que saiu do ar em 2012. Um dos meus amigos, formado em Yale na turma de 2011, com interesse em medicina, guardou o conteúdo por curiosidade e foi gentil o bastante para compartilhá-lo comigo, sabendo do meu interesse em histórias de terror aparentemente verdadeiras. O autor original, como se pode ver, escreveu sob um pseudônimo, e todas as tentativas de determinar sua real identidade, ou a dos demais participantes da história, foram infrutíferas, já que ele aparentemente alterou vários detalhes de identificação para evitar ser descoberto.

13 de março de 2008

Escrevo isto porque, de agora em diante, não tenho certeza se deparei com um terrível segredo ou se estou ficando louco. Por ser psiquiatra, obviamente percebo que isso seria ruim para mim, tanto do ponto de vista ético quanto do profissional. Contudo, já que não acredito estar louco, vou postar esta história porque vocês talvez sejam as únicas pessoas que a considerariam possível. Para mim, é uma questão de responsabilidade com a humanidade.

Antes de começar, deixem-me dizer que gostaria de ser mais específico sobre os nomes e lugares que mencionei aqui, mas preciso manter meu emprego e não posso me dar ao luxo de ser considerado, pelas autoridades dos campos da medicina e da saúde mental, como alguém que sai por aí contando segredos dos pacientes, não importa quão especial seja o caso. Então, embora os acontecimentos que descrevo neste relato sejam verdadeiros, os nomes e lugares tiveram que ser disfarçados para que eu pudesse manter minha carreira em segurança, enquanto também tento manter meus leitores em segurança.

Os poucos detalhes que posso dar são os seguintes: minha história acontece no início dos anos 2000, em um hospital psiquiátrico estadual nos Estados Unidos. Minha noiva, Jocelyn, uma herdeira dona de uma inteligência travessa, de uma consciência feroz e de uma beleza radiante, que nas horas vagas estudava Shakespeare, ainda estava atolada em sua tese de doutorado sobre as mulheres em *Rei Lear*. Por causa disso, e por causa do meu desejo de ficar o mais perto possível dela, decidi me candidatar a vagas apenas em hospitais de Connecticut.

Por um lado, tinha frequentado uma das faculdades de medicina mais prestigiosas da Nova Inglaterra e seguido minha formação com uma residência igualmente rigorosa e estimada na mesma região, e meus orientadores estavam particularmente inflexíveis quanto ao passo que daria a seguir em minha carreira. Trabalhar em hospitais pouco conhecidos e mal financiados era para reles mortais vindos dos cafundós, não para médicos com *Lux et Veritas* em seus diplomas, e muito menos para aqueles que se saíram tão bem em seus estudos e no treinamento clínico como eu.

Por outro lado, eu não dava a mínima para esse tipo de superioridade profissional. Um contato rápido com o lado mais feio do sistema psiquiátrico em minha infância, após a internação de minha mãe por esquizofrenia paranoide, tinha me deixado muito mais interessado em

consertar os defeitos da medicina do que em me acomodar em seus confortáveis escalões superiores.

Mas, para conseguir um emprego até mesmo no pior hospital, eu precisava de referências, o que significava que os preconceitos do corpo docente influenciariam minha tomada de decisão. No fim, aconteceu que um médico particularmente mesquinho a quem recorri conhecia a diretora médica do hospital estadual situado nas redondezas, da época em que fizeram faculdade juntos. Pelo menos, ele me disse, trabalhar sob a orientação de alguém com o "pedigree" dela impediria que eu aprendesse maus hábitos, ou talvez nosso "senso exagerado de altruísmo" nos tornasse uma boa escolha um para o outro. Aceitei imediatamente, em parte para conseguir a referência, em parte porque o hospital que meu professor recomendara – um lugarzinho sombrio que chamarei de Hospital Psiquiátrico Estadual de Connecticut (HPEC), para evitar ser processado – se adequava perfeitamente a minhas preferências, por ser um dos mais subfinanciados e mal avaliados do sistema de saúde de Connecticut.

Se eu não fosse alguém comprometido com a mentalidade que se recusa a antropomorfizar fenômenos naturais, seria quase como se a própria atmosfera estivesse tentando me dar um aviso em minha primeira ida ao hospital, quando fui para a entrevista. Se você já passou algum período na Nova Inglaterra durante a

primavera, sabe que o tempo costuma ficar feio sem nenhum aviso porque – com minhas desculpas a Forrest Gump – o clima na Nova Inglaterra é como uma caixa de cocô: venha o que vier, você já sabe que vai feder.

Mas mesmo para os padrões da Nova Inglaterra, naquele dia a coisa estava bem ruim. O vento soprava nas árvores e se lançava, primeiro contra mim, depois contra meu carro, com a violência de um touro. A chuva castigava o vidro dianteiro. A estrada, apenas semivisível graças aos limpadores de para-brisa, parecia mais um caminho de carvão escuro até o purgatório do que uma via, demarcada apenas com o amarelo embotado e os vultos dos carros dirigidos por outros viajantes que, na vastidão molhada e cinzenta, mais pareciam fantasmas do que humanos de verdade. A névoa sufocava o ar com seus tentáculos proibitivos, espalhando-se pelo pavimento, desafiando os motoristas a se arriscarem na solidão da estrada secundária.

Assim que a placa indicando a saída que pegaria apareceu por entre a névoa, deixei a estrada e comecei a subir pela primeira do que parecia ser um labirinto de pistas sombrias envoltas pela bruma. Se não fosse pelas instruções confiáveis no MapQuest que eu imprimira, certamente teria me perdido por horas, tentando encontrar o rumo pelos vários caminhos na montanha que levavam, com uma preguiça sinuosa que confundia e

zombava do motorista, até o alto das colinas, onde ficava o Hospital Psiquiátrico Estadual de Connecticut.

Mas se o trajeto até o lugar em si pareceu de mau agouro, aquilo não foi nada se comparado aos pressentimentos que me atingiram quando parei no estacionamento e vi o Hospital Psiquiátrico Estadual de Connecticut diante de mim pela primeira vez. Dizer que o lugar causava uma impressão forte e desagradável é a descrição mais diplomática que consigo fazer. O complexo era supreendentemente grande para um lugar tão subfinanciado, e irradiava a decadência peculiar de uma instituição antes orgulhosa, agora marcada pela negligência. Enquanto passava por fileira após fileira de ruínas abandonadas e fechadas com tábuas do que antes deviam ter sido alas do complexo – algumas construídas com tijolos vermelhos desbotados e caindo aos pedaços e outras com blocos de arenito estragados e cobertos de heras –, mal conseguia imaginar como alguém podia ter algum dia trabalhado ou mesmo morado naquelas tumbas fantasmagóricas que compunham o vasto monumento à podridão que era o Hospital Psiquiátrico Estadual de Connecticut.

Empoleirado no meio da propriedade, superando seus irmãos abandonados, estava o único prédio que conseguira permanecer aberto apesar dos cortes de orçamento: o edifício principal do hospital. Mesmo em sua forma comparativamente funcional, aquela

monstruosa pilha de tijolos vermelhos parecia ter sido construída para qualquer coisa exceto dissipar as sombras da mente. Sua forma elevada, dominada por severos ângulos retos, sendo cada janela um buraco retangular gradeado, parecia projetada para aumentar o desespero e escurecer tudo ainda mais. Até a enorme escadaria branca que conduzia à porta – única concessão do lugar feita para ornamentar – parecia mais algo alvejado do que pintado. Enquanto eu encarava aquilo, um cheiro fantasma de agentes esterilizantes flutuou até meu nariz. Eu não conhecia nenhum edifício que incorporasse de maneira tão completa as linhas severas e sombrias da sanidade forçada arbitrariamente.

Por incrível que pareça, o interior do prédio era notavelmente limpo e bem cuidado, ainda que sem cores e austero. Uma recepcionista de aparência entediada me indicou a direção do escritório da diretora médica, que ficava no último andar. O elevador zumbiu com suavidade por alguns momentos, como esperado, antes de parar de supetão no segundo andar. Esperei que mais alguém entrasse quando as portas se abriram devagar. Mas não surgiu apenas *um* passageiro. Eram três enfermeiras ao redor de uma maca, levando um homem. Embora ele estivesse preso, dava para perceber de imediato que não era um paciente. Ele usava uniforme de atendente. E estava *gritando*.

— Me… soltem! — o homem urrava. — Eu não tinha acabado com ele!

Sem responder, duas das enfermeiras empurraram a maca para dentro do elevador, enquanto a terceira – uma mulher mais velha, com o cabelo escuro preso em um coque ridiculamente apertado – entrou na sequência, suspirando ao mesmo tempo em que apertava o botão para o terceiro andar.

— Meu querido, querido Graham — disse ela, a voz com um leve sotaque que reconheci como sendo irlandês —, é a terceira vez este mês. Já não falamos para você ficar longe daquele quarto?

Ao testemunhar aquela interação, fui ingênuo o bastante para pensar que, de fato, o hospital precisava desesperadamente do meu conhecimento e cuidado. Então, não fiquei surpreso quando me ofereceram o emprego logo de cara, embora tenha passado por um interrogatório curiosamente rigoroso com a dra. G., a diretora médica da instituição, durante minha entrevista.

É provável que ninguém fique chocado ao saber que trabalhar em um hospital psiquiátrico, especialmente um com pouco pessoal, é ao mesmo tempo fascinante e assustador. A maioria dos nossos pacientes vinha para internações de curto prazo ou atendimento ambulatorial, e os casos iam desde abuso de substâncias e dependência até distúrbios de humor, em especial depressão e questões relacionadas à ansiedade, assim

como a esquizofrenia e psicose, e havia até mesmo um pequeno grupo de transtornos alimentares. Por ser uma instalação do Estado, tínhamos que ajudar todos que aparecessem em nossa porta, e normalmente eram pessoas que já haviam entrado e saído do sistema várias vezes e estavam em péssimo estado mental e no limite financeiro. Com as mudanças feitas no sistema psiquiátrico – tanto políticas quanto econômicas –, só dispúnhamos de uma pequena ala para internações de longo prazo. A maioria das companhias de seguro não paga por cuidados continuados, então ali existiam pacientes particulares ou tutelados pelo Estado.

Entre as paredes daquelas alas é possível encontrar pessoas com visões de mundo que seriam tenebrosamente cômicas se não causassem tanto sofrimento. Um dos meus pacientes, por exemplo, tentou me contar, em tom de desespero, que um clube de estudantes em certa universidade de elite mantinha um tipo de monstro devorador de homens com um nome impronunciável no porão de um restaurante local, e que esse mesmo clube tinha dado a amante dele para o monstro. Na verdade, o homem tivera um surto psicótico e matara a própria amante. Já outro paciente tinha certeza de que um personagem de desenho animado apaixonara-se por ele e passou por uma internação de curto prazo depois de ser preso por perseguir o artista. Aprendi do jeito mais difícil, logo nos meus primeiros

meses, que não é possível mostrar a realidade para pessoas que sofrem de delírios. Não ajuda em nada, e elas só ficam zangadas.

Também havia três senhores de idade, e cada um deles acreditava ser Jesus. Isso os fazia gritar uns com os outros toda vez que estavam no mesmo aposento. Um deles tinha formação em teologia e fora professor em um seminário – por isso gritava citações aleatórias de São Tomás de Aquino para os demais, como se, de algum modo, isso tornasse sua reivindicação pelo título de Salvador mais autêntica. Repito: teria sido engraçado se a situação deles não fosse tão deprimente e desesperadora.

Mas todo hospital, incluindo os que atendem pacientes como esses, tem pelo menos uma pessoa internada que é estranha até mesmo para a ala psiquiátrica. Estou falando do tipo de pessoa de quem até os médicos desistiram e de quem todos se afastaram, não importa quão experientes fossem. Esse tipo de paciente é obviamente insano, mas ninguém sabe como ficou assim. O que se sabe, no entanto, é que qualquer um ficará louco se tentar descobrir.

O nosso era particularmente bizarro. Para começar, ele fora levado ao hospital quando ainda era uma criança bem pequena, e de algum modo conseguira permanecer internado por mais de vinte anos, ainda que jamais alguém tenha conseguido diagnosticá-lo. Tinha um

nome, mas me disseram que nenhuma pessoa no hospital lembrava qual era, pois seu caso era considerado tão intratável que ninguém mais se incomodava em ler sua ficha. Quando as pessoas falavam sobre ele, chamavam-no de “Joe”.

E eu digo que falavam sobre ele porque ninguém falava *com* ele. Joe nunca saía do quarto, nunca se juntava ao grupo de terapia, nunca teve uma sessão individual com a equipe psiquiátrica ou a psicoterapêutica, e basicamente todo mundo era encorajado a ficar longe dele. Ponto. Ao que parece, qualquer tipo de contato humano, mesmo com profissionais treinados, fazia sua condição piorar. As únicas pessoas que o viam regularmente eram os atendentes que trocavam os lençóis ou levavam e buscavam a bandeja das refeições, e a enfermeira que garantia que ele tomasse os medicamentos. Em geral, essas visitas eram estranhamente silenciosas, e sempre acabavam com a equipe envolvida aparentando estar prestes a tomar todo o estoque de bebida disponível se tivesse chance. Mais tarde soube que Graham, o atendente que eu vira preso na maca quando cheguei para minha entrevista, tinha acabado de sair do quarto de Joe naquele dia. Como psiquiatra novato, tive acesso à ficha médica e às prescrições de Joe, mas achei pouca informação.

Era uma documentação notavelmente escassa; parecia cobrir apenas os dados do ano anterior e trazia um relatório invariável sobre o fornecimento de antidepressivos e sedativos leves. O mais estranho de tudo era que o nome completo do paciente fora omitido das fichas que tive permissão de ver – tinham apenas o apelido conciso “Joe” para identificá-lo.

Por ser um médico jovem e ambicioso, com notas muito altas e pouca modéstia, fiquei fascinado por esse paciente misterioso e, assim que ouvi falar dele, coloquei na cabeça que eu seria a pessoa a curá-lo. No início, mencionei isso só de passagem, meio como brincadeira, e aqueles que ouviram deram risada do meu entusiasmo inocente e juvenil.

Mas havia uma enfermeira para quem confidenciei meu desejo com seriedade, a mesma que eu vira cuidar de Graham, o atendente. Por respeito a ela e à sua família, vou chamá-la de Nessie, e é com ela que esta história realmente começa.

Devo dizer algumas coisas sobre Nessie e por que contei a ela, em particular, acerca de meu projeto. Nessie trabalhava no hospital desde que emigrara da Irlanda, como enfermeira recém-formada, na década de 1970. Tecnicamente, era chefe da enfermagem e trabalhava só durante o dia, mas parecia estar sempre disponível, por isso dava a impressão de que vivia naquele lugar.

Nessie era uma fonte imensa de conforto para mim e para os outros médicos e terapeutas porque dirigia um esquadrão unido que reunia não só as enfermeiras, mas os atendentes e a equipe de custódia também. Nessie parecia saber como resolver praticamente *qualquer* problema que aparecesse. Se um paciente irado precisava se acalmar, Nessie estava lá, o cabelo escuro desbotado preso no coque sério e os olhos verdes afiados brilhando no rosto contraído. Se um paciente relutava em tomar seu remédio, Nessie logo se apresentava para convencê-lo. Se um membro da equipe faltava sem justificativa, Nessie sempre parecia estar ali para cobri-lo. Se todo o prédio desmoronasse em chamas, tenho certeza de que Nessie seria a pessoa que diria ao arquiteto como colocar tudo no lugar exatamente como estava.

Em outras palavras, se alguém desejasse saber como as coisas funcionavam ou quisesse um conselho de qualquer tipo, tinha que conversar com Nessie. Apenas isso bastaria para que eu me aproximasse dela com minha ambição um tanto ingênua, mas havia outra razão: Nessie era a enfermeira que administrava a medicação de Joe e, portanto, era uma das poucas pessoas que interagia com ele com frequência regular.

Lembro-me claramente da conversa. Nessie estava sentada na cafeteria do hospital segurando um copo de papel cheio de café nas mãos surpreendentemente

firmes. Dava para ver que ela se encontrava de bom humor porque seu cabelo estava solto, e Nessie parecia seguir a regra de que quanto mais tensa se sentia, mais bem preso seu cabelo ficava. O fato de deixá-lo solto significava que ela estava relaxada em um grau que eu jamais vira.

Eu também me servi de um copo de café e me sentei diante dela. Quando ela me notou, seu rosto se abriu em um raro sorriso desarmado, e ela inclinou a cabeça em um cumprimento.

— Olá, Parker. E como vai nossa criança prodígio? — ela perguntou, a voz ainda carregando um leve sotaque irlandês que a tornava muito mais reconfortante. Sorri de volta.

— Aparentemente suicida.

— Ah, meu querido — disse ela com preocupação zombeteira. — Preciso conseguir um pouco de antidepressivos para você, então?

— Ah, não, nada disso — respondi rindo. — Quando digo “suicida”, quero dizer que estou pensando em fazer algo que todo mundo provavelmente vai pensar que é muito idiota.

— E já que é idiota, você veio falar com a idiota mais velha da enfermaria. Sei como é.

— Eu não quis dizer isso!

— Claro que não, rapaz. Não se estresse — ela disse com um gesto calmo. — Então, qual é a façanha ousada

na qual você está pensando?

Inclinei-me com um ar conspiratório, fazendo uma pausa dramática antes de responder.

— Quero tentar fazer terapia com Joe.

Nessie, que também tinha se inclinado para ouvir o que eu dizia, sentou-se ereta tão rápida e freneticamente que daria para pensar que tinha levado uma picada. Seu café se espalhou por todo lado quando o copo caiu no chão. Ela se benzeu, como que por reflexo.

— Jesus — ela murmurou, o sotaque irlandês ainda mais acentuado. — Não brinque com isso, seu maldito idiota. Sua mãe nunca lhe disse que não se deve assustar pobres velhinhas?

— Não estou brincando, Nessie — garanti. — Eu realmente…

— Sim, você está brincando, e nunca deve passar disso. — Os olhos verdes dela estavam lívidos, mas eu podia sentir, olhando para ela, que Nessie não estava zangada comigo. Ela parecia um urso que tinha acabado de afastar o filhote do perigo. Coloquei a mão em seu braço gentilmente.

— Sinto muito, Nessie. Eu não queria assustar você.

Os olhos dela suavizaram, mas a expressão não melhorou. Agora só parecia abatida. Nessie colocou a mão sobre a minha.

— Não é sua culpa, rapaz — disse ela, o sotaque diminuindo conforme o medo desaparecia de suas

feições. — Mas você não tem ideia do que está falando, e é melhor nunca descobrir.

— Por quê? — perguntei com suavidade. — O que tem de errado com ele? — Então, sabendo que ela poderia não responder, acrescentei: — Nessie, você sabe que, para meu azar, sou inteligente demais. Não gosto de quebra-cabeças que não posso resolver.

— Isso não é minha culpa — disse ela com frieza, a expressão endurecida novamente. — Mas tudo bem, se isso vai deixar você mais tranquilo, eu digo por quê. Porque toda vez que tenho que levar a medicação até… o quarto dele, começo a me perguntar se não valeria a pena eu mesma me internar neste hospital, só para nunca mais ter que fazer isso. Mal consigo dormir com os pesadelos que tenho de vez em quando. Então acredite em mim, Parker; se você é tão inteligente quanto pensa que é, vai ficar longe dele. Caso contrário, pode acabar aqui *com ele*. E nenhum de nós quer ver isso.

Eu gostaria de poder dizer que as palavras dela não foram em vão. Mas, na realidade, elas só me deixaram ainda mais curioso, embora nem precise dizer que essa foi a última vez que discuti abertamente com um membro da equipe sobre minha ambição de curar o paciente misterioso. Mas agora eu tinha um motivo ainda melhor: se conseguisse curá-lo, Nessie e todos os outros que tinham de lidar com ele perderiam o que parecia ser a maior fonte de sofrimento de suas vidas. Eu precisava

achar os registros dele e ver se conseguia chegar a um diagnóstico.

Agora, vocês podem estar se perguntando por que não perguntei à minha chefe sobre o paciente e por que acabaria recorrendo a um subterfúgio para achar os registros. Considerando a estrutura do hospital, eu raramente via a diretora médica que me contratara, a dra. G. Meu supervisor diário era um homem chamado dr. P. – e, infelizmente, logo depois de conhecê-lo, no meu primeiro dia, eu soube que iríamos bater de frente. Ele era um homem de aparência atormentada, peito largo, cabeça raspada e uma barba tão desgrenhada que parecia poder esconder cadáveres de vários animais de pequeno porte. Seus olhos, um par de fendas entediadas e sujas, emanavam tamanho azedume que eu acreditava que nada o deixaria feliz, nem mesmo ganhar na loteria. No início ele me assediava verbalmente, mas não demorei a perceber que ele estava só forçando a situação para afirmar sua autoridade. Depois descobri que ele era muito preguiçoso e ruim em seu trabalho – a abordagem dele no cuidado de todos os pacientes era drogá-los até deixá-los entorpecidos –, o que me garantia uma tremenda autonomia de atuação. Felizmente, a dinâmica que ele quis estabelecer era uma na qual eu raramente lhe dirigia a palavra, muito menos buscava sua orientação, e ninguém precisava falar com ele sobre mim. Como não podia deixar de ser, dr. P. quase nunca

participava das reuniões de equipe – os briefings quase diários em que todos revisavam os planos de cuidados com os pacientes. Eu quase nunca o via fora de seu consultório, onde ele parecia se esconder em uma melancolia covarde.

Dito isso, voltemos à minha caçada pelos arquivos de Joe. Para conseguir acesso ao arquivo de um paciente admitido antes do ano 2000, eu precisava pedir os documentos em papel aos arquivistas usando o sobrenome dele como ponto de referência. Isso porque o hospital não tinha digitalizado nada além dos nomes e das datas de admissão dos pacientes anteriores a esse ano. Teoricamente era possível buscar pelo primeiro nome ou pela data de admissão, mas tinham me falado que, a menos que quisesse que os arquivistas me matassem, eu devia evitar fazer isso.

Depois de um tempo, apareceu a chance de uma solução. Dei uma olhada na lista dos remédios do plantão de Nessie, em um raro momento em que ela estava distraída. Para minha imensa satisfação, o documento parecia ser o único lugar que registrava o nome completo de Joe: Joseph E. M.

A fim de evitar o arquivista fofoqueiro que trabalhava durante a semana – e que sempre estava de má vontade, mesmo quando eu precisava verificar os relatórios por motivos legítimos –, fui até o arquivo no fim de semana, quando Jerry, um alcoólatra que mal conseguia trabalhar,

fazia plantão. Ele me deixou entrar, deu-me instruções para onde ir e, antes de se largar novamente em sua cadeira, disse-me, com voz arrastada, que era melhor eu “guardar o maldito arquivo no lugar” quando terminasse.

E foi quando eu consegui. Joseph E. M. fora admitido em 1973, aos seis anos de idade, e desde então se encontrava sob custódia do hospital. O arquivo estava coberto por tanta poeira que eu duvidava de que alguém tivesse aberto aquela pasta na última década, e era tão grosso que parecia prestes a explodir.

Mas as anotações clínicas ainda estavam ali e, surpreendentemente, em boas condições, junto com uma fotografia grosseira em preto e branco de um menino louro fitando a câmera com olhos arregalados e expressão feroz. A imagem me fez sentir inseguro só de observá-la. Desviando o olhar, voltei para as anotações e comecei a explorá-las.

Conforme lia, percebia que os relatos que apontavam a ausência de diagnóstico da condição de Joe distorciam a verdade. Não era que não havia diagnóstico. Havia alguns, sim, mas os sintomas de Joe pareciam mudar de forma imprevisível. O mais surpreendente de tudo, no entanto, era que Joe recebera alta em determinado momento, logo no início de sua vida no sistema psiquiátrico, depois de permanecer apenas quarenta e oito horas no hospital. Aqui estão os conteúdos na íntegra das anotações dos médicos na época.

5 de junho de 1973

Paciente Joseph M. é um garoto de seis anos que sofre de terrores noturnos agudos, incluindo alucinações vívidas de algum tipo de criatura que vive nas paredes de seu quarto e que sai à noite para assustá-lo. Os pais de Joseph o trouxeram após um episódio particularmente violento em que seus braços apresentaram contusões e escoriações significativas. O paciente afirma que foram as garras da criatura. Pode indicar tendência à automutilação. Prescrição: 50 mg de Trazodona, junto com terapia básica.

6 de junho de 1973

O paciente foi cooperativo na sessão de terapia. Sofre de entomofobia aguda e possíveis alucinações audiovisuais. Não experimentou distúrbios de sono na noite passada, mas explicou que foi só porque o monstro “não vive aqui”. Contudo, quando apresentado à teoria de que o monstro era parte de sua própria psique, o paciente foi muito receptivo, o que sugere não haver nada mais sério do que medos normais da infância. Foi sugerido aos pais que monitorássemos o paciente por mais vinte e quatro horas e possivelmente começássemos uma administração leve de antipsicóticos se notarmos mais evidências de alucinações. Eles foram receptivos.

Eu quase ri. Parecia ridículo que um conjunto tão resumido de registros se tornaria o prelúdio de décadas de horror. Mesmo assim, segui em frente. As anotações indicavam que Joe fora liberado depois das vinte e quatro

horas adicionais, como prometido. Também havia referência a uma fita de áudio com uma sessão de terapia de Joe, cujo número tive o cuidado de anotar no caderno que levara comigo.

Mas o otimismo do médico após a primeira visita de Joe mostrou-se obviamente equivocado, pois o menino estava de volta no dia seguinte, dessa vez com um quadro muito mais sério de desordens. E desde então jamais teve alta. As anotações sobre essa segunda admissão vão a seguir.

8 de junho de 1973

Paciente Joseph M. é um menino de seis anos, admitido previamente por terrores noturnos. Uma administração de sedativos e algumas técnicas de enfrentamento rudimentares foram prescritas. Desde então, a condição do paciente mudou dramaticamente. Ele não mostra mais sinais da prévia entomofobia ou de possíveis alucinações. Em vez disso, o paciente parece ter regredido a um estado pré-verbal.

Além do mais, o paciente mostra uma alta propensão à violência e ao sadismo. O paciente atacou vários membros da equipe e teve que ser contido. Apesar de relativamente jovem, o paciente parece ter um conhecimento intuitivo de quais partes do corpo humano são mais vulneráveis ou sensíveis à dor. Essa intuição pode até funcionar em um nível estritamente individual. O paciente chutou uma enfermeira mais velha na canela, a qual passou por uma cirurgia recentemente. A enfermeira teve que ser retirada em uma

cadeira de rodas. O paciente não é mais cooperativo na terapia. Emite estalidos e sons de arranhadura em vez de falar e não é mais capaz de executar movimentos bípedes. Continua violento e teve que ser contido e removido depois de tentar atacar o dr. A.

9 de junho de 1973

A condição do paciente mudou novamente. Quando a enfermeira Ashley N. disse ao paciente que ele era “um garotinho muito mau por chutar e socar tanto”, ele de repente passou a verbalizar. Começou a atacar a srta. N. verbalmente, chamando-a de “assassina de Cristo nariguda”, “puta tonta” etc. A srta. N. ficou extremamente angustiada e, logo na sequência, solicitou uma licença, citando memórias traumáticas desencadeadas pelos insultos do paciente.

A violência física e o abuso verbal direcionado do paciente, além de seu comportamento antissocial, sugerem uma forma de desordem de personalidade antissocial muito sofisticada para alguém dessa idade, no geral. Percepções pessoais específicas por parte do paciente ainda não são explicadas.

10 de junho de 1973

A condição do paciente continua a se deteriorar. Quando levado para uma reavaliação, o paciente não esboçou qualquer tentativa de envolvimento, mas começou a atacar verbalmente o psiquiatra. Referiu-se ao psiquiatra como um “maldito bêbado inútil”, um “assexuado insensível” e “Tommy viadinho”, entre outras coisas. Todos esses insultos correspondem a ataques pessoais previamente

sofridos pelo psiquiatra em momentos de extremo sofrimento mental. Perguntei ao paciente por que ele escolhera tais insultos. O paciente se recusou a responder. Perguntei ao paciente se alguém o chamara assim. O paciente se recusou a responder. Perguntei ao paciente por que ele escolhia atacar as pessoas verbalmente desse modo. O paciente disse que tinha que fazer isso porque era um “garotinho mau”. Perguntei ao paciente se ele podia parar de ser um garotinho mau. O paciente perguntou o que eu achava. Eu perguntei ao paciente o que ele achava. O paciente se recusou a responder. O paciente foi liberado da terapia. Como uma observação pessoal, quero só comentar que uma sessão de terapia com esse menino me deixou mais tentado a quebrar meu juramento de vinte anos nos Alcoólicos Anônimos do que qualquer outra experiência que tive neste período. Consequentemente, estou pedindo que outro psiquiatra assuma o caso.

Nenhum registro do tratamento de Joe se seguiu a esse. Aparentemente, uma sessão foi o bastante para que o médico desistisse, repugnado. Balancei a cabeça. Mesmo um hospital com equipe reduzida devia se esforçar mais do que isso. Na verdade, o único item do mesmo ano era uma anotação curta do diretor médico ordenando que a equipe mantivesse Joe isolado do resto da população. Depois disso, não houve nada ao longo de quatro anos.

15 de março de 2008

Uau. Eu não esperava de verdade que meu primeiro post chamasse tanta atenção. Honestamente, esperava que vocês achassem que eu estivesse exagerando. E, sim, eu sei que essa foi a resposta de alguns (li o que você escreveu, DrHouse1982), mas o retorno positivo em geral das respostas até agora realmente me surpreendeu.

Também subestimei como seria difícil escrever tudo isso, ainda que o fato de vocês parecerem estar dispostos a acreditar – e até a especular sobre o que está acontecendo – seja de certo modo reconfortante. Li os comentários de vocês, e embora possa dizer que, neste momento, nenhum chegou nem perto de perceber como esse paciente estava fodido (vocês não sabem nem metade da história ainda), é bom ver que as pessoas levam um relato como esse a sério. Há esperança, apesar de tudo.

Enfim, onde eu estava? Ah, sim, o arquivo de Joe, e o fato de que ele ficou basicamente inalterado por quatro anos.

O arquivo recomeçou novamente em 1977. Dessa vez, as seções de cada atendimento foram registradas por escrito, com uma anotação prévia dizendo para consultar a dra. G. para arquivos não redigidos. Aparentemente, cortes no orçamento obrigaram a equipe a colocar os pacientes em quartos compartilhados. Sendo assim, há uma anotação do novo diretor médico, dr. A., instruindo seu pessoal a encontrar outros pacientes que provavelmente não desencadeassem as reações de Joe, qualquer que fosse a natureza de sua condição.

Obviamente, a equipe não conseguiu.

O memorando seguinte a trazer algum conteúdo também veio do dr. A., e era endereçado a uma dra. G., que eu sabia ser a atual diretora médica. Dizia o seguinte:

14 de dezembro de 1977

Não sei de quem foi a ideia de colocar Philip A. no quarto de Joe, mas, independentemente de quem seja, quero que essa pessoa seja demitida. Era óbvio que colocar um homem adulto com problemas sérios de raiva em um quarto com um menino que tem uma necessidade tão forte de provocar as pessoas não ia ter resultados positivos. Então agora parece que temos pelo menos um paciente cuja família pode nos processar se descobrir o que aconteceu com seu filho. Imagino que já tenha ouvido as histórias sobre Philip precisar ser sedado antes que viesse a cumprir a promessa de

“matar o maldito monstrinho”. Não sei como isso afetará a condição de Joe, mas posso imaginar que não será nada bom para ele.

Aparentemente, Joe foi transferido para um hospital convencional com um braço quebrado, hematomas nas costelas, uma concussão e uma fratura no crânio. Depois desse primeiro desastre, os registros indicavam que, quando retornou, Joe foi colocado com alguém mais próximo de sua idade: um menino de oito anos que fora internado por problemas associados a um autismo severo. Isso levou a resultados muito piores.

16 de dezembro de 1977

Nossa seguradora não ficará feliz se tivermos mais incidentes como esse ocorrido com Will A. A única notícia boa, suponho, é que a autópsia não mostra sinais de crime. As tendências violentas de Joe podem ter se atenuado um pouco. Mas mesmo que a autópsia provavelmente nos absolva de qualquer culpa, receio que um bom advogado possa desacreditá-la no tribunal. Quando foi a última vez que um garoto de oito anos morreu de insuficiência cardíaca? Verifique com a enfermeira e reze para que não tenhamos dado uma dose forte demais de alguma coisa para Will.

O mais recente companheiro de quarto de Joe era um garoto de seis anos que fora internado com transtorno de estresse pós-traumático resultante do abuso sexual do pai. Havia uma anotação na sequência do novo arranjo

dos quartos instruindo atendentes e enfermeiras a dar periodicamente uma olhada nos dois, porque o menino tinha uma tendência a se tornar violento. Como já era de se esperar, foi ele quem se beneficiou dessa proteção.

18 de dezembro de 1977

O paciente Nathan I. foi transferido para dividir o quarto com o paciente Joseph M. Às 22h, Nathan e Joe foram trancados para o apagar das luzes. À 1h34, o paciente Nathan pôde ser ouvido soluçando e gritando. À 1h36, o atendente Byron R. entra no quarto e encontra Joe em cima de Nathan, no processo de agressão sexual. O paciente Nathan é removido e o paciente Joe é contido e colocado em confinamento solitário. O paciente Nathan sofreu hematomas, múltiplas mordidas e leve laceração retal. Foi transferido para outra instalação a fim de receber tratamento médico. O paciente Joe será mantido em confinamento solitário por uma semana. Toda a equipe será lembrada a não discutir assuntos sexuais perto de pacientes menores de idade. O encerramento do contrato de todos os atendentes, exceto o atendente R., é *fortemente* sugerido.

O último companheiro de quarto que Joe teve entre a população geral de pacientes psiquiátricos foi um adolescente viciado em metanfetamina que desenvolveu severo transtorno de personalidade paranoide, provavelmente escolhido porque dominaria Joe com facilidade se o garoto tentasse atacá-lo. Além disso, como precaução extra contra esse tipo de agressão, os

dois foram colocados em um quarto onde poderiam ficar contidos o tempo todo, para evitar que machucassem um ao outro.

Mas isso tampouco acabou bem.

20 de dezembro de 1977

Primeiro, temos que colocar correias mais fortes nas camas. Depois do ocorrido na noite passada com Claude Y. e tudo o mais que aconteceu na última semana, vamos precisar garantir ao público que esse tipo de coisa jamais ocorrerá de novo. Além disso, peça para os atendentes examinarem o quarto mais uma vez, porque eu francamente não acredito na explicação que nos deram. Não me importa o quão paranoico Claude fosse: não há nada naquele quarto que pudesse assustá-lo o suficiente para que ele rompesse várias correias de couro com os dentes e se jogasse pela janela. As correias deviam ser fortes o bastante, mesmo com uma onda de adrenalina média. Mas arrebentar uma janela com grades? Devia ter algo de errado com elas, ou com a cama, ou com a janela.

De um jeito ou de outro, no entanto, quero descobrir o que aquela criança está fazendo para que acidentes como esse ocorram. Designe qualquer atendente que quiser para ficar com ele amanhã à noite. Assegure-se de que o atendente tenha tudo o que precisar para se defender.

Trate isso como um caso de paciente criminalmente insano, embora não possamos provar que algo aconteceu além do incidente com Nathan. Ah, e peça para o atendente gravar tudo. Se o bastardinho não fizer nada além de respirar, quero isso disponível para análise.

Havia outro registro indicando onde encontrar a fita resultante dessa ordem. Anotei o número também. Tratava-se de uma última comunicação do dr. A. sobre Joe, e nela finalmente consegui pelo menos uma resposta parcial para o motivo de a equipe ficar tão desesperada quando se fala em diagnosticar e tratar esse paciente em particular. Mas, ao contrário dos documentos prévios, este não era um memorando. Era um bilhete escrito à mão, aparentemente preservado pela dra. G.

Querida Rose,

Acabo de falar com Frank. Acho justo dizer que ele não estará pronto para voltar ao trabalho por pelo menos mais um mês, considerando o estado em que se encontra. E sabe o que mais? Vou permitir que ele tire esse tempo como licença médica remunerada, porque é minha culpa que ele esteja assim. Não posso punir alguém por seguir minhas próprias ordens. Lembre-se: se ele não estiver melhor quando a licença terminar, teremos que mantê-lo aqui.

Também cheguei a uma conclusão: o que quer que Joe tenha, estou certo de que não podemos curá-lo. Não acho sequer que possamos diagnosticá-lo. Obviamente, não está no DSM.[1] *E tendo em vista os efeitos que ele exerce sobre os demais, começo a duvidar de que alguém possa diagnosticá-lo.*

Quer saber? Estou me adiantando. Primeiro vamos falar sobre o que Frank me contou. Ele disse que Joe ficou sussurrando para ele a noite inteira. É isso. Apenas sussurrando. Mas não com uma voz normal de criança. De algum modo, o garoto conseguia fazer uma

voz toda gutural e rouca, e ficava tentando lembrar Frank de coisas que tinham feito juntos – como se o conhecesse de algum lugar.

Mas o ponto são as coisas das quais Joe tentava fazer Frank se lembrar, Rose. Eram todos pesadelos que Frank tinha quando criança. Ele disse que era como se o monstro daqueles pesadelos estivesse sussurrando para ele a noite toda, dizendo o quanto sentia falta de persegui-lo, pegá-lo e devorá-lo.

Aquilo soou estranho. Como um menino tão jovem sabe o que um atendente de quarenta anos costumava sonhar? Então eu ouvi a fita. E não consigo chegar a nenhuma outra conclusão além da de que Frank imaginou tudo. Não ouvi um único som, e o microfone estava ligado no volume máximo. Além do mais, Joe estava contido do outro lado do quarto; então, se ele estivesse fazendo um som alto o bastante para que Frank escutasse, o microfone teria captado. Não acho que ele conseguiria evitar ser gravado, a menos que estivesse sussurrando direto no ouvido de Frank, o que é obviamente impossível.

Mais estranho ainda, depois de um tempo, foi conseguir ouvir Frank respirando bem pesado. E os padrões de sua respiração não estavam normais. Era como se ele estivesse hiperventilando. Como se sofresse de um ataque de pânico, na verdade. Mas eu ouvi a fita várias vezes e não há outros sons. Nada. Então, não tenho ideia do que Frank está falando.

Mas o que tenho certeza, depois dessa sessão e daquela que tive com Joe, é de que não podemos curá-lo. Será preciso um médico melhor do que eu para descobrir o que acontece, e boa sorte em

encontrar alguém disposto a trabalhar neste buraco. Talvez ele morra aqui. Mas não há nada que possamos fazer.

Rose, um dia você será diretora médica. Nós dois sabemos. Já discutimos isso à exaustão. Sei que se sente culpada. Sei que você ficará tentada a continuar experimentando novas coisas nele. Não faça isso. Simplesmente mantenha-o aqui à custa dos pais e conte para eles qualquer história que achar conveniente. Eles são ricos o bastante para bancar uma vida inteira de cuidados médicos. E mesmo que venham a falir, encontre espaço no orçamento. Eu não suportaria saber que o tive sob meus cuidados e que, de algum modo, ele saiu para causar problemas no mundo real, com o que quer que ele tenha, só porque fracassamos. Prometa-me isso, Rose.

— Thomas

Depois dessa carta, havia apenas um documento oficial declarando que toda a terapia com Joe deveria cessar. Ele teria seu próprio quarto, mas ao preço de permanecer contido vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Só alguns atendentes selecionados teriam permissão para trocar seus lençóis e entregar sua comida, e só a enfermeira mais experiente teria a incumbência de administrar suas medicações. Toda a equipe seria encorajada a ficar longe dele. As referências a ele seriam feitas somente pelo nome abreviado e extremamente indefinido, para que, se alguém buscasse mais informações, não soubesse por onde começar. Era,

em resumo, tudo o que eu observara desde a minha chegada ao novo trabalho.

Mesmo assim, se antes eu ficara intrigado, agora estava obcecado. Ali estava a possibilidade de descobrir uma desordem não documentada previamente – não uma simples alteração de uma enfermidade que já constasse do DSM, mas algo inteiramente novo! E eu tinha o paciente zero sob o teto deste hospital. Minha escolha de residência começava a parecer um ato de Deus. Só havia uma coisa a ser feita agora: ouvir as fitas citadas nos registros.

Voltei imediatamente ao arquivista e mostrei para ele os números das fitas, esperando consegui-las bem rápido. Mas, para minha surpresa, depois de digitar os números no computador, ele franziu o cenho, confuso, e então voltou para a sala de registros sem dizer uma palavra. Cerca de dez minutos mais tarde, retornou parecendo ainda mais confuso.

— Não há nada com essa numeração, doutor — disse ele. — Nunca houve. Tem certeza de que anotou direito?

Eu tinha certeza de que sim, e, de todo modo, não podia arriscar outra consulta que poderia alertá-lo para os arquivos que eu estava olhando. Além disso, se as fitas tivessem estado ali em algum momento, fazia sentido terem sido destruídas ou removidas, dada a conexão que tinham com o paciente considerado o maior

problema do hospital. Fingi um sorriso cansado e balancei a cabeça para o arquivista.

— Alguém me pregou uma peça — falei. — Me desculpe por desperdiçar seu tempo.

Saí da sala de registros e deixei o hospital discretamente. Sabendo que precisaria de tempo para pensar no que acabara de ler, decidi parar em uma cafeteria antes de ir para casa. Enquanto estava ali, comecei a fazer algumas anotações improvisadas, a fim de registrar o que estava fresco em minha memória para análises posteriores. Essas anotações formaram a base para a minha recriação do arquivo nas páginas anteriores.

Era óbvio que Joe começara com algum tipo de distúrbio baseado em empatia, que talvez tenha piorado com a concussão que sofrera nas mãos de seu primeiro colega de quarto. Se ele fosse simplesmente um garotinho desagradável que gostava de provocar as pessoas aleatoriamente, seria fácil diagnosticá-lo como um caso clássico de transtorno de personalidade antissocial.

Mas a questão era que os problemas de empatia de Joe pareciam seguir em direções diferentes e igualmente extremas. Sua empatia emocional – ou seja, a capacidade de sentir o que as outras pessoas sentiam – era claramente inexistente, uma vez que ele fazia as pessoas se matarem e estuprara um menino antes

mesmo de saber o que era estupro. Mas sua empatia cognitiva – a capacidade de reconhecer o que os outros estavam sentindo – devia ser inacreditável. Quase super-humana. Ele não só conseguia identificar as inseguranças da outra pessoa, como era capaz de prever com perfeita exatidão como explorá-las a fim de causar o máximo sofrimento. Era o tipo de habilidade que eu esperaria ver em um interrogador treinado da CIA, não algo desenvolvido de forma espontânea por uma criança pequena.

Mais intrigante ainda era a aparente mudança de tática logo depois do encontro desastroso com seu primeiro companheiro de quarto. Antes disso, todos os numerosos registros de terapia indicavam que sua abordagem preferida era induzir sentimentos de raiva ou autodepreciação em suas vítimas. Mas imediatamente depois, como se seu *modus operandi* tivesse mudado, ele passou a infligir um medo tão extremo que despertaria uma reação de luta ou fuga. Por que essa alteração súbita na abordagem? O que aconteceu para que seus sintomas mudassem? E quem pode dizer que foi ele mesmo que disparou aqueles sentimentos de medo em primeiro lugar? E quanto ao fato de a gravação do encontro do atendente com Joe só ter revelado silêncio?

Naquela noite, provavelmente por causa da referência à experiência negativa do atendente, um dos meus

pesadelos de infância ressurgiu. Eu normalmente não entraria em detalhes sobre isso, já que me traz lembranças terríveis, mas é relevante para o que aconteceu depois, então é melhor eu explicar.

Minha mãe foi internada no hospital por esquizofrenia paranoide quando eu tinha dez anos. Meu pai a colocou lá depois da noite em que acordou e a achou inclinada sobre a mesa da cozinha com a faca mais afiada que tínhamos enfiada no pulso, murmurando sobre insetos demoníacos que o diabo colocara em seus ouvidos para fazê-la ouvir os gritos dos condenados. Ela achava que, ao se cortar, os insetos a deixariam e ela pararia de ouvir vozes. Eu não estava ciente de nada disso naquela época. Segundo meu pai, ele se assegurava de que eu estivesse fora de casa sempre que minha mãe sofria um episódio psicótico, o que, em retrospecto, explica por que ele era tão camarada em me deixar dormir constantemente na casa dos meus amigos. Apesar disso, mesmo naquela idade, eu sabia que algo estava errado, e não me surpreendi quando acordei uma manhã e encontrei meu pai à mesa da cozinha, severo e triste enquanto me explicava que minha mãe tinha que ir embora.

Mas era óbvio que eu sentia falta da minha mãe, e comecei a implorar a meu pai que me levasse para vê-la. Por muito tempo ele se recusou, mas por fim cedeu e me levou até o Santa Cristina, hospital onde minha mãe

estava internada. Aquela única visita quase acabou comigo e destruiu qualquer desejo que eu tinha de ver minha mãe outra vez.

Só para colocar em contexto, o Santa Cristina é um daqueles hospitais urbanos pobres que sempre foi subfinanciado e sofre com relatos de abusos de pacientes até os dias de hoje. Aos olhos do governo local, é efetivamente um aterro para lixo humano, e a cidade de onde venho não desperdiça muito tempo se preocupando com o conforto daqueles que vê como lixo.

Felizmente, meu pai tinha um emprego remunerado e podia evitar que minha mãe acabasse empurrando um carrinho de supermercado na rua, gritando com transeuntes aleatórios; mas nada além disso. Então o Santa Cristina era a nossa única opção. Por ser criança, eu não entendia que alguns hospitais eram melhores do que outros. Até aquela visita.

Minha mãe estava alojada em um pequeno edifício lateral onde os pacientes com dificuldades financeiras eram mantidos, e muito antes de chegar em seu quarto eu sabia categoricamente que não pertencia àquele ambiente. O lugar ficava atrás de duas portas pesadas, feias e cinzentas, abertas com um zumbido que parecia ter sido calculado para perturbar a mente humana antes que você entrasse. Já o saguão era pouco mais do que um cubo encardido, com cadeiras que nem mesmo os percevejos se dignavam a tocar.

Alguns dos pacientes – todos vestidos com aventais hospitalares idênticos e imundos – vagavam livremente pelos corredores, lançando olhares assustados e murmúrios que pareciam subterrâneos para os visitantes sãos. Mesmo aos dez anos, eu podia sentir a raiva e o medo naqueles olhos, que pareciam gritar em suas órbitas: *Por que está aqui entre os condenados, sua pobre criança idiota? Sua mãe não falou que aqui não é lugar para você?*

Mas minha mãe era uma das condenadas. Descobri isso assim que chegamos ao quarto dela e o atendente abriu a porta. Naquele momento, fui atingido pelo odor sufocante de urina e sangue, e até o atendente cobriu o nariz em um desgosto reflexivo antes de gritar por seus pares. Sem saber que havia algo errado, eu corri os olhos pelo quarto.

Minha mãe estava agachada contra a parede, o avental ensopado em uma poça de sua própria urina, que se espalhava lentamente. Em sua mão havia uma pequena faca improvisada, que ela enfiara no pulso, de onde escorria sangue vermelho. Minha mãe deve ter sentido meus olhos nela, pois se virou na minha direção enquanto eu a encarava, e sua boca se abriu em um sorriso tão largo que fiquei surpreso por suas bochechas não se partirem ao meio. Um hematoma feio e arroxeado marcava sua testa, provavelmente por bater a cabeça contra a parede.

— Parker, meu filho — murmurou ela. — Venha me ajudar com isto. Os malditos vermes não saem de mim, querido.

Eu não tinha ideia do que dizer. Não tinha ideia sequer do que pensar. Fiquei parado ali, encarando a abominação que um dia fora minha mãe. Ao ver minha expressão, que devia estar marcada de surpresa e repulsa, minha mãe pareceu desapontada e largou a faca. Seu pulso ainda sangrava, e ela ergueu o rosto para o teto e soltou um uivo animal que aos poucos se transformou em gargalhadas. Ou soluços. Eu honestamente não sei dizer. Então, ela começou a se arrastar lentamente na minha direção, o sangue do pulso se misturando à urina do chão para formar um horrendo caldo marrom-avermelhado ao seu redor. Alguma parte dela devia se lembrar de que era mãe, e que seu filho estava assustado, porque ela começou a entoar uma canção de ninar baixinho, com uma voz rouca pelos meses de sofrimento.

— Dorme filhinho, do meu coração — cantou com voz áspera. — Que as estrelas te embalarão. Feche os olhos, descanse então, sonhe com os anjos e esta cançãããããããão…

Ouvi o som de passos pesados atrás de mim e dois atendentes passaram correndo, cada qual segurando uma seringa na mão. Ela ainda estava cantando – e

gargalhando – quando eles a pegaram e a empurraram para a cama.

— Feche os olhos, descanse então, sonhe com os anjos e esta canção! — ela gritou. — Dorme filhinho, do meu coração...

A agulha penetrou e ela ficou quieta. Eu me virei e saí correndo direto para os braços abertos do meu pai, que me abraçou enquanto eu chorava com um terror primitivo e incompreensível.

É importante que saibam disso porque foi nesse dia que resolvi me tornar psiquiatra. E não qualquer psiquiatra, mas alguém que jamais trataria um paciente como dispensável, não importando quão desesperançado ou desagradável ele parecesse.

O que me traz de volta ao pesadelo que tive depois de ler o arquivo de Joe. Um dos efeitos menos surpreendentes de uma experiência traumática é ter pesadelos sobre essa experiência posteriormente, em particular quando seu aparelho psíquico está tão pouco desenvolvido quanto o meu estava durante aquele fatídico encontro com minha mãe. Como vocês devem ter percebido ao ler isto, eu ainda luto contra a sensação de que tenho a obrigação de ajudar toda e qualquer pessoa que tenha sido deixada para sofrer de sua própria doença mental, simplesmente porque uma parte de mim ainda questiona se foi por minha culpa que minha mãe enlouqueceu. Claro que me culpar dessa forma é

irracional, mas crianças – e adultos que ainda estão processando traumas de infância – não se culpam simplesmente por um desejo secreto de autodepreciação. Essas pessoas se culpam para que possam se sentir no controle do que parece ser uma situação impossível, porque o único jeito de sentir que podem processar o ocorrido é recuperando sua capacidade de ação, mesmo que seja culpando a si mesmos por algo pelo qual não têm controle algum.

Gosto de pensar que, conforme fiquei mais velho, me tornei mais capaz de lidar com o trauma que vivi sem ter a necessidade de me impor um padrão impossível a fim de me sentir no controle. Mas isso não era verdade no início, quando provavelmente entrou em cena o pesadelo que estou prestes a descrever.

No sonho, tudo começou como se fosse na vida real. Entrei no Santa Cristina e me sentei na lúgubre sala de espera. Só que não havia ninguém além de mim. Na verdade, no sonho, de alguma forma eu sabia que o edifício inteiro estava vazio, exceto por mim. E por aquilo. A coisa que eu chamava de mãe.

Eu podia sentir sua presença no edifício sem vê-la ou ouvi-la. Aquele erro horrível e traumático vibrava em cada centímetro de parede, cadeira e carpete puído que eu podia ver. E embora eu desse qualquer coisa para me levantar dali e sair correndo para me afastar daquele miserável e corroído monumento ao inferno pessoal das

almas estilhaçadas, o que eu queria fazer e o que o sonho me deixava fazer eram coisas completamente diferentes. Então, em vez de correr, senti que ficava em pé como se estivesse enfeitiçado e caminhava lentamente, passo a passo, pelo chão de linóleo cinza manchado, até o quarto que abrigava minha mãe.

Mesmo antes de chegar lá, eu podia ouvir sua gargalhada. A risada alta, aguda e melancólica dos condenados fazia as paredes parecerem se contrair literalmente ao meu redor, como as paredes do estômago de uma jiboia. Quanto mais perto eu chegava do quarto, mais desesperadamente eu lutava para sair dali, e quanto mais eu lutava, mais rápido o sonho me obrigava a me aproximar. Quando alcancei a porta atrás da qual o inferno do meu trauma infantil estava balbuciando, o cheiro de urina e sangue atingiu minhas narinas e me sufocou. Mesmo assim, o sonho me obrigava, com força implacável e impiedosa, a olhar a causa dos sons e dos odores.

Assim como acontecera na vida real, minha mãe estava agachada contra a parede de seu covil, o avental sujo do hospital ensopado da cintura para baixo por causa da poça de urina que se espalhava lentamente sob ela. Quando entrei na cela, ela sentiu minha presença e ergueu o rosto malicioso na minha direção.

E é aqui que meu subconsciente conseguiu de algum modo transformar os detalhes já terríveis daquela

lembrança no ingrediente verdadeiro e alucinógeno dos pesadelos. O sorriso de minha mãe não era apenas amplo e maníaco – era tão amplo que suas bochechas tinham rasgado, revelando gengivas sangrentas das quais vazavam horríveis eflúvios escarlates pelo queixo, até o avental. Seus braços não estavam simplesmente abertos com os cortes irregulares e brutais da faca; os ferimentos haviam infeccionado e estavam cheios de vermes. E se minha mãe de verdade parecia alta apenas quando comparada à minha estatura infantil, minha mãe do pesadelo era tão alta que não conseguia ficar em pé na cela, mas pairava sobre mim ao dobrar o corpo contra o teto, uma aranha já extasiada com o sangue da mosca traumatizada em sua teia.

Então ela gritou. Normalmente eu era poupado de ouvir essa parte porque gritava de volta, o que me obrigava a acordar. Mas, por algum motivo, na noite que se seguiu à descoberta do arquivo de Joe, minha mente não permitiu que minha garganta formasse o som necessário. Em vez disso, fui obrigado a engasgar com ruídos ásperos e aterrorizados enquanto o uivo interminável, cheio de perdição, reverberava por cada câmara dos meus ouvidos. Não consigo dizer quanto tempo isso durou, já que o tempo dos sonhos foge aos relógios mais rígidos, mas a angústia psíquica que senti foi tão aguda que poderia muito bem ter durado horas.

Mas essa não foi a única surpresa terrível que meu subconsciente tinha guardado para mim. Havia mais um novo horror. Enquanto eu observava a mãe do meu pesadelo gritar comigo, o lodo sob seus pés começou a borbulhar como se estivesse fervendo. Então, de repente, das profundezas daquele lago feculento e sórdido, saiu um par de tentáculos que se enrolou com uma firmeza terrível em minha mãe. Os tentáculos pareciam ser feitos de cabelos negros emaranhados e couro manchado de sangue, mas moviam-se e se sacudiam como se estivessem presos a algum terrível horror subterrâneo. Enquanto obrigavam a mãe do meu pesadelo a ficar de joelhos e a arrastavam para a poça de lama, ela começou a encolher, seus ferimentos se curaram e seu rosto assumiu a expressão de amor frustrado que minha mãe – minha mãe *de verdade* – exibia quando tentava me consolar.

— Ah, meu menino querido — minha mãe sussurrou. — Meu doce bebê…

O sonho não permitiu que eu sequer tentasse ajudá-la. Em vez disso, fui obrigado a assistir àquele par horrível de tentáculos eriçados arrastar minha mãe para dentro do que agora parecia um lago de sua própria imundície. Quando sua cabeça finalmente alcançou a superfície, ouvi um som terrível: uma gargalhada borbulhante e cortante que ecoava do fundo do lago e reverberava com um sadismo cada vez mais

perturbador, enquanto os tentáculos puxavam os últimos vestígios da minha mãe para as profundezas. De algum modo, essa visão fez meu cérebro libertar minha garganta, e eu gritei para ela:

— Mãe! Mãe! Volte! Mã…

— Parker! *Parker!*

Senti alguém me sacudindo e, sem mais nem menos, o sonho desapareceu da minha mente. Eu me vi encarando os olhos turvos, muito assustados e, ainda assim, ferozmente amorosos de Jocelyn.

18 de março de 2008

Oi, pessoal. É bom ver a audiência crescer. E obrigado pelo feedback. Não, não posso fazer mais nada por ela. Minha mãe faleceu quando eu ainda era bem jovem, o que justifica a minha incapacidade de ajudá-la. E esta história não é sobre ela. Eu só precisava que vocês conhecessem essa parte do meu passado.

Felizmente, o sonho não se repetiu naquela noite, e eu mais ou menos o esqueci quando voltei ao hospital. Depois de ler o arquivo do caso, minha intenção maior era encontrar um jeito de conseguir uma consulta com nosso misterioso e problemático paciente. Estava tentando imaginar como obter a permissão do meu supervisor, já que eu sabia que ele seria irredutível. Quando ele me acompanhou pelas instalações do hospital, como parte da minha orientação, fez questão de nem chegar perto do final do corredor onde Joe ficava. Quando perguntei por que tinha feito aquilo, ele quase me comeu vivo, dizendo para eu me preocupar com meus próprios pacientes e nunca fazer interferências não solicitadas no trabalho de outro psiquiatra. “Não dá para ajudar *todo mundo.*” Então, eu precisava encontrar uma

justificativa para conseguir a autorização dele. Mas, quando cheguei ao hospital, outra distração se apresentou.

Uma multidão estava reunida em torno da entrada principal, e entre as pessoas havia muitas cujas câmeras e microfones as identificavam positivamente como repórteres. Fiquei imediatamente curioso para saber o que estava acontecendo e abri caminho na aglomeração: vi uma maca com um saco para cadáver sendo colocado no furgão da polícia. Preocupado, vasculhei ao redor, em busca de algum rosto conhecido, e localizei um atendente que já tinha visto trabalhando na mesma ala que eu. Lutei para alcançá-lo e perguntei o que havia acontecido.

— Nessie morreu. — A voz dele parecia vazia, como se estivesse a quilômetros de distância. — Dizem que ela se jogou do telhado na noite passada, depois de fazer suas rondas. Ninguém sabe por quê, mas um dos pacientes diz que ela fez isso depois que terminou o serviço com… você sabe, com *ele*.

Tão horrorizado quanto meu colega, estendi um braço sobre o ombro dele e o apertei fortemente, como se quisesse lhe garantir que mais alguém sentia o mesmo que ele. O funcionário não reagiu. Aparentemente, o choque ainda era forte demais.

E assim minha necessidade de curar Joe se tornou pessoal.

Observação: A próxima atualização acontecerá na sexta-feira. Estamos nos aproximando da parte sobre a qual acho realmente difícil falar, então é provável que meu ritmo de escrita diminua.

21 de março de 2008

Nossa, eu sabia que estava jogando uma bomba neste tópico com aquele último post, mas não esperava por isso. Pelo amor de Deus, os moderadores fixaram esta postagem no topo do fórum! Nunca esperei que meu pequeno confessionário recebesse tanta atenção ou tanto amor, e não consigo dizer a todos vocês o quanto agradeço por isso. Também me diverti muito lendo todas as tentativas de vocês de diagnosticar Joe, embora ninguém tenha chegado nem perto da verdade. Mas ler os comentários de vocês fez com que eu me lembrasse mais facilmente de todas as bobagens que outros médicos descartaram, o que, por sua vez, tornou mais fácil me lembrar dos detalhes.

Ainda nem cheguei na parte que me fez duvidar da minha sanidade e as lembranças já estão me fazendo sentir como se tivesse que beber mais e mais só para sentar e escrever. Minha esposa está preocupada comigo, mas quando falei do que se tratava, ela entendeu. É a única para quem contei tudo, e, seja por amor ou por ter a mente aberta, ela acredita em mim. Estou feliz em ver que muitos de vocês também

acreditam, e, depois da última parte, alguns parecem pelo menos se aproximar da verdade. Mas não acho que alguém consiga desvendar a coisa toda. Não agora. Vocês simplesmente não têm informação suficiente.

De toda forma, parei no suicídio de Nessie, e em como isso chocou muita gente.

Francamente, não dava para ser diferente. Embora estivesse ali havia pouco tempo, eu sabia que a perda de uma enfermeira como Nessie seria sentida durante muitos anos. Nos dias que se seguiram ao terrível acontecimento, ficou óbvio que a ala na qual eu atuava estava com problemas para funcionar, uma vez que não havia Nessie por perto para carregar a maior parte da carga de trabalho nas costas. A polícia tampouco ajudou, já que fez questão de interrogar cada membro da equipe, o que atrasou ainda mais as nossas tarefas e levantou uma série de suspeitas desconfortáveis sobre o crime. Mas, por fim, o caso foi considerado suicídio e eles finalmente nos deixaram em paz.

Por uma questão de manter a ordem na ala, o dr. P. foi obrigado a se mexer e interferir mais no controle da equipe que ele teoricamente já supervisionava. Sua nova participação agressiva se manifestava gritando comigo para parar de perder tempo com psicoterapia em meus pacientes – o objetivo das sessões em grupo – e apenas medicá-los para que ficassem tranquilos. Um médico que se intimidasse com mais facilidade provavelmente teria

acatado a ordem, mas eu não. Em vez disso, pedi ao dr. P. que visitasse meus pacientes se achava que meus métodos não estavam funcionando, porque, caso contrário, eu faria questão de registrar por escrito que ele me pedira para fazer algo ineficaz. Ele se enfureceu, explodiu e me chamou de algo que não publicarei aqui, mas depois de um tempo desistiu, pois sabia que os pacientes sob meus cuidados recebiam prescrições mais direcionadas e estavam se beneficiando da minha atenção mais cuidadosa.

— Você deixou bem clara a sua posição — rosnou ele. — Mas todos têm que se esforçar mais por aqui com a morte de Nessie. Se seus métodos não podem se ajustar a isso, então encontre outro lugar para trabalhar.

Ele não estava errado sobre o “se esforçar mais”, e maldita bravura a minha, porque redigi para ele um memorando não solicitado discriminando os pacientes extras e os detalhes de triagem que estava disposto a assumir para diminuir a carga dele. Citei dois pacientes adicionais que sofriam de depressão severa e, mais importante, incluí o nome “Joseph M.” em minha lista.

No dia seguinte, cheguei cedo e, ao ver que o dr. P. ainda não estava no hospital, deslizei o envelope com a lista por sob a sua porta. Duas horas mais tarde, o dr. P. chegou todo bravo e descontente como de costume, e sem cumprimentar qualquer membro da equipe abriu a porta de seu escritório e entrou. Deu para ouvir o som de

papel amassado e eu o vi hesitar de leve antes de pegar alguma coisa no chão. Afastei-me rapidamente e me ocupei de alguma tarefa. Qualquer que fosse a reação do dr. P., queria dar a ele pelo menos alguns minutos antes de eu ter de lidar com…

— Maldito Parker H.!

O som da voz do dr. P. soou como um grande sino rouco. Ah, cara, aquilo ia ser interessante. Ouvi passos zangados se aproximarem do meu consultório, e então o rosto do dr. P. apareceu na minha porta, vermelho de choque e raiva.

— No meu escritório, "garoto prodígio"! *Agora!*

Eu me levantei, desejando manter a calma, e o segui, sentindo que o suor começava a se formar em minhas mãos. Apertei-as uma contra a outra e me sentei de frente para a escrivaninha do dr. P., fazendo o melhor possível para exibir um olhar de pura serenidade.

O dr. P. pegou minha lista de novos pacientes e praticamente a jogou na minha direção por sobre a escrivaninha.

— O que é isto? — ele perguntou, apontando para o nome "Joseph M." com o dedo gordo. — Que *diabos* é isto?

Dei de ombros.

— Você me pediu para suportar uma carga mais pesada. Estou oferecendo minha energia.

A respiração do dr. P. ficou mais acentuada, denunciando o esforço para manter a calma.

— Como conseguiu este nome? — perguntou lentamente. — Quem disse a você que tínhamos um paciente com este nome? Tem alguma ideia de *quem ele é*?

— Sim, eu sei quem ele é. Quem me contou foi Nessie. — O que, *tecnicamente*, era verdade.

Os olhos do dr. P. se contraíram em duas linhas zangadas.

— Sabe algo sobre este paciente?

— Sim, e quero tratá-lo.

— *Não!* Você não quer e não vai tratá-lo. Você não sabe nada sobre ele. Só quer provar que é o rei do universo do caralho. Bem, você foi longe demais, Parker. Eis o que vai acontecer agora. Você vai sair deste escritório e nunca mais vai mencionar isso de novo. Jamais. Ou vou garantir pessoalmente que você seja demitido e mandado de volta para aqueles liberais de merda em New Haven com o rabo entre as pernas. *Entendeu!?*

— Já chega, Bruce.

Levei um susto. A voz fria e afiada que vinha da porta do escritório, atrás de mim, pertencia a ninguém mais do que a dra. G. O dr. P., que estava inclinado sobre sua escrivaninha para me ameaçar com mais efetividade, ficou pálido de repente e recostou-se em sua cadeira.

— Rose — disse ele. — O que você... Quero dizer, é sempre um prazer tê-la no hospital, mas por que você...

— Porque eu preciso ver alguém. — A dra. G. respondeu com suavidade, entrando no escritório com uma frieza régia. — Quero dizer, se já terminou de dar a ele um motivo para fazer uma reclamação no RH contra você.

— Ah — exclamou o dr. P. — Bem... Quero dizer...

— Saia, Bruce.

— Eu estava só...

— Palavras não são suficientes para expressar o quanto não me importo. Saia.

— Espere... Este... este é meu escritório.

— E eu preciso da sua escrivaninha por alguns minutos.

O dr. P., parecendo desanimado, levantou-se e começou a sair. Mas, ao fazer isso, algo pareceu incomodá-lo, e ele se virou para mim com uma expressão que parecia ao mesmo tempo cheia de raiva e de pena.

— Seu maldito moleque idiota — rosnou. — Estou tentando protegê-lo. Você tem feito um bom trabalho aqui. Odeio admitir, mas tem. Afaste-se disso antes que seja muito...

— Fora, Bruce. *Agora*.

O dr. P. me deu um último olhar sofrido e saiu do escritório. Fiquei sozinho com a dra. G., que foi até a mesa do dr. P. e se sentou, encarando-me com interesse

cauteloso. Ao se sentar, notou minha proposta de novos pacientes, e sua boca se curvou em um sorriso amargo ao lê-la.

Percebi que nunca descrevi a dra. G. A julgar pelas datas no arquivo que vi, ela devia estar na casa dos cinquenta anos, mas não parecia ter mais do que quarenta, com o cabelo castanho na altura dos ombros, olhos verdes penetrantes e um rosto redondo, mas levemente pálido. Também era muito alta – mais alta do que eu com a ajuda dos sapatos pretos de salto alto que usava – e magra, com um corpo que mais parecia pertencer a uma atleta olímpica do que a uma médica. Se eu fosse mais velho, provavelmente a teria achado atraente, mas, naquela época, seu olhar aguçado só tinha o efeito de me deixar ciente de quão dolorosamente jovem e inexperiente eu era. Era como ser radiografado por uma máquina muito crítica.

Depois de um momento me analisando, ela falou.

— Suponho que isso seria inevitável. Então me diga. Por que quer tentar terapia em um paciente incurável?

— Bem — respondi. — Não tenho tanta certeza de que ele seja incurável.

— Como você saberia? Falou com ele?

— Não.

— Por que não?

Eu a encarei boquiaberto.

— Quero dizer, presumi que, se eu tentasse, seria demitido, com todo mundo me ameaçando se eu não ficasse longe dele.

— Quem ameaçou você?

— Bem… o dr. P., como você pôde ver. E Nessie.

— Ah — exclamou a dra. G. — Bem, embora ela assumisse todos os deveres para si, posso lhe assegurar que Nessie O'S não tinha autoridade para demitir ninguém. Você poderia simplesmente ter pegado a chave e visitado Joe quando quisesse.

Eu pestanejei.

— Quer dizer que não há um procedimento especial?

— Ah, para *tratá-lo*, sim — garantiu a dra. G. — Mas para simplesmente entrar no quarto dele? Não. Acho que a combinação do medo de Bruce, do medo de Nessie e do medo das histórias sobre Joe mantém a maioria das pessoas afastada. Quem vai lá dificilmente fica mais do que alguns minutos, a menos que seja obrigado, e os que são obrigados… Bem, você viu o que aconteceu com Nessie.

— Sim — falei. — Eu vi.

Ela inclinou a cabeça para me olhar.

— Isso não dissuade você? Não tem medo de acabar do mesmo jeito?

— Não — respondi. — Pelo contrário: o que ela fez só tornou isso algo pessoal.

— Entendo — disse a dra. G. — Bem, próxima pergunta, então. Você não falou com Joe. Viu o arquivo dele?

— Não — falei rapidamente, mas algo que eu disse deve ter denunciado a mentira, porque ela me olhou feio.

— Tenho coisas melhores a fazer do que ouvir um psiquiatra iniciante mentir para mim. Tente a verdade da próxima vez, ou esta reunião acaba aqui.

Engoli em seco.

— Tudo bem — confessei. — Eu vi.

— Melhor assim. Então, se você leu o arquivo e ainda quer trabalhar com Joe, deve ter um diagnóstico em mente. Se importa de me esclarecer o que viu ali que o resto de nós deixou passar nos últimos vinte anos?

Era uma armadilha.

— Não acho que vocês deixaram passar nada — respondi com cuidado. — Mas o arquivo diz que ele foi tratado pela última vez no final dos anos 1970. O manual de transtornos mentais foi revisado desde então, como você sabe.

— Pare de ser condescendente comigo e vá direto ao ponto.

Ops.

— Acho que o primeiro diagnóstico pode ter sido correto, e podemos estar simplesmente lidando com um sociopata muito, muito sofisticado. Mais sofisticado do que imaginávamos nos anos 1970. Há obviamente

também um transtorno de personalidade sádica, e ele pode ter algum tipo de progéria psicológica, o que o faz parecer mais adulto. A coisa mais estranha é a habilidade que tem de induzir delírios nos que estão ao seu redor, o que é raro, mas possível. Alternativamente, acho que também podemos testar se ele tem algum tipo de transtorno com o qual espelha as emoções das pessoas...

Ela ergueu a mão para me calar.

— Errado. Não o culpo por tentar, mas ainda está errado. E, para ser justa, você não podia saber a resposta correta. Não viu o arquivo.

Ergui uma sobrancelha.

— Você não acaba de me fazer confessar que vi?

— O que você viu não é o arquivo completo. Não sou estúpida. Sei que as pessoas acham um jeito de manipular o sistema de registros de tempos em tempos e ver o que há ali. Então, em vez de remover o arquivo dele, deixei só um conjunto incompleto de documentos, sabendo que assustaria quase todo mundo que tivesse acesso a eles por curiosidade. O que você viu é o que eu quis que visse. Nada mais.

Pestanejei estupidamente.

— Quanto mais há além daquilo?

— Os documentos restantes são um pouco mais práticos e técnicos do que os que você viu. E há, claro, as duas fitas de áudio. Que, falando nelas, foi como eu soube que você estava mentindo. Porque toda vez que

alguém pede aqueles números de arquivo, nossos arquivistas sabem que precisam me avisar. Eles não sabem por que precisam fazer isso, mas tenho certeza de que *você* pode imaginar.

— O único jeito de alguém saber aqueles números é vendo o arquivo — respondi, desanimado.

Ela assentiu.

— O que quer dizer que eu sabia que você o tinha visto antes mesmo de entrar aqui.

Ela se recostou na cadeira do dr. P. e me deu um olhar satisfeito e penetrante. Eu me perguntei se era assim que um rato se sentia quando era encarado por um gato.

— Então — ela continuou, animada —, já que estabelecemos que sou a única nesta sala que tem acesso à maior parte das informações, me diga: além de presumir que éramos estúpidos demais para enxergar algo só porque ainda não estava no DSM ou que não considerávamos que ele sofria de um coquetel de transtornos raros que qualquer pessoa teria descartado depois de vinte anos, por que eu deveria deixá-lo se aproximar de um paciente que separei do restante da equipe? E, por favor, desta vez considere que está falando com alguém cujas motivações são *inteligentes*.

— Eu... — Fiz uma pausa para organizar meus pensamentos. — Suponho que seja inútil perguntar quais são essas motivações de fato?

— Não, estou feliz que tenha perguntado — disse ela e, para minha surpresa, sorriu. — Vamos dizer que seja inútil por enquanto, mas lhe dou crédito por fazer a pergunta em vez de se apressar em tentar respondê-la desta vez. É um ponto a seu favor. Contudo, gostaria que tentasse imaginar a resposta e, se for perspicaz o suficiente, talvez eu lhe diga.

Pensei sobre aquilo.

— Bem, há algumas coisas que não fazem muito sentido sobre como ele é tratado. Vou presumir que sejam intencionais, então deixe-me ver se consigo começar com isso e avançar a partir daí.

Ela não disse nada, mas tampouco parou de sorrir. Ou eu estava no caminho certo ou tão espetacularmente errado que era engraçado.

— Vamos começar com o fato de você ter dito que qualquer um pode conversar com ele se quiser, mas ninguém efetivamente faz isso — falei. — E, mesmo assim, eu disse para o dr. P. que queria tentar terapia com Joe e ele ficou possesso. Teoricamente, a terapia não envolve nada *além* de falar com alguém, mas se qualquer um pode falar com ele, então isso deve significar que você acha que ele precisa de um tratamento diferente da psicoterapia com medicação, ou, pelo menos, de algo além disso. Algo que exija recursos hospitalares que não se resumam ao tempo de um médico e a um bloco de receituário.

— Você está no caminho errado — disse ela, com um leve balançar de cabeça.

Lutando contra a vontade de fazer uma careta, comecei novamente.

— Tudo bem, então talvez você não precise mais do que apenas psicoterapia e medicação para tratá-lo — retomei, falando mais lentamente desta vez, como se tentasse resolver o enigma. — Mesmo assim, você ainda é tão enfática em desencorajar uma conversa com ele que aposto que há algo perigoso até em fazer isso. Mas, mesmo que não haja problema em ter contato com ele em curtos períodos, falar aleatoriamente com um paciente não significa terapia. Posso me aproximar de um paciente catatônico e conversar com ele, mas isso não faz dele *meu* paciente. Não sou responsável por um paciente só porque comecei a falar com ele. Mas se eu o assumir formalmente como paciente, terei muito mais responsabilidade tanto pelo tratamento quanto por garantir que nada dê errado. Talvez a família de Joe possa nos processar se fizermos algo realmente errado. *Por outro lado...*

Ela estava começando a me interromper, o que possivelmente indicava que minhas três últimas palavras soaram mais temerosas do que deveriam, mas tiveram o efeito desejado. Ela fechou a boca e continuou ouvindo. Soltei o ar lentamente.

— Por outro lado — prossegui —, você já acha que Joe é incurável, então imagino que outros médicos tenham tentado tudo o que podiam e ele não foi retirado da nossa custódia; portanto, preocupações com a insatisfação da família não devem ser um fator. O que significa que você está protegendo mais alguém.

Imediatamente, um raio de compreensão me atingiu.

— Deve ser isso! Porque há no arquivo um bilhete do último diretor médico para *você*, dizendo que ele deve ser mantido aqui, à custa do hospital, mesmo que a família pare de pagar, a fim de proteger o mundo exterior da presença dele. Mas isso ainda não explica por que você ficaria tão ansiosa em impedir que os médicos o assumissem como paciente. Supostamente, devíamos lidar com coisas que a maioria das pessoas não consegue.

As palavras saíam agora aos borbotões, e duvido que a dra. G. pudesse me impedir de falar se quisesse. Mas ela não mostrava sinais de querer isso. Pelo contrário, parecia quase orgulhosa.

— A menos que o problema seja ainda *mais* perigoso para nós — continuei a falar. — Mas um problema assim não é normal em se tratando de um paciente psiquiátrico; no entanto, é bem normal se você estiver lidando com alguém sob quarentena por conta de uma doença altamente contagiosa. Esses pacientes realmente *são* mantidos inacessíveis, exceto por pessoas que

seguem os procedimentos adequados para tratá-los com segurança por causa do risco aumentado de exposição prolongada. O fato de ficar alguns minutos no mesmo quarto com alguém que tem ebola não garante que você seja infectado, mas passar horas tentando tratá-lo sem os procedimentos adequados é praticamente uma sentença de morte. Da mesma forma, julgando pelo modo como você ajeitou tudo, falar com esse paciente por alguns minutos provavelmente não vai colocar ninguém em perigo. Mas vi o que aconteceu com Graham, o atendente, e com Nessie. Ela foi exposta a ele todas as noites e acabou cometendo suicídio. O que quer dizer que você se preocupa com alguém que o aceite como paciente porque isso significa exposição prolongada, o que nos coloca sob maior risco de que ele nos leve a fazer algo como o que ela fez.

Parei de repente, e senti um calafrio pelo corpo.

— Dra. G., se outros médicos já o trataram... hum... Posso perguntar o que aconteceu com eles?

Ela ergueu as mãos e aplaudiu lentamente.

— *Esta*, sim, é uma pergunta que posso responder — disse ela com suavidade. Sua voz não era mais cortante, mas triste. — Para isso você precisa vir comigo.

Ela se levantou e deixou o escritório do dr. P. a passos acelerados, sem verificar se eu a acompanhava. Saí correndo e a alcancei no elevador. Subimos em silêncio até o último andar e então entramos em seu escritório.

Depois de destrancar uma gaveta, ela tirou um arquivo grosso e o abriu.

— O dr. A. obviamente fez o diagnóstico inicial, ou tentou fazê-lo, de todo modo — contou ela. — Mas você provavelmente percebeu a lacuna de quatro anos depois disso. Bem, acredite ou não, não deixamos Joe completamente sozinho durante esse tempo. Pessoas tentaram tratá-lo. De fato...

Ela engoliu em seco.

— Eu fui a primeira. Tinha acabado de começar no hospital e o dr. A. me enviou para fazer uma tentativa. Eu tinha me formado como primeira da classe e tive um desempenho excelente na residência e na bolsa de estudos, e como os hospitais psiquiátricos eram mais bem financiados naquela época, podiam se dar ao luxo de ter a melhor entre os melhores. Você não é o único acusado com frequência de ser a pessoa mais inteligente da sala.

Ela olhou de relance para a direita, e eu vi seus diplomas. Mestrado e doutorado. *Veritas*. Além da residência no melhor hospital do país, uma bolsa de estudos e duas certificações. Era uma formação e tanto.

— O dr. A. estava certo. Eu era a pessoa mais inteligente na sala. Mas aquilo não me impediu de tentar engolir um frasco de pílulas do posto de enfermagem após quatro meses tratando Joe. Depois disso, o dr. A. me afastou e me colocou em licença médica remunerada

obrigatória, para que eu pudesse fazer terapia e me recuperar da experiência. Passei alguns meses em uma clínica privada antes de voltar, e nunca mais fui designada para interagir com Joe. Depois de mim, o médico seguinte passou um ano tentando tratá-lo. Terminou quando o médico em questão parou de comparecer ao trabalho. Foi encontrado dois dias depois, quando demos queixa de seu desaparecimento. A polícia o encontrou escondido em casa, sofrendo do que imagino terem sido sequelas de um surto psicótico. Digo "imagino" porque, no instante em que a polícia invadiu sua casa, ele correu na direção dos oficiais com uma faca e não tiveram outra alternativa senão matá-lo com um tiro.

Ela fez uma pausa, lançou-me um olhar significativo, e seguiu em frente.

— A médica seguinte de Joe durou só seis meses antes de ficar catatônica e ter que ser internada aqui. Talvez você até pudesse ter tratado dela sem saber, só que ela conseguiu encontrar um objeto afiado e cortou a própria garganta um mês antes de sua chegada. Em todo caso, depois dela, designamos alguém mais durão para trabalhar no caso de Joe. Ele tinha antecedentes militares e veio de um hospital onde lidava com criminosos insanos. Durou dezoito meses antes de nos enviar uma carta de demissão contendo uma única frase... e meter uma bala na cabeça.

Quando chegou ao fim da página, ela deu um suspiro profundo.

— Depois disso, Thomas, quero dizer, o dr. A., decidiu assumir o caso ele mesmo. E, por seu mérito, sobreviveu à experiência. Mesmo assim, ele parou o tratamento depois de oito meses. E antes de deixar o cargo de diretor médico alguns anos mais tarde, passou a integrar o conselho para se assegurar de que todo diretor médico que viesse depois dele assinasse um acordo prometendo não designar ninguém para o caso de Joe sem antes entrevistar pessoalmente o candidato para checar sua adequação. Como todos os meus antecessores, concordei e me recusei a designar Joe para um médico sem fazer uma dessas avaliações. Porque você está certo. A loucura dele é contagiosa. Vi destruir meus colegas e até mesmo o homem que me orientou e me preparou para o trabalho que tenho hoje. E quase me destruiu.

Seus olhos encontraram os meus e, por um instante, vi algo por trás da mulher fria e astuta que ela era. Vi uma jovem médica destruída, zangada, que pensava ser brilhante, assim como eu, e que só fora capaz de assistir impotente a um de seus pacientes arruinar sua vida e a vida dos que estavam ao seu redor.

— Você está me examinando — falei com suavidade. Ela assentiu. — O que ele faz com as pessoas, dra. G.? Se a loucura dele é contagiosa, gostaria de saber o que devo temer. Talvez eu possa me proteger contra isso.

Ela ergueu as sobrancelhas e seus lábios se curvaram em um sorriso amargo.

— Receio não ter essa resposta, Parker — disse ela. — Infelizmente, essa é uma pergunta que só você pode responder, e você conquistou esse direito, por mais que eu odeie a ideia de colocar mais alguém em perigo. Mas você já demonstrou inteligência suficiente para indicar que talvez possa ser capaz de fazer algo com ele. Então, deixe-me perguntar: do que você tem mais medo?

— Hum... — Tentei pensar, mas nada me veio à mente. — Eu... Eu não sei?

— Desculpe, isso não serve — falou ela. — Se vai tentar fazer terapia com ele, precisa saber antes a resposta para essa pergunta. É sua primeira linha de defesa. De fato, se você o tratar, é a minha primeira linha de defesa também, porque se eu não souber a resposta para essa questão, não terei ideia do que poderá acontecer naquela ala depois de sua primeira sessão de terapia com ele. Tente novamente. Não tenha pressa.

Um arrepio agudo percorreu minha coluna.

— Você quer dizer que ele consegue saber o que quer que...

— Apenas. Responda. À pergunta.

Era o mais próximo de um sim que eu podia conseguir. Então pensei. Pensei por vários minutos, em completo silêncio. A dra. G. não fez nada para me interromper. Ela

parecia tão fascinada pela resposta que viria quanto eu estava perplexo. Pensei em todas as respostas normais, é claro – afogamento, insetos, fogo –, mas uma coisa ficava me cutucando bem lá no fundo: a imagem da minha mãe naquele quarto de hospital. Só havia uma resposta que eu podia dar.

— A coisa que mais tenho medo é de não ser capaz de proteger as pessoas com as quais me importo — disse, por fim. — Tenho medo de ser impotente na hora de salvar alguém.

A dra. G. ergueu as sobrancelhas, genuinamente surpresa.

— Interessante — comentou ela. — Então me diga: há alguém na minha equipe com quem você se importe o bastante a ponto de sofrer se essa pessoa caísse morta? Não se preocupe em ser polido.

Sentindo-me envergonhado, apesar de sua última instrução, neguei com a cabeça. Ela assentiu.

— Imaginei que não. Você não está aqui há tanto tempo, na verdade — disse ela. — Assegure-se de não criar laços tão cedo.

Sem dizer mais nada, ela pegou uma folha de papel em branco da mesa, escreveu alguma coisa, assinou o nome e a entregou para mim.

— Leve isso para o dr. P. A partir de agora, você é o novo médico de Joe — falou ela. — Vou designá-lo para você, se quiser, mas com uma condição. Você deve

marcar uma reunião comigo e me contar, com o máximo de detalhes possível, o que ele fez para convencê-lo de que não é a pessoa adequada para continuar como seu médico. — Ela abriu a gaveta e tirou as duas fitas cassete. Colocou-as em minhas mãos, juntamente com os arquivos que faltavam do paciente. — Ah, e, Parker? Tente não se matar antes disso — pediu ela, olhando-me nos olhos. — Agora vá procurar Bruce, onde quer que ele esteja ruminando seu mau humor, e entregue este bilhete para ele.

Achei o dr. P. sentado em uma das cadeiras do lobby do hospital, parecendo ao mesmo tempo rebelde e extremamente cansado. Quando me aproximei, ele deu um grunhido insatisfeito, reconhecendo minha presença, mas não se virou.

— O que foi, garoto prodígio? — perguntou ele. — Terminou o *tête-à-tête* com a chefe? Já veio limpar sua mesa?

Eu não soube como reagir, então só entreguei o bilhete por sobre seu ombro. Ele pegou o papel, leu e afundou na cadeira como um homem que acabava de saber que seu parente mais próximo fora assassinado. Então se virou para mim e, pela primeira vez, sua expressão não era hostil ou zangada. Em vez disso, seus olhos só mostravam derrota e medo.

— Ora, quem diria — comentou ele. — Rose deve achar você tão inteligente quanto você mesmo se acha.

Uma pena. Porque eu sei que fazer isso o torna o filho da mãe mais idiota e maluco deste hospital. Assegure-se apenas de que sua nova aberraçãozinha de estimação não vai fazê-lo se atrasar em seus outros deveres. Espero que mantenha todos os pontos de sua proposta.

— É claro — concordei. — Há algo mais que queira falar sobre a lista de novos pacientes e horários de admissão contidos em minha proposta?

Ele deu uma gargalhada vazia.

— Não, garoto, não quero. Agora pare de desperdiçar meu tempo e vá fazer alguma de suas novas tarefas. Até mesmo Joe. — Ele me deu um sorriso cauteloso, sem humor. — Acho que não precisa de ajuda para encontrar o quarto dele, certo?

Não. Eu não precisava.

24 de março de 2008

Uau. Tudo bem, preciso escrever isso rápido, caso contrário nunca vou terminar. Vou ter uma ressaca matadora, mas foda-se. Colocar essa coisa no papel é como quimioterapia para minha alma. Dói demais, mas está queimando algo pior. Não adianta mesmo adiar, então vamos falar sobre meu primeiro encontro com Joe. E, sim, tentei escrever exatamente como me lembro, mas obviamente não tenho uma gravação para me recordar; então, se tiver que parafrasear um pouco em algumas partes para que o relato não pareça tão desconexo, acredito que vocês vão me dar um desconto.

Embora seu ocupante fosse tão temido e desprezado pelo restante da equipe do hospital, o quarto de Joe preenchia bem poucos clichês de filmes de terror. É verdade que ficava no fim de um longo corredor, o que garantia a qualquer um que caminhasse naquela direção tempo mais que suficiente para refletir sobre o que estava fazendo, provavelmente com medo cada vez maior, mas tenho certeza de que isso era proposital. Considerando o conteúdo do arquivo resumido, fazia sentido manter Joe longe dos outros pacientes, e, já que

poucos membros da equipe interagiam com ele, esse era outro motivo para tirá-lo do caminho. E dada a referência que o arquivo fazia à boa condição financeira da família dele, talvez também fosse um ato de deferência dar a ele um dos quartos mais amplos e bem iluminados do hospital, apesar da frequente falta de leitos e de espaço da instalação.

Mesmo assim, se vocês acham que isso diminuiu minha apreensão quando dei aqueles primeiros passos pelo corredor, estão redondamente enganados. Até este ponto, Joe tinha sido apenas um quebra-cabeça intelectual distante, algo para ser imaginado e avaliado só na teoria. Mas agora eu era oficialmente seu médico. E embora talvez fosse tarde demais para apelar ao bom senso, de repente eu me senti mais do que um pouco nervoso com meu primeiro encontro com aquele paciente, cujo número de vítimas se estendia não só a outros pacientes como ele, mas àqueles treinados para encarar a insanidade sem medo. As palavras da dra. G., do dr. P. e, principalmente, de Nessie ficavam ecoando em minha mente. Quando cheguei à porta do quarto, eu meio que esperava levar um choque ao inserir a chave e puxar a maçaneta. Mas nada disso aconteceu.

Para um paciente tão formidável, Joe não passava a mínima impressão de perigo. Não tinha mais do que um metro e sessenta e sete de altura e era o mais magro que alguém pode ser sem parecer subnutrido. Uma

maçaroca de cabelo loiro que parecia não ser penteado há anos caía ao redor de seu rosto.

Ele estava sentado de costas para mim, em uma das cadeiras baratas do hospital. Quando se levantou e virou, esperei que seu rosto demonstrasse algum tipo de terror inesperado. Mas, mesmo então, fiquei desapontado. Seu rosto era comprido, pálido, um queixo fraco e caído, maçãs do rosto salientes e dentes levemente amarelados. Os olhos azul-claros pareciam desfocados e quase ausentes, como os de alguns dos pacientes mais catatônicos que eu já vira.

Ficamos nos encarando por alguns instantes antes que eu falasse:

— Joe? — disse em meu tom de voz mais profissional. — Sou o dr. H. A dra. G. me designou para fazer terapia com você, se você concordar.

Ele não disse nada. Não teve reação alguma.

— Se for um momento ruim, posso voltar…

— Você é jovem.

A voz dele era esganiçada e baixa, áspera, como se ele quase não a usasse. Teria sido levemente desconcertante se não fosse a grande tristeza contida nela, o que só o fazia parecer ainda mais patético.

Concordei com a cabeça e dei um pequeno sorriso.

— Sou, sim — respondi, calmo. — Isso o incomoda?

Ele deu de ombros.

— Os outros não eram tão jovens quanto você. Devo ficar impressionado?

Pestanejei.

— Impressionado? Pelo quê?

— Bem, você deve ter irritado alguém *de verdade* para ser mandado até aqui na sua idade.

Sem pensar, sorri. Tinha me preparado para o pior quando entrei naquele quarto. Tinha esperado abuso verbal, provocações, relatos de fantasias perturbadoras e até mesmo tentativas de agir de acordo com elas. A única coisa que não esperava era que Joe fizesse uma piada, muito menos que fosse realmente *engraçado*.

— Talvez você tenha razão, mas por que isso o impressionaria?

Joe deu de ombros.

— Fico impressionado com qualquer um que irrite a equipe daqui. Para mim, isso faz de você uma alma gêmea. Além do mais, o que quer que tenha feito para que eles me tornassem seu paciente, deve ter sido algo bem ruim. — A expressão de Joe azedou, e ele continuou: — Isso ou *ela* ficou mais cruel na velhice. Ou desesperada.

— Quem?

— Você sabe quem — ele disse com um sorriso amargo. — Ela. Aquela que me mantém trancado aqui. Por que ela simplesmente não desiste e corta minha garganta? Aposto que fez isso com muitos outros.

— Se está se referindo à dra. G., eu…

— Ah, doutor, doutor, doutor — Joe falou baixinho. Então, sem aviso, deu um tapa na parede e bufou com desgosto. — Bem, ela é uma médica de merda. Não consegue curar um paciente, então me tranca aqui sem quase ninguém com quem falar por décadas e depois manda uma carinha nova como a sua. Deixe-me adivinhar. Você é o jovem médico mais brilhante do pedaço, e eles acham que talvez você, e apenas você, possa me curar?

Eu não devia ter me surpreendido com o fato de ele descobrir o que eu achava serem detalhes particulares sobre mim, mas me surpreendi. Meu rosto deve ter denunciado o choque, porque ele riu com desdém.

— Eu não precisaria ser mágico para imaginar isso — ele disse. — Aquela puta só mandaria alguém aqui por uma única razão: quer demitir essa pessoa. Você sabia que, provavelmente, eu já estava aqui quando você ainda usava fraldas e ninguém, desde então, teve qualquer ideia do que fazer comigo? Perceba que ela sabe que eu não sou “curável”. Você é apenas um cordeiro enviado para o sacrifício e que dará a ela algo para relatar aos meus pais, aqueles malditos e inúteis, a fim de que eles continuem mandando dinheiro enquanto ela se livra dessa carinha nova e brilhante que poderia fazê-la parecer perversa.

Eu estava chocado. Não era assim que imaginava que o paciente mais temido do hospital fosse agir. Ele era amargo e frustrado, sim, mas parecia incrivelmente lúcido, até são. Difícil acreditar que aquele indivíduo fosse fruto de mais de vinte anos de confusão e terror, ainda mais sendo mantido sob custódia hospitalar. Além disso, seus comentários me deixaram um gosto ruim na boca, e me fizeram duvidar do que tinham me dito. Será que todas as histórias sobre ele eram realmente apenas um ato elaborado para manter um fluxo confiável de receita para o hospital? Ergui uma sobrancelha.

— Joe, você não acha que há algo errado com você?

— Como diabos vou saber? — Joe replicou. — Até onde posso dizer, são todos os outros que ficam insanos ao meu redor! Aconteceu com tanta frequência que às vezes me pergunto se fazem isso de propósito, só para me deixarem tão doido quanto eles, nessa tentativa de adivinhar que maluquice alguém vai fazer a seguir.

Ele parecia sincero demais para estar mentindo, e, apesar de tudo o que eu havia descoberto, comecei a sentir pena dele. Mesmo assim, algumas das histórias que ouvira tinham ficado marcadas o suficiente para me fazer ter cautela, então não respondi imediatamente. Melhor deixá-lo falar.

— Bem, vá em frente, vamos acabar com isso — ele falou com uma risada amarga. — Tenho certeza de que

fiz algo para deixar você maluco sem perceber nos últimos minutos.

Neguei com a cabeça.

— Não.

— Bem, então aleluia. Mas consigo ver as engrenagens desse seu cérebro inteligente. Vá em frente, fale logo. Por que está com a cara toda franzida assim?

Dei de ombros.

— Honestamente, não sei o que pensar, Joe. Você não me parece um monstro, mas seu arquivo tem algumas coisas perturbadoras.

— Ah, é? — ele zombou. — Deve ser coisa boa. Tipo o quê?

— Bem — falei —, não acho que uma pessoa normal tentaria estuprar um menino de seis anos na primeira noite que dividiu um quarto com ele.

Joe bufou.

— É isso o que o arquivo diz que aconteceu com Nathan?

Tive que reprimir a surpresa. Alguém tão cruelmente mau como Joe não costuma se lembrar de cada uma de suas vítimas pelo nome depois de tanto tempo. Pessoas assim podiam se lembrar dos atos que cometeram, mas em geral as vítimas eram tão desumanizadas em sua mente que nomes não faziam parte do pacote.

— O que aconteceu com Nathan, Joe? — perguntei. — Por que não me conta seu lado da história?

Ele não respondeu de início, mas deu um chute na cama, com desgosto. Após um momento de silêncio, deu-me um olhar avaliador.

— Antes que eu conte a você — disse ele —, tenho uma pergunta.

— Sim?

— Você tem chiclete? — Ele me deu um sorriso torto. — Eu costumava ganhar da Nessie. Mantém minha mente ocupada. Alivia o tédio.

Acontece que, sim, eu tinha um pacote velho de chicletes no bolso. Tirei-o e dei um para ele. Joe o pegou, desembrulhou e colocou a coisa inteira na boca com óbvia satisfação, e então me deu um sorriso torto novamente.

— Obrigado, doutor — falou ele. — Acho que você pode ser ok.

Sorri de volta, apesar de me sentir confuso.

— Então... e Nathan?

— Certo, Nathan. — Joe mastigou pensativo. — Bem, sei que isso é o que muita gente diz, mas a coisa é... ele veio até mim.

— Acho difícil de acreditar, Joe. Ele tinha seis anos. Você tinha dez.

— Sim, sim, eu sei, ele era muito jovem — Joe comentou zangado, abanando a mão para deixar meu comentário de lado como se fosse uma mosca. — Mas você acha que ele sabia disso? O pai fodia Nathan desde

que o garoto aprendera a andar. Acho que ele achava que era amor. De todo modo, ele me disse que não conseguia dormir a menos que alguém “colocasse nele” primeiro, e me pediu para fazer isso. Bem, eu era uma criança, e não sabia de nada. Eles não ensinam para você aquela história de abelhinhas e florezinhas em um lugar como este, sabe? Então eu fiz. Mas como eu não sabia o que estava fazendo e não tinha nada para tornar a coisa mais fácil, ele começou a gritar. Os atendentes estavam ali fora, então eu não consegui sair de cima dele a tempo. E você acredita que iam me ouvir depois do que acharam ter visto? — Ele revirou os olhos. — Acho que eu não devia reclamar, já que pelo menos não vou morrer virgem. Não é como eu teria escolhido perder a virgindade, mas não podemos ter tudo.

Embora contrariasse a lógica do que eu vinha pensando até então, eu tinha que admitir que a história parecia plausível. Mesmo assim, havia muito mais naquele arquivo para que todos os conteúdos fossem apenas mal-entendidos. Pressionei um pouco mais.

— Mesmo que eu acreditasse em você, Joe — falei —, está longe de ser a única coisa nos seus registros. Seus médicos sempre acabam mortos ou malucos.

— E você acha que eu faço isso? — perguntou Joe. Apontou para o próprio corpo, exasperado. — Pareço ameaçador para você, doutor?

— Não — respondi. — Mas se você faz *gaslighting* com alguém…

— Se eu o quê?

Certo, ele podia não estar familiarizado com o termo. Duvido que alguém tivesse mostrado o filme para ele.

— Quero dizer, se você tenta deliberadamente deixá-los loucos.

Ele zombou.

— Bobagem. Eles não se mataram porque eu era maluco. Eles se mataram porque sabiam – eles e todo mundo que já trabalhou no meu caso – que eu era são.

Meu queixo caiu antes que eu pudesse impedir. Ao ver isso, Joe gargalhou.

— Ah, eu sei, eu sei, parece ridículo, mas pode acreditar em mim, é verdade. É assim desde a segunda vez que meus pais imbecis me deixaram aqui para se livrarem de mim só porque não conseguiam lidar comigo, e disseram aos médicos que inventassem um motivo para me internar. Bem, como esses médicos eram uns idiotas gananciosos, inventaram uma merda qualquer, mas pelo menos no início sabiam que tudo isso era uma farsa. Antes de ela aparecer.

Ele rosnou baixinho e cuspiu no chão antes de prosseguir.

— Sabe o que eu ia ser antes que sua preciosa dra. G. viesse trabalhar aqui, doutor? Eu ia ser o caso que ninguém ia querer pegar. Aquele presunçoso do dr. A.

criou uma política mais ou menos oficial de que só os médicos de graduação inferior seriam designados para trabalhar comigo porque ninguém queria fazer terapia com um paciente são que estava sendo mantido aqui simplesmente a pedido dos pais. Acho que meu azar foi a dra. G. ter sido a primeira a receber essa tarefa. Porque, deixa eu dizer uma coisa para você: a dra. G. era ambiciosa demais para perder tempo com isso. Então, o que ela faz? Conta uma historinha sobre como é aterrorizante trabalhar comigo, deixa um bilhete suicida bem onde os outros médicos vão achar e em seguida sai de licença médica; aí ela consegue trabalhar com pacientes de verdade quando volta e eu deixo de ser o caso com o qual ninguém se importa para ser o caso sobre o qual ninguém ousa falar. Então, o que fazem? Começam a mandar os médicos que querem demitir para trabalhar comigo porque isso lhes dará a desculpa para se livrar dos pobres idiotas. E aqueles médicos todos sabiam que, se não conseguissem me curar, aquela vaca e o mentor sem coração dela iam se assegurar de que suas carreiras estivessem acabadas; mas assim que falavam comigo, sabiam que não ia dar para fazer nada porque não havia nada a ser curado. Aqueles que duraram mais foram os que conseguiram se convencer de que receber um salário era o melhor jeito de se vingar deste lugar. Quanto mais conseguiam viver com isso, mais tempo permaneciam. E eu tinha que assistir às

únicas pessoas que se importavam comigo, o mínimo que fosse, perderem a cabeça nesse processo.

Eu ainda tinha dúvidas, mas, por algum motivo, quanto mais Joe falava, mais meu coração se abria para ele. Se tivesse que imaginar o que o tornava tão simpático, eu diria que era seu comportamento. Acho que não estou sendo muito claro aqui, mas embora ele estivesse tecnicamente se defendendo, sua voz ainda parecia vazia e resignada, como se soubesse que, mesmo que eu acreditasse nele, isso não ajudaria em nada. Como se estivesse se defendendo no piloto automático. E, como havia tão pouca esperança no que ele estava me dizendo, aquilo me deixou ainda mais inclinado a acreditar que ele estava sendo honesto. Pensando em retrospecto, eu deveria ter reconhecido que aquilo facilmente poderia ser a manipulação de um psicopata, mas, considerando que ele me pegou desprevenido e o tanto que eu era inexperiente, eu provavelmente me encontrava muito mais impressionável do que deveria.

Dito isso, eu não era um ingênuo completo. Sabia que qualquer paciente que não estivesse totalmente delirante ou catatônico podia enganar na primeira impressão. Então, nos quarenta e cinco minutos seguintes tentei conduzir a conversa para ver se Joe dava sinais de distúrbios psicológicos latentes sérios, sinais que só um profissional saberia identificar. Mas ali

também acabei num beco sem saída. Joe não mostrava sinais de nenhuma doença mental além de uma leve depressão e agorafobia – duas coisas que eu esperaria de um paciente que estava trancafiado havia mais de vinte anos, encarando médicos cuja sanidade deteriorava gradualmente.

Claro que um psicopata muito habilidoso poderia fingir tudo isso, mas Joe não demonstrava nenhum dos indicadores de que fosse esse o caso. Por exemplo, durante nossa primeira conversa, lembro-me de que um pássaro colidiu contra a janela e ele se assustou. Um psicopata não teria reagido a isso, mas Joe foi até a janela e observou preocupado, o rosto pressionado contra o vidro, até que a ave se sacudiu e voou para longe. Se havia um sinal mais claro de empatia saudável, eu teria dificuldade de imaginar.

O resultado de tudo isso foi que, quando fechei a porta do quarto de Joe depois daquela primeira consulta, eu me senti mal, mas não por qualquer dos motivos que esperava. O fato era que, apesar de todas as histórias horripilantes que o arquivo continha, eu não via absolutamente nenhuma evidência de que aquele homem fosse qualquer outra coisa além de um bode expiatório desesperadamente solitário, abandonado pelos pais e transformado na aberração residente de um hospital com poucos recursos financeiros e uma equipe insuficiente. Sob outras circunstâncias, eu teria

recomendado ao meu superior que ele tivesse alta, mas, mesmo que parte da história de Joe fosse verdade, aquela obviamente teria sido uma decisão terrível. Se ele estivesse certo, o hospital não ia deixar a galinha dos ovos de ouro ir embora, ainda que Joe fosse de fato são.

Mas, claro, tinha sido só uma sessão, e as acusações contra ele eram numerosas. Decidi me dar um mês de sessões com ele antes de decidir fazer algo mais drástico. Talvez eu o tivesse pegado em um dia bom, e em pouco tempo ele se transformaria no demônio catalizador de pesadelos descrito em seu arquivo. Além disso, eu ainda não tinha escutado as fitas cassete do arquivo completo, nem visto as anotações dos médicos assistentes, aquelas que tinham ficado fora do registro oficial e que a dra. G. havia me dado.

Eu não devia admitir, mas levei o arquivo para casa. Se a dra. G. o mantinha trancado em uma gaveta em seu escritório – que também ficava trancado –, eu não sentia segurança em deixá-lo no meu consultório. Minha velha mesa institucional não dispunha de travas, e eu não costumava trancar o consultório, porque os registros dos pacientes dali para a frente eram todos digitalizados, e eu não deixava nada sensível ou valioso largado por ali.

Quando cheguei em casa, não consegui começar a ler. Aquela noite foi particularmente difícil para Jocelyn e para mim. Entre meu novo trabalho – que incluía a obsessão por Joe – e a frustração dela com sua pesquisa,

não restava muito tempo para ficarmos juntos. Acho que foi naquela semana que ela desabou e me contou que seu professor tinha jogado no lixo um ano inteiro de seus escritos. Em princípio, os orientadores deviam apoiar os alunos de pós-graduação, mas esse membro do comitê era um idiota intransigente, estava sempre minando a confiança dela e diminuindo seu trabalho. Eu suspeitava que ele queria dormir com ela ou, pelo menos, que se sentia ameaçado por ela. Ou talvez fosse essa a ideia dele de “normal”, já que muitos programas de pós-graduação têm tradições estranhas desses “abusos que todo mundo precisa sofrer”, um jeito de “pagar suas dívidas”. Tivemos uma briga, mas durou pouco. Ela me fez falar sobre o pesadelo que tive e que a acordara, e consegui que ela me falasse sobre os problemas com o professor. No fim, estávamos tão cansados que adormecemos abraçados, nossos respectivos trabalhos suspensos por uma noite.

Não toquei no material de Joe até a noite seguinte, e decidi começar pelas fitas cassete. Achei que a primeira sessão de Joe – quando ele aparentemente só sofria de terrores noturnos – pudesse me dar algumas pistas que os outros médicos pudessem ter deixado passar em meio à aparente banalidade.

A fita cassete da primeira sessão de Joe era antiga e já estava bem danificada, e eu tinha medo de que não funcionasse quando coloquei no toca-fitas. Mas depois de

alguns ruídos desconcertantes de chiados e zumbidos, as bobinas da fita começaram a girar e o som metálico da voz de um homem, com um sotaque do Nordeste dos Estados Unidos, começou a sair dos autofalantes.

Olá, Joe. Meu nome é dr. A. Seus pais me disseram que está com dificuldades para dormir.

Houve um breve intervalo no qual imaginei que Joe tivesse assentido, porque o dr. A. continuou falando.

Pode me dizer por quê?

Outra breve pausa, e então uma voz de criança respondeu.

A coisa na minha parede não deixa.

A.: Entendo. Sinto muito por isso. Pode me contar sobre a coisa na sua parede?

J.: É nojenta.

A.: Nojenta? Como assim?

J.: Só nojenta. E assustadora.

A.: O que eu quero dizer é: como você a descreveria?

J.: É grande e peluda. Tem olhos de mosca e dois braços de aranha superfortes, com dedos bem compridos. E o corpo é um verme.

Estremeci sem querer. Mesmo para uma criança com muita imaginação, aquela era uma imagem mental bem

feia. Ainda assim, Joe foi diagnosticado com entomofobia aguda, então aquilo parecia ser uma expressão natural daquele medo. Nenhum motivo até agora para pensar que ele tivesse qualquer outra coisa além de uma típica fobia infantil. Ao que parece, o dr. A. achava a mesma coisa.

A.: Isso parece assustador. E é muito grande?

J.: Muito! Maior do que o carro do meu pai!

A.: Entendo. E seus pais já viram essa coisa?

J.: Não. Ela volta para a parede quando eles chegam.

A.: Algo tão grande cabe na sua parede? Ela não quebra?

J.: O monstro derrete. Como sorvete. Parece que é a parede.

A.: Entendo. E foi ele que fez essas marcas nos seus braços?

J.: Sim. Tentei cobrir o rosto para não ter que ver ele. Ele puxou meus braços e me fez abrir os olhos com os dedos.

A.: Por que ele fez isso?

J.: Ele gosta quando eu me sinto mal. É por isso que ele não me deixa dormir.

A.: O que quer dizer?

J.: Ele come maus pensamentos.

Sim. Se não tivesse ficado preso em um hospital, esse garoto teria sido um grande autor de livros de terror.

E também era – para minha profunda frustração – completamente comum. Enquanto continuava a ouvir, abri um sorriso ao perceber que garotinho corajoso ele era. Também pude ver que, no geral, a informação na fita

estava em conformidade com as anotações no arquivo, e nada na sessão sugeria algo como os horrores que o menininho vivera no hospital após sua segunda internação. De fato, baseado apenas na fita, tudo o que se seguiu à sessão parecia impossível. Algo nessa história não batia, o que me dava uma desagradável sensação de suspeita de que aquilo que o Joe adulto me contara sobre haver uma armação pudesse muito bem ser verdade.

Mesmo assim, aquele era apenas um conjunto de dados. Para tentar entender no que Joe claramente se tornara enquanto estava enclausurado, eu precisava ouvir a segunda fita, aquela gravada pelo atendente que passara uma noite com ele.

Logo de cara, notei que algo parecia estranho. Uma faixa estreita do que parecia ser uma fita adesiva muito antiga, na qual se podia ler “3h-4h da manhã”, estava colada no cassete. Fiquei intrigado. Por que gravar só uma hora? Então entendi. O arquivo mencionava que a gravação, em grande parte, era silenciosa. Essa devia ser a única fita que continha algum interesse. Caso contrário, por que preservá-la? Preparando-me para ouvir com muita atenção pela próxima hora, coloquei o cassete no toca-fitas e apertei play.

Como eu suspeitava, nos primeiros vinte minutos não havia quase nada além de silêncio, e mais de uma vez tive que me controlar para não perder a atenção. Depois

de um tempo, comecei a contar os segundos em voz baixa, olhando periodicamente o relógio para me assegurar de que permanecia atento a *qualquer coisa*. Quando cheguei na marca de vinte minutos, a fita pareceu ganhar vida, e ouvi alguma coisa.

Primeiro havia o som da respiração que fora mencionado no arquivo. O dr. A. não tinha exagerado: era, sem dúvida, o som de alguém tendo um ataque de ansiedade. A respiração continuou por uns trinta segundos antes de eu ouvir o som de algo se mexendo, e então...

Passos. Passos rápidos, como se alguém estivesse correndo, seguidos pelo baque de algo macio em algo duro. Durante todo o tempo, ouvi uma respiração pesada, provavelmente da pessoa que estava correndo, e então uma voz rouca murmurando várias palavras obscenas repetidas vezes, com um tom cada vez mais aterrorizado. Depois, o som de passos se arrastando e, abruptamente, aos trinta minutos, a gravação pareceu ser interrompida por completo.

Irritado, rebobinei. Era óbvio o que eu tinha ouvido. O atendente ficara claramente assustado demais para passar a noite toda e saíra correndo – isto é, presumindo que as anotações fossem precisas. Ele deve ter decidido ir para casa e fingiu o susto para manter a lenda de Joe viva. Contudo, só para ter certeza, achei que devia ouvir os dez minutos de atividade novamente, para garantir

que não tinha escutado nada errado. Desta vez, peguei os fones de ouvido, conectei-os ao toca-fitas e aumentei o volume o máximo que podia sem machucar meus ouvidos.

Outra vez, os mesmos sons. A respiração acelerada, ansiosa. O som de um corpo se mexendo. Os passos correndo. Os xingamentos. A risada. Alguém indo embora apressado.

Espere. *Risada*? Isso não estava lá antes. Rebobinei a fita novamente e escutei.

No volume mais baixo, o som podia facilmente ser confundido com ruídos de fundo. Mas com os fones de ouvido naquela altura, não havia dúvida. Enquanto o atendente xingava no microfone, achei que conseguia ouvir, nas pausas entre seus epítetos, o som de uma risada baixa e inquieta ao fundo, como se tivesse sido gravada a uma grande distância. Mas, mesmo de longe, dava para dizer que o som devia ser muito mais alto para a pessoa ter captado pelo microfone. Se não fosse pela qualidade ruim da gravação, que me fazia duvidar de sua precisão, eu provavelmente teria ficado assustado o bastante para largar o caso bem ali.

Veja bem, aquela risada não se assemelhava a nenhum som que uma pessoa devia ser capaz de fazer. Era muito rouca, muito grave e muito gutural, quase como se alguém tivesse dado o ritmo de uma risada humana ao som de uma geleira desmoronando. Mas

estava muito distante, e a gravação era bem antiga, então, até onde eu sabia, era só algo inócuo ao fundo que se deformara pelos anos de desuso. Ejetei a fita, imaginando que não havia mais nada que pudesse tirar dali, e me acomodei para dar uma olhada nas anotações.

Não vou me dar ao trabalho de transcrevê-las pelo seguinte motivo: se antes eu achava que Joe estava enganado sobre ser entregue aos piores médicos do hospital, depois de lê-las fiquei convencido de que ele estava certo. Aquelas eram algumas das anotações mais desconexas, inúteis e, francamente, incoerentes que eu havia lido na vida. Os médicos pulavam de diagnóstico em diagnóstico, de medicação em medicação, aparentemente só ganhando dinheiro, até que comecei a me perguntar se Joe poderia simplesmente ter enlouquecido pelos vários efeitos colaterais. Alguns faziam referência a mantê-lo amarrado, ou mesmo amordaçado, inclusive em sessões de psicoterapia, o que me parecia completamente contraproducente. Quero dizer, qual é o sentido da psicoterapia se o paciente não pode falar? É suficiente dizer que, no fim, eu tinha quase certeza de que aquelas pessoas estavam só descontando suas frustrações com a própria inaptidão médica em um paciente impotente, e estremeci ao pensar em quantos processos por negligência médica podiam ter sido movidos só com base no que li.

As únicas anotações que eu poderia começar a seguir eram as escritas pela dra. G., e embora mostrassem uma médica muito competente em ação, no fim do dia só confir-mavam a hipótese de Joe. As anotações da dra. G. eram muito desdenhosas no início, e eu quase conseguia ouvir o ressentimento em cada frase que ela escrevia sobre ele. Era óbvio que ela achava que aquele paciente estava muito aquém de sua capacidade, e queria desesperadamente ser transferida. No entanto, conforme as anotações prosseguiam, o tom de ressentimento pareceu desaparecer e dar lugar a uma extrema sensação de triunfo. Ao mesmo tempo, os apontamentos ficavam cada vez mais curtos, como se a dra. G. tivesse cada vez mais certeza de que não precisava deles, já que o caso estava bem perto de ser resolvido. Este é um bom exemplo:

> Joe responde bem ao tratamento final. Vou verificar novamente em uma semana, isso se o processo levar esse tempo todo para funcionar.

Bem, qualquer que tenha sido o “tratamento final” ao qual ela se referia, definitivamente deu algum tipo de resultado. Vejam bem, exatamente uma semana depois, aquele aparte breve, quase irreverente, da dra. G. foi seguido por seu memorando final, que era tão diferente que causou uma reviravolta. Vou transcrevê-lo aqui:

Renuncio ao meu cargo no HPEC a partir de amanhã. Falhei com meus pacientes, falhei com meus colegas e falhei comigo mesma. Nada pode compensar isso. Por favor, não se incomode em enviar meu último pagamento, eu não o mereço e não espero precisar dele. Obrigada pela oportunidade de trabalhar com vocês e desculpe por tê-los desapontado tanto. Sinto muito. Sinto muito mesmo.

— Rose.

Desnecessário dizer que aquilo parecia suspeito. É verdade que a dra. G. podia simplesmente ter escolhido um tratamento final que fora um desastre, mas, diante do que eu tinha lido e ouvido, parecia muito mais provável que ela só estava fazendo de conta que aquele era o tratamento final que *ela* daria a Joe, porque planejava depois fingir uma tentativa de suicídio. Caso contrário, por que suas anotações seriam tão vagas sobre um tratamento que antes vinha tendo aparente sucesso?

Da minha perspectiva, aquilo era quase o último prego no caixão da teoria do “paciente misterioso que ninguém consegue curar”. Embora ainda estivesse decidido a dar a Joe um mês de observação, já começava a me perguntar o que seria necessário para provar a alguma alta autoridade no mundo da medicina quanto abuso esse pobre homem tinha sofrido nas mãos da antiética e insensível dra. G. Se antes eu podia pensar que tinha deixado passar algo quando ouvi a risada fantasma na fita cassete, agora me perguntava se a

gravação não tinha sido alterada de alguma maneira, já que estava sob a guarda exclusiva da dra. G. De todo modo, pelo que eu via, era Joe quem vivia um pesadelo, não seus atendentes, não seus médicos.

Não era de se estranhar que o dr. P. tivesse rosnado para mim quando sugeri assumir Joe como paciente. Na verdade, surpreendia o fato de que o dr. P. ainda mantivesse seu emprego como médico, ainda mais como supervisor. Ele não fora colocado como responsável por aquela ala para curar ninguém; tinha sido colocado lá para agir como carcereiro do único fluxo de receita confiável do hospital. Ele demonstrava sua falta de empatia toda vez que faltava a uma reunião ou que me dizia para "só medicar os pacientes até ficarem entorpecidos". *Claro* que ele se irritava que alguém como eu aparecesse em sua ala tentando ajudar as pessoas.

Aquele simples impulso era uma ameaça aos meios pelos quais ele mantinha seu emprego seguro. Médicos muito menos qualificados que *precisavam* de um trabalho naquele hospital, em vez de estar lá por escolha, podiam ser intimidados por ameaças aos seus empregos, mas minha formação me deixava fora de alcance, o que deve ter incomodado aquele valentão ainda mais do que ter sido ultrapassado por alguém com qualificações similares na corrida para ser diretor médico. E pensar que ele tentara fingir que estava me

ajudando ao me manter longe de Joe. Besteira. O velho bastardo estava tentando salvar a si mesmo.

Pior ainda, o caso todo elucidava de uma forma totalmente nova o suicídio de Nessie: a velha e gentil mulher devia saber o que estava acontecendo. Como não saberia, tendo sido enfermeira de Joe desde que ele era criança? Provavelmente fora a coisa mais próxima a um filho que ela tinha, e mesmo assim lhe pediam que o torturasse com medicamentos, cativeiro e *gaslighting* por mais de três décadas. Não era de se admirar que ela não quisesse mais ninguém trabalhando com ele; Nessie devia achar que era a única que pensaria em ser gentil com Joe. E talvez a dra. G. e o dr. P. a deixassem fazer isso porque pensavam que ela não conseguiria se afastar do hospital que fora sua casa por tanto tempo. Mas, aparentemente, aquilo fora demais até para ela, que se matou por causa da culpa. O que explicava por que Nessie tentava manter todos – até aqueles em quem confiava – distantes de Joe: para que não tivessem que sentir a mesma culpa.

E tudo por causa de uma mulher cruel que simplesmente fora arrogante demais e ambiciosa demais para lidar com um caso de insucesso em sua primeira missão.

Mesmo assim, em certo nível, eu me sentia aliviado. Aquela era realmente uma história de horror, mas tudo parecia indicar que se tratava de um monstro humano,

pelo menos. E se a dra. G. fosse o monstro que eu suspeitava, jurei que, quando tudo aquilo acabasse, eu atravessaria uma estaca em seu coração.

27 de março de 2008

Tudo bem, se todos leram até aqui, não precisam que eu seja condescendente e faça um resumo de onde estamos neste relato. Vocês sabem que paramos depois de minha primeira sessão com um paciente supostamente incurável, só para descobrir que, na verdade, ele podia ser são. Vamos em frente, e rápido.

Como era de se esperar, voltar ao hospital no dia seguinte foi uma experiência bem tensa. Agora que eu começava a suspeitar que seria necessário desafiar abertamente nada menos que a diretora médica em meu primeiro emprego de verdade depois de tantos anos de treinamento, muito do que até então tinha sido rotina de repente pareceu terrível. Estudei o comportamento de vários terapeutas da equipe em nossa reunião matinal sobre o cuidado dos pacientes. Reconsiderei cada nova prescrição que pensei em fazer, perguntando-me se depois eu seria usado como bode expiatório, caso surgisse qualquer reação negativa aos medicamentos. Observei as enfermeiras se alternando em suas tarefas.

Assim que comecei a prestar atenção nos padrões, ficou dolorosamente claro que eu estava sendo seguido

por dois atendentes, os titãs do hospital. Um deles, Marvin, era um gigante careca e pálido de pelo menos um metro e noventa e cinco de altura, cujo uniforme do hospital se esticava em seu peito largo e nos braços tatuados. O outro, Hank, era um colosso negro com *dreads* no cabelo, quase tão largo quanto Marvin era alto, e parecia capaz de erguer duas vezes o próprio peso sem pestanejar. Seria fácil até para alguém distraído notá-los, mas, para mim, a presença constante deles à espreita era praticamente uma provocação. Não que fossem óbvios em me seguir. Não, eles tinham juízo suficiente para parecer estar trabalhando sempre que eu os espiava, fosse checando prontuários de pacientes, fosse carregando montanhas de suprimentos para os armários. No começo, era apenas inquietante, mas, nos dias seguintes, descobri que eu estava profundamente perturbado. A dra. G. parecera otimista ao deixar Joe sob meus cuidados, então, colocar-me sob vigilância sugeria o contrário, e me deixou desconfiado dela.

Ok, então vamos voltar ao meu tratamento com Joe. Terapia psicodinâmica, ou psicoterapia, como costumamos chamar, em geral requer uma a duas visitas por semana. Nesse ponto, eu estava preocupado em conseguir uma vantagem inicial com ele e levantar muitos antecedentes com rapidez. Em razão de minha carga de trabalho mais pesada, havia muito a fazer, mas eu tinha acabado de sair da residência – todo mundo

sabe que os médicos ficam sem dormir e sobrecarregados nesses primeiro anos – e conseguia lidar com isso. Tudo para dizer que voltei ao quarto de Joe para outra sessão no dia seguinte ao que ouvi aquelas gravações.

Encontrei-o descansando na cama, com um jogo de paciência pela metade diante de si. Tenho de admitir que fiquei aliviado ao ver aquilo. Se ele era tão são quanto afirmava, teria sido cruel até mesmo para o mais antiético dos médicos não lhe dar *algum* tipo de passatempo.

Ele me olhava com o mesmo sorriso torto do dia anterior.

— E aí, doutor — falou. — É bom ver você de novo. Acho que, no final das contas, não consegui assustá-lo.

Respondi com um sorriso educado.

— Oi, Joe.

Ele se ajeitou com as pernas cruzadas na cama e apontou para uma cadeira dobrável no canto do quarto.

— Bem, não fique em pé por minha causa. Sente-se.

Coloquei a cadeira no meio do quarto, encarando Joe, e me acomodei.

— Então… li seu arquivo completo na noite passada.

— Ah, sim? — Ele ergueu as sobrancelhas. — E? Eles dizem que sou um maluco perigoso?

— Acho que sabe a resposta para isso, Joe.

A expressão dele ficou sombria.

— Sim, eu sei. A questão é: você acredita nisso?

— Não sei no que acreditar. Posso dizer que seus médicos anteriores não eram exatamente modelos de eficácia médica, mas ainda tem muita coisa que simplesmente não faz sentido.

— Ah, é? Bem, eu tenho o dia todo, doutor — falou Joe baixinho, antes de começar a mudar algumas cartas de uma pilha para outra. — Por que não me pergunta?

— Ok — concordei. — Vamos dizer que esteja dizendo a verdade. Você afirma que está sendo mantido aqui para que o hospital possa continuar cobrando de seus pais. Eles realmente não se importariam se soubessem disso?

Joe bufou.

— Claro que não. Meus pais são muito ricos e só se importaram comigo enquanto eu causava uma boa impressão por ser o garotinho perfeito. Assim que perceberam que eu não era como eles, provavelmente acharam que me trancar aqui valia a pena só para impedir o falatório dos vizinhos.

— O que faz você ter tanta certeza disso? — perguntei. — Não existe pelo menos a *possibilidade* de que eles simplesmente não saibam que você é mantido aqui apenas como fonte de receita para o hospital? Que eles realmente acreditem que você precisa de ajuda?

A risada de Joe era áspera.

— Não seja idiota. Eles não se importariam de qualquer maneira.

— O que o faz dizer isso?

Joe, que estava prestes a mudar as cartas de pilha novamente, parou e me olhou feio. Sua voz soava estável, mas cada sílaba estava cheia de dor.

— Se meus pais realmente se importam comigo, por que não me visitam?

Mantive a expressão neutra, para não parecer hostilizá-lo ou que estava mordendo a isca.

— Todos os encorajaram a permanecer longe de você, Joe, até os médicos. Não é exagero pensar que eles acreditam nas mesmas coisas que também nos disseram.

— Eu nem estou falando que queria que eles entrassem aqui com um suéter tricotado a cada Natal. Mas quem disse que eles não podiam ao menos ter vindo olhar pela janela da porta uma vez em quase trinta malditos anos? Ou aparecido para ver como estavam me tratando? Nenhum dos médicos que já tive neste buraco do inferno jamais mencionou que tivessem sequer perguntado por mim. Perguntei para algumas pessoas que vinham aqui, atendentes e coisas do tipo, diretamente, e eles todos disseram que ninguém lá fora tinha vindo me procurar. Aceite, doutor, eles me deixaram aqui para apodrecer. Não se importam com onde estou, desde que não seja perto deles.

Não devo ter parecido suficientemente convencido, ou então toquei numa ferida ainda aberta, porque a frustração dele ganhou força.

— Deixe-me contar uma história, doutor, e você verá como meus pais são sem coração. Quando eu tinha cinco anos, um ano antes de resolverem se livrar de mim, encontrei uma gata vira-lata no bosque perto da propriedade da minha família. Mas não era uma gata qualquer. Ela era amigável e mansa, e me deixou fazer carinho e até segurá-la no colo. Eu a chamei de Flor Fiberwood, ou Fiber para abreviar, porque meu pai fez fortuna no ramo têxtil, e eu costumava ouvi-lo falar da linha Fiberwood. E ela era bonita, então chamá-la de flor parecia apropriado. Sei que eu era criança, então, juntar palavras era uma coisa normal. Bem, depois de um tempo ela parou de se esconder no bosque e começou a entrar na propriedade dos meus pais para me procurar. Eu deixava restos de comida para ela, coisas que não tinha comido, e nós nos aproximamos. Foi isso, até que meus pais descobriram.

Ele apertou os punhos.

— Meu pai era alérgico a gatos. E assim que soube que eu estava contrabandeando um para dentro da propriedade, ficou furioso. Tentei falar para eles que eu ia me comportar e não ia deixar que a bichana os incomodasse, e que ela era uma gatinha gentil e minha amiga, mas meu pai não se importou. Saiu com tudo e foi

até onde Fiber estava sentada. Bem, ela estava acostumada a que as pessoas fossem amigáveis, então é claro que não fugiu. Mas eu quis que ela fugisse. Porque quando ele chegou perto, *ele a chutou até o maldito bosque*, antes de me dizer que se eu chegasse perto dela de novo, faria o mesmo comigo. Então me bateu com uma vara e depois me trancou no quarto. Eu nunca mais a vi de novo. — Joe fez uma pausa, olhando para as cartas. Então ergueu a cabeça e me encarou. — Ah, e você provavelmente está se perguntando onde minha mãe estava enquanto eu gritava e chorava no jardim, levando chibatada nas costas.

Ele parou. Qualquer que fosse sua hesitação, parecia desconfortável com o que estava prestes a compartilhar.

— Minha mãe dizia para meu pai parar porque, segundo ela, “os vizinhos podiam ouvir”. E meu pai partiu para cima dela. “Os vizinhos vão falar? Joseph escondeu um gato na nossa propriedade, Martha. Um maldito gato. Você sabe como fico perto deles. Você quer que eu morra, Martha? Quer que eu morra só para que os vizinhos não falem?” Então ele bateu no rosto dela com tanta força que ela caiu no chão. Ela nunca mais o enfrentou depois disso. E ainda que a surra que eu levei tenha sido ruim, vê-la com o olho inchado e preto-azulado na semana seguinte foi ainda pior. Toda vez que eu penso em por que estou aqui, lembro-me dela andando pela casa com o olho daquele jeito. Acho que

ela me culpou e, francamente, eu meio que me culpo por ser tão estúpido. Ainda sonho com ela me olhando com aquele olho preto e, às vezes, quando acordo, penso que estar aqui é uma punição por fazer minha mãe passar por isso. Sei, é uma coisa estúpida de se pensar, mas quando se é uma criança desesperada para ser amada, você acredita que tudo é sua culpa, se isso fizer seus pais o amarem de novo. Pena que isso é impossível para mim.

Era uma história de embrulhar o estômago. Mantive o olhar no nível do dele e disse:

— Acredito em você.

A expressão de Joe mudou de maneira surpreendente; ele me olhou com um sorriso que irradiava alívio.

3 de abril de 2008

Não me levem a mal, mas nunca vi tantos comentários que, ao mesmo tempo, tanto me chamam de estúpido quanto imploram por mais informações. Sinais bem diferentes, hein? Tudo bem, eu entendo. Esta história é muito cinematográfica, e acho que os comentários de vocês sobre meu julgamento apenas indicam que se envolveram na narrativa. Parece uma plateia de filme de terror gritando para a babá não ir até o porão! Bem, que pena, o que está feito está feito. Eis o que acontece a seguir.

A empatia que senti por Joe depois de ouvir aquela história de partir o coração continuou comigo muito tempo depois de eu deixar o quarto dele naquele fatídico segundo dia de interação. De fato, isso afetou permanentemente a maneira como eu me relacionava com meu trabalho. Se antes via minha decisão de trabalhar no HPEC apenas como uma tentativa abstrata de salvar pacientes considerados dispensáveis – como minha mãe fora um dia –, dali em diante minha decisão de ficar se tornava profundamente pessoal. Joe precisava de mim, fosse para provar que ele era são, o que eu

agora pensava ser quase certo, fosse para desarraigar qualquer traço de insanidade latente que tivesse se alojado no cérebro daquele pária solitário e vítima de tantos abusos. Sim, mesmo o mais bondoso dos médicos tem o dever de tratar as declarações de um paciente psiquiátrico com certo grau de ceticismo, mas a clareza pura e a honestidade emocional na descrição de Joe sobre o incidente com Flor Fiberwood, a gata, sugeria que ou era uma ilusão muito, muito bem construída – o que não a impedia de ter alguma conexão com a realidade –, ou era uma lembrança genuína. De todo modo, eu via aquilo como um indicador, que podia me ajudar a começar a sondar as profundezas da mente de Joe.

Além disso, a história me dava um plano de ação para o mês que eu passaria avaliando Joe, a fim de determinar se de fato acreditava nele ou não. Mesmo que eu não pudesse tratá-lo dos transtornos fantásticos que lhe eram atribuídos em seu arquivo, ele tinha outras questões com as quais eu poderia trabalhar. Era óbvio que Joe sofria de depressão, por exemplo, e com bons motivos; e o abuso de seus pais, sem mencionar o que mais tinha acontecido, claramente dificultava que ele confiasse nas pessoas.

Obviamente, foi necessário reexaminar seu arquivo, embora com um olhar mais cético. Ainda que a maior parte daquilo agora parecesse invenção, notei alguns

detalhes que quem quer que tenha escrito os relatórios não se incomodou em disfarçar. Talvez o mais importante fosse o fato de que Joe tinha sido internado por seus tutores, e isso significava que, teoricamente, tendo bem mais de dezoito anos agora, ele deveria ter sido capaz de discutir sua liberação. Resolvi abordar esse assunto no nosso encontro seguinte.

Grande erro.

— Por que você simplesmente não foi embora? — perguntei enquanto Joe e eu jogávamos cartas em seu quarto durante nossa segunda semana de sessões. — Se seus pais realmente não se importam com onde você está, por que não partir? Seu caso é considerado uma internação voluntária, e agora você é legalmente um adulto. Pode deixar o hospital mesmo contra a recomendação médica.

— Você pelo menos leu meu arquivo? — ele perguntou baixinho. De repente, a temperatura do quarto parecia ártica.

— Sim. Li inteiro. Por que você…

— Então por que está me fazendo uma pergunta para a qual já sabe a resposta?

— Eu… eu não estou — falei lentamente. — Joe, se tem algo mantendo você aqui, não sei nada a respeito.

Ele deu um suspiro profundo.

— Estou tentando ir embora desde que fiz dezoito anos. Mas quem me deixaria sair depois de ver o que

está no meu arquivo? Eles costumavam mandar um médico novo a cada dois anos só para manter a coisa funcionando, e quando os médicos ficavam assustados demais, começavam a inventar merdas. Porra. Chiclete, por favor.

Eu costumava levar chicletes comigo, pois esperava que ele me pedisse nos nossos encontros. Tirei um da embalagem e o vi mastigar furiosamente. Depois, parecendo um pouco mais calmo, ele prosseguiu.

— Cheguei a pensar que poderia sair quando Nessie me medicava toda noite.

Eu o encarei.

— Nessie? — perguntei, com a boca seca. — O que Nessie teve a ver com isso?

O olhar que ele me deu revelava uma certa pena.

— Então você conheceu Nessie — ele comentou, triste. — Bem, então me diga uma coisa, doutor. Nessie parecia ser do tipo que daria uma boa carcereira?

Nem tive que pensar a respeito. Neguei com a cabeça. Ele deu um sorriso pesaroso.

— Bem, você está certo. Ela não era — garantiu. — Ela sabia o que estavam fazendo, e isso a matava por dentro. Ao mesmo tempo, até eu sabia que eles não podiam demiti-la, e ela não queria ir embora. Como Nessie era muito apegada a este lugar, eu não consegui fazê-la abrir o bico. Quer dizer, pelo menos até a última

noite em que a vi. Sabe, na noite em que ela “cometeu suicídio”?

— Você não quer dizer…

— Que eles a mataram por causa disso? Não, eu não — disse ele. — Porque eu não poderia provar mesmo que fosse isso que eu quisesse dizer. Além do mais, se eu tinha qualquer ilusão quanto a sair daqui, ela morreu bem antes de você aparecer.

A parte do meu cérebro que pertencia ao psiquiatra gritava que aquilo devia ser produto do isolamento de Joe, que poderia muito bem tê-lo deixado paranoico, até mesmo delirante, com a perspectiva de fuga. Se fosse qualquer outro paciente, eu teria dito exatamente isso a mim mesmo sem perder o sono. Mas esse caso já era tão estranho que tal explicação parecia quase risível de tão insuficiente. Joe parecia tão lúcido em relação a todo o resto que era muito difícil imaginar um delírio daquele tipo enterrado sob aquela fachada. Além disso, se era um delírio, como explicar a morte de Nessie? Eu a vira pouco antes de morrer. Ela parecera cansada e insegura de si, sim, mas isso estava muito distante de uma tendência suicida. E, de todo modo, na hipótese de que Joe não estivesse paranoico, isso ia muito além da esfera da má prática médica, tornando-se uma conspiração criminosa séria. Fiquei assustado com o que poderia acontecer se eu tentasse interferir, mas estava ainda mais determinado a não ser cúmplice. O tempo que passara

cuidando de Joe fez que eu me preocupasse com seu bem-estar tanto quanto me importava com qualquer outro paciente, se não mais.

Ao mesmo tempo, parecia completamente impossível pensar que eu poderia fazer qualquer coisa sem infringir a lei. Se eu procurasse as autoridades – a polícia ou o conselho de medicina –, provavelmente acabaria me comprometendo por afirmar que uma história de trinta anos de doença mental era produto de uma conspiração tão elaborada, e tudo baseado na palavra de um paciente psiquiátrico associado a uma lista assustadora de outros pacientes e funcionários machucados, suicidas ou mortos em seu arquivo. Se eu pedisse demissão em protesto, só deixaria Joe à mercê de alguém com menos escrúpulos do que eu. E tinha certeza absoluta de que, sob nenhuma circunstância, eu me tornaria um participante voluntário no tratamento desprezível e desumano de um paciente. Eu estudara medicina para impedir aquele tipo de coisa. Claro que podia seguir tratando Joe como faria com um paciente comum, tentar ser tão gentil com ele quanto suspeitava que Nessie fora, e fazer o melhor para tornar seu cativeiro permanente o mais agradável possível. Mas mesmo esse tipo de participação passiva me incomodava. Quantas pessoas haviam sido cúmplices no tratamento cruel de outros pacientes “problemáticos”, pacientes como minha mãe,

justificando-se graças ao pagamento no fim do mês e à vontade de não criar caso?

Toda a situação parecia errada, e minhas opções iam de mal a pior.

Havia apenas uma coisa a ser feita. Eu tinha que encontrar um jeito de libertá-lo em segredo. Se a tentativa falhasse, eu tentei me convencer de que o pior que poderia acontecer seria eles me demitirem. Claro, eu podia ser banido da prática médica se prestassem queixa contra mim, mas se a dra. G. fosse vingativa o bastante para fazer isso, pelo menos eu poderia tentar expor a coisa toda antes, visto que eu não teria mais nada a perder. E, sim, eu sei o que vocês estão pensando, considerando o que acontecera com Nessie. *Era* possível que fizessem algo pior, mas certamente eu acharia uma maneira de me proteger.

E se eu conseguisse o que queria? Bem, mandaria um paciente até certo ponto paranoico, mas essencialmente estável, de volta ao convívio social, e poderia continuar trabalhando no hospital com a consciência limpa, sabendo que a conspiração tinha acabado.

Antes de fazer qualquer coisa, conversei com Jocelyn. Se algo desse errado, afetaria minha vida inteira, o que teria impacto na vida dela. Ela me questionou sobre como eu tinha certeza de que Joe não era um perigo. Depois me perguntou se eu confiava em mim mesmo.

Não soube muito bem como responder; a questão me abalou. Então ela disse:

— Se você não confia em si mesmo, como pode esperar que alguém mais confie, seja seu paciente, seus colegas de trabalho, seja eu mesma?

Então foi isso. Apenas um mês depois de conseguir acesso ao paciente – o mesmo que antes eu estava certo de que faria a minha carreira decolar assim que conseguisse explicar sua condição até então desconhecida –, eu estava prestes a acabar com tudo soltando-o.

Não que tirar um paciente de algum hospital psiquiátrico, muito menos deste, seria fácil. Câmeras de segurança eram bem onipresentes no local, e a equipe ficava de olho em quem tinha a chave de qualquer quarto ou enfermaria. Se eu quisesse fazer isso, e pelo menos *tentar* me proteger, teria que parecer um acidente.

Meu plano só teria uma chance se o hospital estivesse com equipe mínima, então optei por trabalhar até tarde nas semanas anteriores à minha tentativa. Isso me daria uma noção de quem estava por perto fora do “horário regular” naquele período e, mais importante, ninguém pensaria nada ao me ver no hospital àquelas horas. E já que tinha concordado em assumir trabalho extra depois que Nessie morreu, eu realmente precisava de tempo no hospital.

Quanto ao plano em si, envolvia deixar meu jaleco (e chaves) no quarto de Joe, supostamente sem querer, e depois disparar de modo igualmente acidental um alarme de incêndio, o que faria a maioria da equipe evacuar o hospital, abrindo caminho para a fuga dele. Também me certifiquei de que Joe soubesse o caminho, colocando uma planta baixa do hospital, com todas as saídas de incêndio menos usadas marcadas dentro de um pacote de chiclete que dei para ele.

Olhando agora, era um plano muito fácil de dar errado, e o próprio Joe me chamou atenção disso quando contei para ele.

— Doutor, você é mais doido do que eu — disse ele com seu sorriso torto de sempre. — Se esse plano der certo, sou o Mickey Mouse.

— Vai dar certo — garanti. — A equipe é preguiçosa, você não tem histórico de tentativas de fuga e ninguém vai esperar que você consiga ajuda para escapar. Não depois do que aconteceu com Nessie.

Ele balançou a cabeça de um jeito fatalista, mas havia um brilho em seu olhar que dizia que eu lhe dera a primeira fagulha de esperança desde que fora internado.

— Bom, só por precaução, não vou começar a planejar nenhuma viagem — disse ele, cauteloso. — Mas se me pegarem e me jogarem aqui de volta, não vou contar para ninguém que foi ideia sua. Ah, e doutor? Deus o

abençoe por tentar. Se isso der certo, não vou esquecer que devo a você uma vida inteira de liberdade.

E foi isso. Tudo o que faltava era executar o plano. Lá estava eu, três semanas mais tarde, meio nauseado de ansiedade, a palma das mãos suando, enquanto seguia pelo corredor na direção do quarto de Joe. O murmúrio e as falas sem sentido dos pacientes que eu sabia serem insanos eram quase um espelho demente de meus próprios pensamentos dispersos.

Se eu fosse pego, ou se Joe fosse, *será* que iam me demitir?

Ou me fariam de exemplo para qualquer outro que soubesse o segredo, ou que tentasse ir fundo demais na história de Joe?

Talvez a morte de Nessie não tivesse sido clara o bastante.

Talvez precisassem mandar outra mensagem para qualquer um que pudesse ter dúvidas.

Eu conhecia a dra. G., no fim das contas, e ela não parecia ser o tipo que deixava fios soltos por aí.

Eu não precisava realmente fazer aquilo, precisava?

Eu podia simplesmente dar meia-volta e ir embora naquele momento.

Eu *devia* dar meia-volta e ir embora naquele momento. Eu tinha uma noiva. Uma vida pela frente. Nada daquilo era problema meu. Eu não tinha que fazer aquilo, tinha?

Mas não, eu sabia que tinha que fazer. Era a coisa certa a ser feita, e eu não ia me tornar cúmplice do que equivalia a sequestro e assassinato só porque estava com medo demais. Além disso, quase não tinha ninguém na equipe, e, quando o alarme de incêndio disparasse, haveria ainda menos gente por perto para impedir Joe de ir embora. Meu plano era quase infalível. Ia dar tudo certo.

Quando alcancei a porta do quarto de Joe, o som de passos pesados chegou aos meus ouvidos, e eu me virei para dar de cara com Hank, o atendente, caminhando lentamente pelo corredor com uma pilha de lençóis.

Merda. E se ele soubesse o que eu estava fazendo? Não, era impossível. Não havia como saber. Eu só precisava ficar no quarto de Joe até Hank sair daquele corredor. Eu provavelmente conseguiria ouvir seus passos mesmo pela porta fechada. Ficaria tudo bem. Ia dar tudo certo.

Concentrei-me em manter a respiração calma. Não ia ajudar em nada aparentar nervosismo. Então, virei a chave para abrir o quarto, entrei, fechei a porta com cuidado e me virei para encarar Joe. Ele estava parado de costas para mim, olhando pela janela, e eu não prestei muita atenção nele enquanto tirava freneticamente o jaleco e o colocava sobre a cama. Em seguida, eu me sentei e ouvi os passos de Hank.

— Doutor?

Eu me virei para ver Joe me encarando. Havia uma expressão ávida e ansiosa em seu olhar, como a de um homem faminto que sabe que está prestes a se fartar em um banquete e mal pode esperar por isso.

Ergui uma sobrancelha para ele.

— Sim, Joe?

— Obrigado — disse Joe, sua voz era um sussurro rouco. — Isso é exatamente o que eu preciso.

Sua dicção estava um pouco estranha, mas não pensei muito naquilo. Sorri para ele.

— Não há de quê.

Com isso, abri a porta e saí para o corredor. Estava prestes a me virar e fechá-la novamente quando, de repente, duas mãos tão grandes quanto luvas de beisebol se fecharam ao redor dos meus ombros.

— Não está esquecendo alguma coisa, Parker? — exclamou a voz de barítono de Hank, bem ao lado da porta. Paralisei, minha mente a mil. O atendente deu uma risadinha no meu ouvido. — Para um garoto tão esperto, você faz umas merdas bem estúpidas.

Então, por trás de mim surgiu a voz grave do dr. P.

— Boa noite, *garoto prodígio*.

Ah, que merda.

— Bem, é uma boa noite para mim. Pela primeira vez, sem palavras. — O dr. P. deu a volta em Hank, exultante, o rosto marcado por um sorriso macabro. Ele se inclinou

perto o bastante para que eu pudesse sentir o cheiro de uísque em seu hálito.

— Agora, vou mandar alguém pegar seu jaleco naquele quarto. Quanto a você e eu... Vamos conversar com a dra. G., e você vai contar a ela tudo o que estava planejando fazer com seu mais novo paciente esta noite.

Ao ouvir aquelas palavras, comecei a lutar para que Hank me soltasse, embora fosse como puxar barras de ferro.

— Me solte! — mantive a voz baixa. — Não sei o lhe que contaram, Hank, mas você não entende. Estão mantendo um homem são aqui! E ele rende tanto dinheiro para o hospital que ninguém se importa que ele não esteja louco! Ela pode ter matado Nessie para manter isso em segredo, Hank. Me solte e converse com ele, e você verá. Eu juro que você verá.

O dr. P. riu. Hank não achou graça, mas não soltou meus ombros.

— Sim, ela falou que você diria algo assim. Desculpe, garoto. Não vai dar.

O peso absoluto e esmagador do meu fracasso me atingiu de uma só vez, e eu já estava nervoso com a ansiedade de fazer algo que sabia ser ilícito. Estava tentando conter um gemido de frustração quando ouvi algo que me assustou.

Dentro do quarto de Joe, alguém estava gargalhando. Mas não era Joe; não podia ser. Não parecia humano. Em

vez disso, o que emergiu daquele quarto foi uma risada sepulcral, úmida e cortante, que parecia vir de uma garganta podre. Era uma voz que eu ouvira antes, a mesma gargalhada que se erguera da poça fétida de sangue e urina no meu sonho, enquanto arrastava minha mãe para suas profundezas.

Um arrepio percorreu meu corpo, mas nem Hank nem o dr. P. reagiram. Não estava claro se eles chegaram a ouvir, e eu não tive a presença de espírito de perguntar. Tudo o que pude fazer foi ficar olhando para a porta de Joe enquanto era puxado por Hank, com aquele som rouco do pesadelo ecoando no corredor e no meu cérebro.

10 de abril de 2008

Esta é a parte da história em que as coisas começam a ficar bem difíceis, e, honestamente, seria muito mais fácil parar por aqui. Mas, de certo modo, para mim escrever é como extrair o veneno do meu organismo, ainda que anos após o ocorrido. Enfim, não vou aborrecê-los com minha agonia.

O dr. P. se regozijou ao longo de todo o caminho até o escritório da diretora médica no último andar.

— Vi qual era a sua no minuto em que foi contratado. Quando ouvi dizer que iam mandar um espertinho da Ivy League para trabalhar na minha equipe, eu sabia que você ia causar problema. Falei para ela que as coisas estavam indo bem, que ela não devia estragar tudo com um médico recém-saído das fraldas metido a espertalhão. Mas não, ela tinha que aceitar você para fazer um favor a um velho amigo. E pensar que, se pararmos para analisar, você estava realmente fazendo um bom trabalho com os outros pacientes. Rapaz, pirralhos ricos e poderosos como você acham sempre que o sol brilha para iluminar seu caminho, então ela até esperava que você pudesse conseguir algo com Joe. Mas

agora ela vai ficar *tão desapontada*. Eu avisei você, filho da puta. Não se esqueça disso. Você ainda seria o garoto de ouro se tivesse me ouvido. Mas tinha que se meter em algo sobre o qual não fazia a mínima ideia. Seu fracote arrogante. Você…

É sério, a tagarelice continuou durante os dez minutos que levamos para chegar ao escritório da dra. G.

Eu não tinha ideia do que ia acontecer comigo, e estava perplexo com o que havia dado errado. Suponho que também sentia um tipo de alívio por ter sido pego, considerando que mentira e subterfúgio não eram meus objetivos profissionais, mas eu estava agoniado por Joe continuar preso. Ao mesmo tempo… que diabos eu ouvira no quarto de Joe? Eu ficava repetindo na minha cabeça todas as coisas que Joe dissera até então, depois voltava para os avisos da dra. G. sobre a loucura dele ser contagiosa e me questionava se era verdade. Ou será que todo mundo estava mentindo para mim o tempo todo?

Eu sentia aquela gargalhada profana em meus ossos. Será que meu medo de ser pego tinha me levado a surtar? Ou, se eu estava são, como Joe tinha imitado uma gargalhada que saíra direto dos meus piores pesadelos de infância?

Meus pensamentos frenéticos e confusos foram interrompidos quando Hank abriu a porta do escritório da dra. G. e me empurrou para dentro, sem dizer uma

palavra. Meu nariz quase encostou no carpete quando tombei para a frente, e precisei de um momento para me equilibrar e me concentrar nas pessoas na sala.

Sim, pessoas. A dra. G. estava lá, claro, parada diante de sua escrivaninha, olhando-me com uma expressão que me fez pensar em um falcão observando uma carcaça podre e chegando à conclusão de que não valia a pena comer aquilo. Mas sentado atrás dela, na poltrona de couro bem trabalhada, em geral reservada para a diretora médica, estava um velho enrugado e cansado vestindo um paletó muito remendado, que me analisava com olhos duros por trás de óculos prateados bem surrados. Eu não tinha ideia de quem era aquele desconhecido, mas a dra. G. o deixara usar sua cadeira, então era obviamente alguém importante. Ele parecia velho demais para ser um detetive à paisana, já que seu rosto enrugado e os cabelos brancos ralos indicavam se tratar de um homem que não devia ter menos de setenta ou oitenta anos. Mas quem poderia ser?

A dra. G. se voltou para Hank e para o dr. P. – que felizmente havia fechado a matraca, embora ainda parecesse estar em júbilo – e disse:

— Obrigada, senhores. Eu assumo daqui. — Então foi até a porta e a fechou assim que eles foram embora.

O homem mais velho que se encontrava na sala conosco pigarreou e falou com um sotaque aristocrático do Nordeste dos Estados Unidos que me pareceu

estranhamente familiar, embora não conseguisse identificá-lo.

— Então, esse é o mais recente, Rose?

A dra. G. não disse nada; simplesmente assentiu. O gesto logo me pareceu fora de lugar e, em um momento, percebi por quê. Quando inclinou a cabeça, sua expressão não tinha nada da rudeza ou da arrogância que ela demonstrara em relação a mim. Ao contrário: era suave em sua deferência. Sem me importar com o motivo, apenas feliz por ter sentido a fraqueza dela, endireitei o corpo e lhe apontei o dedo de modo acusatório.

— Tudo bem, eu não sei se está planejando me demitir ou fazer algo pior, mas antes que faça qualquer coisa, quero algumas *malditas*...

— Parker... — começou a dizer a dra. G., mas eu a interrompi.

— ... respostas! Você acha que podia me enganar sobre um paciente e que eu deixaria isso quieto? Toda aquela merda no arquivo do Joe é só para mantê-lo aqui?

— Parker...

— E mesmo que não seja, por que mandou seus dois capangas me espionarem sempre que podiam, se você não tem nada a esconder? Por que fez um deles me arrastar até aqui como se eu fosse um prisioneiro? E quanto você tem me espionado, se sabia o que eu...

— *PARKER*!

A voz exaltada da dra. G. tomou a sala e, quase por instinto, parei de falar. O velho atrás da mesa deu uma risada.

— Esse aí é atrevido. Me faz lembrar de alguém, Rose — disse ele.

A expressão de dor da dra. G. me deu outro impulso momentâneo de coragem.

— E tem outra coisa. Quem diabos é…

— Parker, quer calar a boca e se sentar agora mesmo antes que você diga algo do qual nós dois vamos nos arrepender? — A dra. G. era quase da minha altura com seus sapatos de salto, mas o aspecto brutal e a postura ereta que assumia faziam-na parecer bem maior. Sem querer abusar da sorte que eu ainda podia ter, baixei os olhos até a cadeira mais próxima e me sentei imediatamente. Ela suspirou devagar e se recostou em sua escrivaninha.

— Agora, vamos deixar uma coisa bem clara antes de prosseguirmos, Parker — disse ela. — Não tenho intenção alguma de ferir você. E, embora você tenha abusado da sorte até este ponto, tampouco vou demiti-lo.

Fiquei boquiaberto. Ela deu uma risada.

— Vejo que ficou calado. Bom. Continue assim, porque, até agora, você não disse nada que possa sugerir que fez algo de errado e, portanto, o que quer que *estivesse* planejando fazer no quarto de Joe esta noite pode ser ignorado por nós dois.

Ela me deu um olhar de advertência antes de prosseguir.

— Agora, para responder tanto à sua pergunta implícita quanto à explícita, mandei os atendentes vigiarem você porque esse é o procedimento padrão para cada médico que trabalha com Joe desde 1973. Em geral, mandamos observar apenas por algumas semanas, mas a reação que você teve após sua primeira sessão com ele me convenceu de que devíamos mantê-lo sob vigilância mais constante.

Comecei a fazer uma pergunta, mas ela ergueu a mão tão rápido, num gesto para me calar, que eu não disse nada.

— Primeiro, você passou quase duas vezes mais tempo no quarto de Joe do que qualquer outro profissional na primeira sessão. Segundo, você não parecia assustado, mas nauseado e inseguro, o que não indicava que tinha tido a mesma experiência que os outros médicos dele. De fato, quanto mais eu observava você, menos parecido com os outros médicos você se tornava. Por exemplo, você continuou mantendo sessões igualmente longas, e às vezes parecia até feliz ou aliviado quando saía de lá. Não fazia sentido algum para os atendentes ou para mim. Então fiz o que qualquer médico que enfrenta um mistério faz. Pedi uma segunda opinião.

— É onde eu entro — falou o homem mais velho.

— Vou chegar em você. — A dra. G. lançou um olhar de reprovação por sobre o ombro para o velho. Então se voltou para mim. — Suponho que este seja um momento tão bom quanto qualquer outro para apresentar vocês dois. Parker, conheça o dr. Thomas A. O primeiro homem a tratar de Joe e meu mentor como psiquiatra.

De repente, percebi por que reconhecera aquela voz. Era uma versão mais velha, levemente mais áspera da que eu ouvira na fita da primeira sessão de Joe. Quase não consegui acreditar. Se o dr. A. ainda estava vivo, devia ser bem velho. Mesmo assim, parecia lúcido, até mesmo perspicaz. Dava para ver em seu olhar.

Depois de me observar por um instante, o homem mais velho acenou com a cabeça.

— É um prazer, Parker. Ainda que eu realmente não possa dizer que estou impressionado com você como gostaria de estar. Você pode ter a honra de ser o pior fracasso que Joe já teve em se tratando de um médico, a julgar pelo que parece que o pegamos tentando fazer.

As palavras eram como ácido derramado em uma ferida aberta. E foi ríspido, com uma frieza impessoal. Minha expressão deve ter demonstrado isso, pois o velho me lançou um olhar ainda mais severo.

— Vejo que não está acostumado a ouvir que é um tolo — disse ele. — Bem, você é, e graças a Deus é um tolo previsível. Caso contrário, sua idiotice poderia ter causado danos reais. E agora você se pergunta como

sabíamos. Rose me disse que seu maior medo é não ser capaz de salvar alguém com quem se importa. Ela também me disse que, fora Nessie, não havia ninguém na equipe a quem desse importância, e que todos os que importavam provavelmente estavam fora do alcance de alguém trancado neste hospital. A partir desses fatos, concluímos que Joe torturaria você fazendo-o se importar com *ele*, e depois falhando na hora de salvá-lo. — Ele se virou para a dra. G.: — Não culpo você por não ter visto isso, Rose. Você foi vítima de um truque similar, se me lembro bem.

A dra. G. corou, o que fez o dr. A. revirar os olhos.

— Sim, eu sei que você odeia quando alguém aponta a sua tolice tanto quanto nosso garoto aqui, mas você era jovem. Já superou isso.

Ele se voltou mais uma vez para mim.

— O que você também precisa fazer, e rápido, depois da façanha que cometeu esta noite, Parker: superar. Assim como Bruce P., eu teria demitido você. Aquele homem é um idiota, mas sabe como proteger esta instituição. Felizmente para você, Rose tem uma opinião elevada sobre seu intelecto e acha que pode ser capaz de nos dar algum *insight* em relação àquela praga psicológica ambulante que chamamos de paciente.

— Já chega, Thomas — disse a dra. G. — Não quero que o pobre rapaz desista ainda, e você está se exibindo. Além disso, há mais nesta lição. Parker, continuo me

referindo ao que você planejava fazer nos termos mais vagos possíveis para manter a sua chance de negá-lo. Só temos uma pessoa que afirma ter ouvido você confessar suas intenções, e, dado quem é essa pessoa, podemos deixar tudo de lado, desde que você não diga nada que seja uma confissão explícita. Agora vou lhe dizer quem é nossa testemunha. Mas, antes que eu faça isso, você precisa me prometer que não dirá nada estúpido que confirme a acusação. De acordo?

Fiquei totalmente perplexo, mas assenti devagar. Naquele ponto, eu estava começando a sentir alívio e gratidão por ela fazer tamanho esforço para me ajudar a manter meu posto.

— Ótimo, Parker. Trouxemos você aqui porque um dos atendentes de Joe nos relatou que foi informado de que você estava planejando ajudar o paciente a fugir do hospital. A pessoa que disse isso para ele foi o próprio Joe.

Mesmo que eu quisesse confessar, não teria conseguido. Estava mudo com a notícia; minha espinha estava gelada, e minha boca, seca. Eu sentia que poderia vomitar se tentasse falar. Ao ver minha expressão, a dra. G. abriu a gaveta da escrivaninha e tirou uma garrafa de uísque e um copo de cristal. Despejou uma quantidade generosa no copo e me deu.

— Você parece precisar disso. Ordens médicas.

Apesar do estômago embrulhado, fiz o que ela mandou. No começo, aquilo me deu enjoo, mas então um calor se espalhou e entorpeceu levemente meu cérebro, e senti meus músculos relaxarem um pouco. Era um alívio bem-vindo depois do que eu acabara de ouvir. A dra. G. me olhou com expressão compreensiva. O dr. A., no entanto, só parecia sombrio.

— Rose, esse miserável não precisa ser confortado. Ele precisa ser interrogado. Ele pode ter passado mais tempo falando com Joe de verdade do que a maioria dos outros. Ele precisa nos dizer o que aconteceu com Joe durante essas sessões.

Talvez fosse o choque do que eu acabara de ouvir, talvez fosse toda a minha raiva em busca de uma nova saída depois que tudo o que motivara minhas ações tinha sido arrancado de mim, ou talvez fosse o uísque, mas algo estalou dentro de mim. Eu estava cansado de falarem de mim com tanto desprezo, como uma criança malcriada que nem sequer estava na sala. Estava cansado daquelas revelações serem despejadas sobre mim sem que me dessem a chance de processar tudo. Mas algumas coisas tinham se encaixado no lugar, e, mais do que tudo, eu estava mal do estômago só por pensar que poderia ter sido levado ao fracasso.

Olhei feio para o dr. A., com uma expressão de desprezo enfática o suficiente para ultrapassar em cem vezes seu olhar frio e desdenhoso.

— Sem chance, meu velho. Até onde entendi, você e sua “aluna” aqui me colocaram em rota de colisão com alguém que vocês tinham certeza de que ia me machucar, e não me contaram tudo o que sabiam antes que eu fosse até lá. Eu não fui enviado a Joe para curá-lo, fui? Eu era só um rato de laboratório para você e para ela, porque queriam ver o que ele ia fazer comigo. Bem, cansei disso. Se querem saber o que descobri conversando com ele, então precisam me contar o que sabem. Tudo. Por exemplo, contar por que ela tentou cometer suicídio, ou, em primeiro lugar, por que você desistiu de tratá-lo, ou por que continuavam colocando pacientes vulneráveis em perigo muito depois de saber do que ele era capaz.

O dr. A. pareceu inabalado, embora eu pudesse dizer que qualquer ar de jovialidade que ele tivesse tentado assumir tinha desaparecido assim que terminei de falar. O efeito teria me intimidado se eu não estivesse tão cheio da minha própria raiva. Ao olhar para a dra. G., eu me sentia como um animalzinho encarando um predador, mas, ao encontrar a expressão gelada e sem alma daquele velho encurvado, era como se eu nem fosse reconhecido como ser vivo. Mais como uma estatística que tinha a audácia de responder. Mas não recuei. Encarei-o por um longo e terrível momento, antes que ele finalmente se recostasse na cadeira e desse um bufada irritada.

— Bem, provavelmente não fará mal lhe dar mais um pouco de informação — disse ele. — Deus sabe que não tenho nada melhor para fazer esta noite. Mas entenda, Parker. Se quer ouvir todos os detalhes, então vai começar aceitando isto: não há cura para aquele horror que está no andar de baixo. Só é possível contê-lo.

— Sou o médico dele — respondi. — Eu decidirei sobre isso.

— Sim, suponho que decidirá — falou ele com suavidade. — Mas, assim como no início desta noite, você está errado em um ponto muito importante: você não é o médico dele. Você é, e tem sido, apenas uma ferramenta para conseguir dados sobre ele. Eu sou o médico dele, e tenho carregado esta cruz desde que ele entrou neste hospital. Isso tomou conta da minha carreira, e está tomando conta da minha aposentadoria. É o trabalho da minha vida. Teria sido o de Rose, se eu tivesse partido, mas não pretendo deixar isso sem solução por tanto tempo. Você não entende e *nunca* vai entender o que é ser a última barreira entre Joe e um mundo que não pode entendê-lo ou resistir a ele. Então mantenha essa sua língua sob controle daqui para a frente ou vai acabar na sarjeta.

A raiva me deixou tentado a responder, mas uma parte de mim sabia que seria uma ideia terrível. Essa era toda a concessão que eu conseguiria daquele homem amargo e orgulhoso, e era mais do que eu tinha direito

de esperar. Então, obrigando minha frustração a descer goela abaixo, dei o aceno de cabeça mais respeitoso que pude.

— Muito bem, então — disse ele. — Rose, por que não conta para ele sobre a última médica espertalhona e cabeça- -dura que tentou tratar nosso monstro de estimação?

Eu olhei para a dra. G. e, para minha surpresa, ela não me olhava com aquele ar de indiferença que tinha antes. Em vez disso, sua expressão era cheia de tristeza e pena.

— Sinto muito — ela murmurou de modo que só eu pudesse ouvir. Então, começou a falar naquela voz nítida de uma cientista apresentando suas descobertas: — Quando comecei a tratar Joe, ele só tinha seis anos de idade e fora internado apenas um mês antes de ser designado para mim. Naquela época, como você sabe pela leitura de minhas anotações, minha teoria era simples: ele demonstrava sinais de transtorno de personalidade sádica e sociopatia, como resultado de um transtorno de estresse pós-traumático causado por anos de terrores noturnos sem tratamento. Esses terrores noturnos teriam sido tão efetivos em perturbá-lo por conta da paralisia de sono aparentemente comórbida e da entomofobia aguda. Sua evidente progenia psicológica era simplesmente um mecanismo de defesa projetado para fazê-lo parecer ter mais controle sobre a situação do que tinha de fato, e seu comportamento

monstruoso era um ato também projetado para fazê-lo se sentir mais confiante ao encarar o monstro que imaginava. Sendo bem franca, eu achava que a coisa toda era constrangedoramente fácil e um desperdício do meu tempo, como você deve ter percebido pelas minhas anotações.

Ela parou um pouco para organizar os pensamentos antes de continuar falando:

— Minha proposta de tratamento era fazê-lo encarar o trauma de seus terrores noturnos por meio da combinação de hipnose, psicoterapia e uso de sedativos para dormir, a fim de impedir que os pesadelos se manifestassem. Mas isso você também sabe pelas anotações. Mas, o que você pode não saber é que meu tratamento funcionou. Espetacularmente. Depois dos primeiros dias, Joe mal demonstrava qualquer sinal dos transtornos que tinham sido relatados no diagnóstico inicial do dr. A. No entanto, outra coisa se manifestou. Ele se tornou muito… apegado a mim.

Ela engoliu em seco, e percebi que falar daquelas lembranças ainda era doloroso.

— Não é um exagero dizer que Joe começou a se relacionar comigo como se eu fosse uma mãe substituta. Eu já tinha percebido que os pais dele eram distantes, dada a notória ausência deles no hospital, então isso não foi muito surpreendente. Mesmo assim, quanto mais apegado ficava, mais Joe parecia se curar, e mais e mais

devotado a mim ele se tornava. Ele parecia cada vez menos um proto-sociopata e cada vez mais um garotinho assustado.

A voz dela falhou.

— Você precisa entender algo antes que eu continue. Eu também tive um relacionamento muito frio com meus pais desde cedo, e quase não tinha amigos nem mesmo durante a faculdade; eu raramente namorava e nunca me casei ou tive filhos, simplesmente porque não deixo as pessoas chegarem perto de mim, se eu puder evitar. No entanto... algo no jeito como Joe se relacionava comigo despertou todos os meus instintos maternos. Pela primeira vez na vida eu me senti necessária e amada incondicionalmente, e, ainda que tentasse manter a distância profissional, havia algo nele que fazia minhas defesas contra afeto ruírem totalmente. Quanto mais carinhosa eu me tornava, mais a condição dele parecia melhorar.

As lágrimas nos olhos dela eram óbvias agora, e ela pestanejou apressada para controlá-las, ainda que sua voz ficasse trêmula de tensão.

— Eu tinha certeza de que poderia fazê-lo ter alta lá pelo quarto mês de terapia, e, então, como um experimento final para testar sua habilidade de sentir empatia, eu o deixei ter um animal de estimação. Um gatinho, pois eu cresci com gatos e achei que ele podia se relacionar com eles do mesmo jeito que eu me

relacionara, sendo alguém que, como eu, poderia ter problemas em se relacionar com outras pessoas. Não me lembro de como ele a chamou. Algo relacionado a uma flor, acho.

— Flor Fiberwood — falei baixinho.

Ela me olhou com os olhos arregalados.

— Sim. Sim, exatamente. Como você…

— Termine a história, Rose — disse o dr. A. — Poderemos descobrir o que ele sabe muito mais rápido assim que você terminar.

A dra. G. respirou fundo e assentiu, seu verniz cortante cobrindo como uma máscara já batida a vulnerabilidade que havia aparecido brevemente.

— Como queira. Dei Flor Fiberwood para ele e fiz o dr. A. concordar que, se Joe tomasse conta da gata direito por uma semana, isso provaria que ele estava curado de suas tendências antissociais.

Foi como se uma nuvem cobrisse seu rosto, mas não de tristeza desta vez. De raiva.

— Ele cuidou da pobre gata como um anjo por seis dias, e então, no último dia, quando entrei em seu quarto, achei o corpo dela largado no chão, com a cabeça arrancada. E na parede, logo acima do corpo, ele tinha desenhado com sangue uma seta apontando para a bichana e a inscrição: “Rosie xereta”.

A voz dela era tão dura quanto um diamante.

— Veja bem, ninguém me chamava de “Rosie xereta” desde o jardim de infância, quando eu tinha a idade dele e costumavam me provocar, e não acho que Joe alguma vez tivesse ouvido alguém me chamar pelo meu primeiro nome. Ele nem teria por onde começar a adivinhar esse nome. Mas adivinhou. E assim que eu entrei, ele começou a gargalhar. E... ainda juro isso, anos depois do acontecido... era *exatamente* como a gargalhada de uma criança em particular, a mesma que costumava me intimidar quando eu tinha a idade dele. Ouvindo aquela voz e vendo a massa sangrenta que se tornara aquela gatinha adorável, a gatinha que aquela *criança* tinha mutilado... eu surtei. Saí correndo do quarto, entreguei minha demissão e... bem, você sabe o resto.

O semblante dela fervilhava de fúria e dor. Estendi o braço em sua direção, em um reflexo de empatia, mas ela afastou meu gesto antes que eu me aproximasse demais, com uma expressão que dizia que não importava quanto doesse se lembrar daquilo, ela ainda tinha seu orgulho e não iria aceitar a pena de um subordinado. Contentei-me em lhe dar um olhar que era, ao mesmo tempo, compreensivo e respeitoso.

Em seguida, ouvi a voz do dr. A. atrás de mim.

— Então, Parker, ainda acha que pode curar o bastardinho? Se importa em sugerir um diagnóstico para alguém que foi capaz de tirar do nada uma velha provocação de escola, tudo para zombar de uma mulher

cujos pontos vulneráveis ele foi capaz de captar como se por magia? E aí?

Odiando-me por isso, balancei a cabeça, impotente.

— Não sei. Eu não... eu... eu não sei.

— Claro que não sabe. — Havia um tom de satisfação na voz do velho. — Você não tem ideia do que há de errado com ele. Além do mais, você acreditou em toda a mitologia que o cerca porque é jovem, é impressionável e não sabe das coisas. É por isso que você não é o médico dele. Eu sou o médico dele. E eu sei das coisas.

20 de abril de 2008

Oi, pessoal, sinto muito por ter demorado um pouco mais para escrever, mas eu realmente precisava ter certeza de que minhas lembranças dessa série de eventos em particular fossem as mais exatas possíveis, caso contrário minhas ações deste ponto em diante não fariam sentido algum. Espero ter conseguido.

Quando terminou de dizer as últimas palavras, o dr. A. segurou os braços da poltrona e se levantou devagar e com cautela, como se cada osso de seu corpo pudesse quebrar se ele se movesse muito rápido. Apesar da idade, dava para ver que fora uma figura imponente no passado. Mesmo com a leve inclinação, ele parecia ter pelo menos um metro e oitenta de altura, e provavelmente cresceria uns três centímetros se ficasse ereto. Apoiando-se na beirada da mesa para se equilibrar, ele estendeu a outra mão para a dra. G., que se abaixou e alcançou uma bengala ornamentada, feita de madeira escura com um cabo de bronze no formato de falcão. Ele pegou a bengala e lentamente deu a volta na mesa na minha direção. Ao fazer isso, vi que segurava um arquivo grosso e empoeirado, que certamente devia

ser uma cópia dos mesmos documentos que eu tinha visto.

Ele se sentou à mesa e me dirigiu outro olhar implacável.

— Antes que eu prossiga, você precisa entender uma coisa — ele começou a falar. — Se estou certo sobre o que há de errado com Joe, então realmente estamos prestando um serviço ao mantê-lo aqui, não só para o mundo exterior, mas para o próprio Joe. Se os pais dele fossem menos dotados de poder financeiro e jurídico, teríamos feito bem mais até agora. No entanto, não podemos nos dar ao luxo de enfrentar o tipo de batalha legal que minhas suspeitas provocariam, se denunciadas. Então estamos fazendo a única coisa que podemos, que é mantê-lo aqui. Entendeu?

Concordei com a cabeça, dessa vez com respeito sincero. Ele deu um sorriso mal-humorado em reconhecimento. Então, com um floreio sombrio, abriu o arquivo de Joe na primeira página.

— Quando conheci Joe — ele deu uma batidinha com o dedo na foto em preto e branco de uma criança de aparência selvagem —, ele parecia um garoto normal com um caso de terrores noturnos. Mas, é claro, eu o entendi mal. Desastrosamente mal. Quando ele voltou, estava violento e era incapaz de falar. Fiquei confuso. Eu não tinha ideia do que havia feito de errado. E, mais ainda, eu não tinha ideia de por que as táticas dele

continuavam mudando. Você deve ter percebido. Ele ia desde fazer as pessoas se sentirem um lixo a deixá-las com medo demais para terem coragem de permanecer no mesmo aposento que ele. Bem, quando me afastei do cargo de diretor médico, eu não estava mais perto de elaborar uma explicação do que estava no início. Mas a aposentadoria me deu tempo para verificar as anotações antigas do caso dele, e quanto mais eu olhava, mais aquilo lentamente começava a fazer sentido.

Ele virou algumas páginas e apontou para o arquivo com o dedo.

— O primeiro *insight* me veio quando descobri por que os delírios dele viviam mudando. Eles mudam toda vez que alguém o chama de um novo nome desagradável. Considere quando nós o internamos. Ele nem sequer falava. Mas então uma enfermeira o chamou de “garoto mau”, e de repente ele começou a provocar as pessoas. Você pode achar que isso não significa muita coisa, mas conheci os terapeutas que trataram de todos aqueles que sobreviveram a ele durante aqueles primeiros anos, e sabe o que todos me disseram? Todos, incluindo Rose, falaram a mesma coisa: ele xingava as pessoas de nomes que lhes eram dirigidos quando estavam crescendo, em geral por valentões ou outras crianças desagradáveis. Nada daquilo era muito específico, mas ele parecia saber quais provocações infantis funcionariam melhor para cada um. Entende, agora?

Alguém o chama de “garoto mau” e, bem, ele começa a fazer provocações até descobrir o que o pior garoto da Terra seria para cada uma daquelas pessoas, e aí começa a agir exatamente *assim*.

Mais páginas foram viradas.

— Agora olhe isso. Depois de anos desestabilizando as pessoas dessa forma, ele finalmente encontra um paciente violento que não dá a mínima para isso. Mas o que esse paciente faz? Espanca-o quase até a morte e o chama de “monstro maldito”. O que se sabe dali para a frente é que Joe passa a agir como o monstro que costumava perseguir um dos nossos atendentes em seus sonhos, e provavelmente como os monstros que costumavam matar de susto seus outros companheiros de quarto. Foi por isso que o coração daquela primeira criança parou; por isso ele tentou estuprar uma vítima de abuso sexual; e por isso conseguiu assustar alguém o bastante para fazê-lo arrancar as barras de ferro da janela. Porque, se é para ele ser um monstro, ele vai ser o pior monstro que cada uma de suas vítimas pode imaginar. Se antes ele as fazia se sentir tão mal quanto nos piores momentos de suas vidas, quando se viram como lixo, agora ele ia assustá-las tanto quanto no instante em que mais tiveram medo na vida.

Ele abaixou os óculos e me olhou por um instante antes de prosseguir.

— Agora, decerto um residente brilhante como você terá percebido que esse tipo de comportamento nos diz que, além de qualquer outra coisa que esteja errada com ele, podemos concluir que Joe é extremamente sugestionável. No mínimo, isso implica algo desagradável sobre sua formação, porque crianças dessa idade em geral não estão dispostas a internalizar feedbacks negativos, a menos que tenham sido condicionadas a isso por seus pais. E temos fortes evidências, desde a minha primeira sessão com ele, que apoiam a ideia de que Joe sofreu abusos terríveis. Rose, você poderia?

A dra. G. abriu outra gaveta e pegou um toca-fitas e duas fitas cassete. Reconheci as duas como sendo cópias das fitas que eu tinha. Ela inseriu uma no aparelho e apertou o play. A voz do dr. A. apareceu. Eu já tinha escutado o áudio da sessão antes, mas no contexto do que acabara de ouvir as palavras ganharam significado sombrio.

Dr. A.: Olá, Joe. Meu nome é dr. A. Seus pais me disseram que está com dificuldades para dormir. Pode me dizer por quê?

Joe: A coisa na minha parede não deixa.

A.: Entendo. Sinto muito por isso. Pode me contar sobre a coisa na sua parede?

J.: É nojenta.

A.: Nojenta? Como assim?

J.: Só nojenta. E assustadora.

A.: O que eu quero dizer é: como você a descreveria?

J.: É grande e peluda. Tem olhos de mosca e dois braços de aranha superfortes, com dedos bem compridos. E o corpo é um verme.

O dr. A. parou a fita.

— Veja bem, olhos de mosca, além de terem naturalmente a aparência de alienígenas, não piscam. E as principais características que ele atribui aos braços da criatura é que são grandes e fortes, e presumivelmente peludos, daí a referência a uma aranha. E o corpo é um verme. Em outras palavras, um falo. Então temos algo fálico, com braços grandes, fortes e peludos e olhos que não pestanejam. O que pode ser?

Ele apertou o play novamente. As vozes recomeçaram.

A.: Isso parece assustador. E é muito grande?

J.: Muito! Maior do que o carro do meu pai!

O botão de pausa foi acionado de novo.

— Ora, por que só lembrar o carro do pai? Quero dizer, os pais dele eram ricos o bastante para mantê-lo aqui desde a década de 1970 — falei sem pensar. — É possível que ambos, pai e mãe, tivessem carros.

— Errado — replicou o dr. A. — Eu perguntei, e eles só tinham um carro, e os dois o usavam. Então, por que usar esse ponto de referência em particular para o tamanho do monstro? É uma livre associação bem

específica, eu diria. Ora, por que Joe faria uma associação livre com o pai depois de falar sobre algo fálico e com braços peludos que o segurava e o encarava? Cada vez mais curioso. Mas não vamos nos adiantar. Primeiro, vejamos como os pais dele reagiam a esse suposto intruso.

A.: Entendo. E seus pais já viram essa coisa?

J.: Não. Ela volta para a parede quando eles chegam.

A.: Algo tão grande cabe na sua parede? Ela não quebra?

J.: O monstro derrete. Como sorvete. Parece que é a parede.

— Então, os pais dele não reconhecem a existência dessa coisa — disse o dr. A. — Agora, por que isso acontecia? Se está seguindo minha linha de raciocínio, eu pensaria ser óbvio o motivo de o pai não ver o monstro. Mas, e a mãe? Talvez ela simplesmente se recusasse a reconhecer o que o pai de Joe estava fazendo, mesmo com ele parado bem ali ao lado da cama. Joe não poderia processar que sua mãe estava em negação, então a única conclusão lógica era que seu pai devia ter enganado a mãe para que ela pensasse que ele, o pai, era parte da parede. Encaixaria direitinho. Agora vamos para a melhor parte.

A.: Entendo. E foi ele que fez essas marcas nos seus braços?

J.: Sim. Tentei cobrir o rosto para não ter que ver ele. Ele puxou meus braços e me fez abrir os olhos com os dedos.

A.: Por que ele fez isso?

J.: Ele gosta quando eu me sinto mal. É por isso que ele não me deixa dormir.

A.: O que quer dizer?

J.: Ele come maus pensamentos.

— A resposta estava ali o tempo todo. — O dr. A. olhava para o toca-fitas com uma espécie de fascinação desolada. — Eu só não tinha prestado atenção suficiente. Joe estava nos dizendo que tinha sido abusado sexualmente. Ele descreveu a sensação de ser segurado e estuprado pelo pai quando contou a história desse monstro que tem todos os atributos de um homem adulto estuprando um garotinho. Ele até nos deu a dica de que seu pai era um sádico ao dizer que o monstro comia maus pensamentos – o que um sádico, levado pela própria crueldade, faria com uma criança. Mais ainda: a passividade inicial e a subsequente sugestionabilidade de Joe quando chamado de nomes desagradáveis são consistentes com o comportamento de uma criança muito abusada antes e depois de um surto psicótico.

Ele suspirou. Nesse ponto, estava falando mais para si do que para mim.

— Claro, ainda resta o enigma de por que Joe passou a imitar o sadismo do pai quando nós o trouxemos para cá. Bem, isso nos leva à última parte da fita:

A.: Entendo. Bem, nesse caso, acho que sei como podemos nos livrar dele.

J.: Sério?

A.: Sim. Se ele come maus pensamentos, então quero que você só tenha bons pensamentos quando ele aparecer.

J.: E como eu vou fazer isso? É assustador!

A.: Acho que o monstro quer que você pense que ele é assustador, Joe. Mas sabe de uma coisa? Ele não é. É só sua imaginação. Sabe o que é imaginação?

J.: Acho que sim.

A.: Então, você sabe que é a parte de você que inventa ideias. Algumas vezes são boas, e às vezes são assustadoras. Mas Joe, mesmo que suas ideias pareçam assustadoras, ainda são *suas* ideias. E sua imaginação não pode assustar você, a menos que você deixe.

J.: Então eu posso controlar ela?

A.: Isso mesmo, Joe.

J.: Como você sabe?

A.: É meu trabalho saber isso. Meu poder especial é fazer as pessoas pararem de sentir medo. É por isso que as pessoas vêm até aqui, para não ficarem mais assustadas. E sabe o que mais, Joe? Todas essas pessoas só ficam assustadas por causa de suas ideias. Por causa de partes delas que elas não podem controlar.

J.: Uau.

A.: Sim. Agora, aposto que você é um garoto crescido que não faz mais xixi na cama, não é, Joe?

J.: Que nojo! Dã!

A.: Bem, pense nesse monstro grande e assustador como fazer xixi na cama. É só parte de você que você permite ficar fora de controle.

J.: É engraçado. O monstro é meu xixi.

A.: Não exatamente. Mas você consegue controlar as duas coisas porque ambas são parte de você, Joe. Agora me diga: o monstro ainda parece tão assustador?

J.: Não! E vou dizer que ele não me assusta da próxima vez que me encontrar com ele!

O dr. A. parou a fita, e eu percebi que aqueles últimos momentos tinham drenado sua energia.

— É por isso que nunca larguei este caso. — A voz dele era um pouco mais que um sussurro. — Porque acho que, na minha arrogância, criei os problemas que ele tem agora. Acho que entre nossas duas primeiras sessões, por causa do que eu disse para ele, Joe deixou de acreditar que era alvo de um monstro que vive na psicose das pessoas para acreditar que ele *era* o monstro. Pense no que isso faria a uma criança vítima de abuso sexual. Ela já tem um risco elevado de dissociação. O que eu falei para Joe… pode simplesmente tê-lo levado a um transtorno dissociativo de identidade completo, porque a ideia de que ele era responsável pelo próprio abuso teria sido demais para suportar. Então ele criou uma segunda personalidade “monstro” para culpar,

que imitava o sadismo que ele vivenciou de seu pai. E como nós não vimos isso naquela época, agora... agora essa personalidade "monstro" controla tão completamente a psique de Joe que sua mente e seu comportamento começaram a se adaptar para preencher essas necessidades. Só o fato de acreditar que ele era *um* monstro já seria ruim o bastante, pois isso provavelmente faria dele o psicopata sádico mais puro da história da psiquiatra. Mas a situação é pior. Esse monstro *em particular* acredita de verdade que precisa ser exposto constantemente a maus pensamentos a fim de sobreviver, do mesmo modo que você ou eu precisamos de comida. Como resultado, o sentimento de empatia dele evoluiu para uma capacidade de descobrir como disparar psicose segundos depois de conhecer alguém. E não só isso. Por causa de sua sugestionabilidade residual, Joe pode desencadear formas diferentes de angústia sob comando. Em outras palavras: seus delírios são tão fortes que enganaram sua mente para que fosse capaz de fazer coisas que nenhuma mente humana deveria ser capaz de fazer. Agora, concordo, pode ser que todas as pessoas que disseram que ele incitou as lembranças ruins de sua infância e seus piores medos estejam apenas compartilhando o mesmo delírio, ou talvez que tenham esquecido que revelaram detalhes-chave em algum momento, detalhes que depois chegaram aos ouvidos de

Joe. Mas mesmo que isso fosse verdade, uma coisa é inegável: ele desenvolveu a habilidade de induzir suicídio em pessoas como um mecanismo de defesa, do mesmo modo que sua personalidade original “morreu” para abrir espaço para a monstruosa. E funcionou perfeitamente. Até agora.

Ele fechou o arquivo e me encarou novamente, os olhos fixos nos meus.

— É por isso que precisamos de você. Você não está morto e vivenciou os truques dele em primeira mão. Você pode ser a única testemunha que temos, além de Rose, que tratou de Joe quando ele era muito menos desenvolvido cognitivamente, e já faz tanto tempo que não podemos ter certeza da fidelidade do relato dela. Você é a única pessoa que pode nos dar informações totalmente precisas de como ele conseguiu manipular você.

Com isso, ele colocou a mão fina, mas surpreendentemente forte, sob meu queixo e segurou meu rosto no lugar enquanto falava as seguintes palavras:

— Então, vou lhe perguntar mais uma vez, Parker. Me diga, pelo bem de Joe, se não pelo meu, *o que aconteceu entre você e ele*?

Nesse ponto, eu não tinha mais motivo para continuar em negação. Então, contei para eles. Contei sobre a aparente sanidade de Joe, a explicação muito bem

concatenada para seu confinamento e sua reapropriação do incidente com Flor Fiberwood. Contei sobre a história perfeitamente calculada de ele se sentir culpado pelos ferimentos da mãe, assim como antes eu me sentira culpado pelos problemas da minha própria mãe. Contei para eles como Joe foi hábil em explorar meu luto pela morte de Nessie. Contei até mesmo sobre como os avisos do dr. P. para que eu não me incomodasse em buscar uma cura, bem como suas tentativas presunçosas de intimidação, fizeram que fosse ainda mais fácil acreditar em Joe. Eles ouviram a história inteira com atenção, e, quando terminei, parecia que o dr. A. estava sentindo o peso da idade.

— Então — disse ele —, Joe não se baseou em nenhum detalhe da sua vida. Ele simplesmente se baseou no fato de que você era uma pessoa empática e jogou com isso. Foi provavelmente coincidência Joe ter selecionado algo sobre a mãe dele para espelhar seus sentimentos de responsabilidade pela sua. Mais ainda, ele culpou o pai pelos maus-tratos ao gato de estimação, presumivelmente porque é justamente o pai o responsável pela situação. Então, ele finalmente conseguiu se abrir sobre sua raiva a respeito do abuso, mesmo que indiretamente. No fim das contas, você pode ter resolvido este caso, Parker. Obrigado, Rose. Acho que resolvemos esse quebra-cabeça em particular. É claro que não podemos dizer aos pais de Joe o que sabemos,

então só informaremos que chegamos à conclusão de que o caso dele é realmente incurável, e que ele poderá ficar aqui de maneira indefinida, para seu próprio bem. Quanto ao Parker, tire-o do caso.

— Não! — gritei. Alguma coisa na explicação do dr. A. parecia muito errada.

O homem mais velho se virou para mim com uma expressão incrédula.

— Não? — perguntou ele. — Parker, o caso está resolvido. Você só confirmou nossa hipótese, e mesmo que não tivesse confirmado, acredite em mim, teria sido necessário um psiquiatra com muito mais experiência do que você para sequer começar a fazer aquele pobre homem recuperar a sanidade. Mesmo se eu ainda estivesse atuando...

— Mas o senhor não está. Está aposentado. E não acho que esteja certo. Alguma coisa não está encaixando.

— Como ousa? Você acab...

— Relaxe, Thomas — disse a dra. G. — Se Parker tem outra ideia, quero ouvi-la. Não vai doer ter uma segunda opinião.

O dr. A. resmungou e acenou a mão para mim com evidente irritação.

Começando a me sentir nervoso novamente, pigarreei e comecei a falar antes que a tensão me impedisse.

— Antes que eu tente avançar na minha teoria, quero fazer mais algumas perguntas só para ter certeza de que entendi bem alguns detalhes.

— Ah, pelo amor de… — o dr. A. começou a dizer, mas a dra. G. ergueu a mão.

— Sim, Parker?

— Quero começar com os terrores noturnos — falei. — Joe mencionou-os alguma vez depois que voltou?

O dr. A. parecia estar prestes a dar uma resposta grosseira, mas então uma fisionomia pensativa cruzou seu rosto.

— Agora que você está mencionando, não — confirmou ele. — Ainda que, nesse ponto, poderia ser tarde demais. Além disso, ele estava sedado, e seu pai provavelmente não ia desfrutar o momento se ele não sentisse dor.

— Talvez — concordei, voltando-me para a dra. G. — Mas não tenho certeza se a explicação das origens do "monstro" está correta. Dra. G., você não disse que Joe sofria de entomofobia?

A dra. G. assentiu devagar. Parecia insegura quanto a onde eu ia parar com tudo aquilo.

— Sim, foi algo que os pais dele mencionaram na primeira vez que o trouxeram.

— E ele tinha medo de insetos quando tratou dele? — perguntei.

— Não particularmente — disse ela. — Tentamos um pouco de terapia de exposição, mas ele não reagiu muito como um entomofóbico.

— Obviamente, a entomofobia era só uma representação do que ele achava que estava vivenciando — disse o dr. A. — Rose, realmente...

— Dr. A. — eu falei —, poderia, por favor, tocar novamente a descrição do monstro na parede feita por Joe?

O dr. A. me deu um olhar longo e cansado, mas decidiu fazer o que eu pedi e começou a procurar na fita até encontrar a passagem relevante.

> É grande e peluda. Tem olhos de mosca e dois braços de aranha superfortes, com dedos bem compridos. E o corpo é um verme.

— *Isso* incomodaria um entomofóbico mais do que qualquer coisa, não acham? — perguntei.

— Mais uma vez: não seria de surpreender se a entomofobia fosse o resultado do que ele achava que o estava machucando — escarneceu o dr. A.

— É verdade — concordei. — Mas tem algo mais. Pode passar para a parte em que você diz para ele que era só imaginação?

Suspirando, o dr. A. avançou a gravação.

> **A.:** Bem, pense nesse monstro grande e assustador como fazer xixi na cama. É só parte de você que você permite ficar fora de

controle.

J.: É engraçado. O monstro é meu xixi.

A.: Não exatamente. Mas você consegue controlar as duas coisas porque ambas são parte de você, Joe. Agora me diga: o monstro ainda parece tão assustador?

J.: Não! E vou dizer que ele não me assusta da próxima vez que me encontrar com ele!

A fita parou. O dr. A. parecia cada vez mais irritado, e a dra. G. ainda parecia intrigada.

— Ele não parece uma vítima de estupro para quem foi dito que era tudo culpa dele, parece? Ele parece aliviado. Parece feliz. Não é o que se espera de alguém passando por um episódio dissociativo. E se ele era tão sugestionável quanto você diz, por que não começou a agir como se fosse o monstro nesse momento? Por que ainda se manteve em seu antigo eu?

— É provável que sua mente ainda não tivesse processado as informações completamente — murmurou o dr. A., quase sem prestar atenção.

— Ou não houve episódio dissociativo algum — eu sugeri. — E se não houve, de fato, abuso parental ou mesmo terrores noturnos? E se Joe realmente estava sendo torturado por alguma coisa que sabia como usar a entomofobia dele e que sabe manipular com a mesma habilidade os medos de todos os demais? E se, quando ele disse que aquilo era parte dele, aquilo *se tornou* a

segunda personalidade que você acha ser resultado do abuso? E se ele trouxe o monstro com ele quando voltou para cá?

— Ah, sim, e tenho certeza de que a cabeça dele girou no próprio eixo e que ele vomitou sopa de ervilha — zombou o dr. A., que começava a parecer zangado de verdade. — Pare de falar como um entusiasta de filmes de terror, filho, e controle-se. Você é um cientista, pelo amor de Deus.

— Apenas me escute — pedi. — Eu mesmo não teria acreditado antes desta noite, mas a coisa é…

Descobri que minha respiração estava irregular.

— Olhe, sei que você quer desprezar todo o conhecimento que ele consegue captar a respeito das pessoas como se fosse um tipo de sorte, ou prefere pensar que as pessoas não se lembram do que disseram a ele, mas eu sei que não é verdade, pelo menos no meu caso. Quando Hank estava me arrastando para fora do quarto dele, ele começou a gargalhar com a mesma voz de algo que ainda aparece nos meus pesadelos. E garanto a vocês, depois do aviso que a dra. G. me deu, nunca contei para ele nada sobre meus problemas ou o que me assustava. Então como ele sabia o tom e o timbre exatos que devia usar?

— Você ouviu o que queria ouvir — replicou o dr. A. — Você esperava a voz de um monstro. Sua mente reagiu fingindo que estava ouvindo uma voz assim.

— Mas a questão é esta: eu não esperava. Lembre-se, eu achava que ele era um paciente são e maltratado quando Hank me pegou, e mesmo assim eu *ainda* ouvi aquela voz. Exatamente quando eu *menos* esperava algo sobrenatural, aconteceu. E se os outros, como a dra. G., não estiverem mentindo? E se eles realmente nunca disseram nada para ele, e mesmo assim ele sabia como assustá-los?

— Ele tem razão, Thomas. Admito que não tenho anotações para provar, mas não faço ideia de como Joe descobriu que as pessoas me chamavam de “Rosie xereta”. Não consigo me lembrar sequer do assunto ter surgido em algum lugar onde ele possa ter ouvido. Acho que nem mesmo eu me lembrava daquele apelido até que o vi rabiscado na parede do quarto dele.

— Ele pode ter ouvido seu nome dito por alguém e o resto foi um golpe de sorte, Rose! — o dr. A. explodiu. — Xereta não é um adjetivo tão incomum. Não seria difícil para uma criança inventar isso!

— Você sabe muito bem que não se deve desprezar sintomas como coincidências só para salvar sua teoria, Thomas — disse a dra. G., baixinho.

O dr. A. parecia furioso.

— Tudo bem. — Suas palavras derramavam um sarcasmo venenoso. — Vamos supor que vocês dois estejam certos, mesmo que isso acabe com todo o nosso comprometimento com a ciência no processo. Que

tratamento vocês sugerem, então, para um caso de possessão pelo bicho-papão? Apertamos a barriga dele? Fazemos um buraco no crânio com uma broca para que o demônio saia? Me expliquem.

— Você disse que tinha descartado outras possibilidades — prossegui. — Devo supor que não fez nenhum tipo de exorcismo?

— Que tipo de charlatão você acha que eu…

— Ah, pare de tentar fingir que é o cientista mais purista da sala, Thomas — replicou a dra. G. — Claro, você manteve isso fora dos registros, mas nós dois sabemos que tentou algumas coisas não convencionais com Joe.

O dr. A. não respondeu, mas, pela primeira vez, pareceu visivelmente desconfortável.

— Se não contar para ele, Thomas, eu conto.

— Ah, pelo amor de Deus, Rose, nós descartamos aquele absurdo, e você sabe disso. Por que encorajar com dados inúteis esse fedelho insubordinado e com excesso de imaginação que você contratou?

— Então vocês tentaram exorcismo — constatei com frieza. — O que aconteceu?

— O que aconteceu foi exatamente o que se espera de um encrenqueiro como Joe — rosnou o dr. A. — O padre veio, começou a fazer os rituais e não aconteceu coisa alguma. Tudo o que Joe fez foi debochar dele todo o tempo, dizendo que era um anjo mandado à Terra direto

pela mão direita de Cristo e que o padre estava traindo seu próprio Deus. Exatamente o tipo de coisa que alguém diria para desconcertar uma pessoa religiosa.

— E eu aposto que isso *realmente* desconcertou aquele padre *em particular*, não foi? — pressionei. — Aposto que ele nem sequer conseguiu terminar o ritual, não é?

— Ele… ele saiu antes, sim — disse o dr. A. — Aonde quer chegar?

— E você tentou gravar o processo?

— Claro que não! — disse o dr. A. de forma atabalhoada. — Não quero que *ninguém* saiba que incentivei esse tipo de charlatanismo.

— Uma pena — comentei. — Porque eu apostaria qualquer coisa que, se você tivesse gravado, não teria pegado ele dizendo nada. Porque o paciente que você tem ali… o próprio Joe… não é ele que está fazendo isso. O que quer que tenha vindo com Joe é que está fazendo isso. E usando Joe como bode expiatório.

— Você pensa de verdade que algum bicho-papão está morando de graça no nosso hospital? — perguntou o dr. A., com uma risada desdenhosa se retorcendo subjacente à sua voz. — Rose, acho bom você chamar Hank com uma camisa de força. Acho que nosso pretenso salvador aqui ficou maluco.

— Pode haver um jeito de verificar se estou certo — falei, concentrando-me na dra. G., mais amena. — Sei

que é uma hipótese estranha, mas se me deixarem reunir dados suficientes para testá-la e ela se provar errada, podem me tirar do caso.

A dra. G. juntou as mãos, tamborilando os dedos, e pensou naquilo por alguns segundos. Parecia intrigada, mesmo sem querer. Por fim, acenou com a mão.

— Vá em frente.

Respirei fundo.

— Com sua permissão, eu gostaria de tirar o dia de amanhã de folga para conversar com as únicas pessoas que *podem* confirmar ou negar essa hipótese, mesmo que indiretamente. Eu gostaria de visitar a família de Joe e dar uma olhada no quarto onde isso aconteceu.

— Ah, sim, isso vai ser lindo — zombou o dr. A. — O que planeja dizer? “Com licença, sr. M., mas o senhor gostou de molestar seu filho e ouvir os gritos dele? Por acaso, a sua propriedade veio com algum aviso de que poderia haver uma infestação de insetos gigantes?”

— Nós dois sabemos que há meios mais sutis do que esse para procurar pistas de que alguém é sádico — falei, tentando não morder a isca. — E, de toda forma, só vou tentar verificar se minha hipótese tem fundamento, e isso não vai disparar o alarme deles de jeito algum. Eles vão se sentir completamente confortáveis; então, se os pais de Joe forem sádicos enrustidos, deverá ser bem fácil encontrar pistas. Se houver alguma evidência de que algo sobrenatural vivia naquelas paredes, ou de que

aquela casa era assombrada de algum modo, também deverá ser fácil descobrir.

Olhei fixo nos olhos do dr. A.

— E sabe o que mais? Se eu não encontrar sinal algum de que os pais têm problemas, ou se tampouco houver evidências de algo sobrenatural, então vou admitir que você estava certo e que minha mente foi tomada por uma bobagem anticientífica. Parece bom?

Mais uma vez, entreolhamo-nos por um bom tempo, e quando o olhar foi interrompido eu poderia dizer que ele tinha se reconciliado com a ideia, embora não conseguisse me respeitar por insistir naquilo. Então, percebi um movimento e me virei para ver a dra. G. pegar uma caneta e escrever algo em sua agenda.

Ela me olhou.

— Sim, você pode tirar o dia de folga. Independentemente do que Thomas diz, quero saber o que você descobrir. Não se preocupe. Direi para Bruce que você está fazendo algo a meu pedido. Não acredito que a família tenha se mudado, então use o endereço que está no arquivo dele. Agora vá para casa e durma um pouco se puder. Precisamos que esteja alerta amanhã.

24 de abril de 2008

Eu subestimei o quão difícil seria escrever esta história conforme eu me aprofundasse nela. Acreditem, eu gostaria de ter postado esta parte em particular antes, mas acho que, como vocês verão, o assunto em questão tornou isso impossível. Juro que não estou tentando exagerar ou me alongar de forma desnecessária. Só que é difícil lembrar e contar tudo, fazer minha mente voltar àquele espaço. Dito isso, quando me sento para escrever, a história se derrama. Meio como uma ferida infeccionada que acaba de ser lancetada. Sinto-me muito melhor depois de cada publicação.

Para quem me acompanhou até aqui, obrigado pela paciência. Se estão procurando uma resposta para o mistério desta história, este provavelmente é o post pelo qual vocês estavam esperando.

Gostaria de poder dizer que segui as instruções da dra. G. e dormi como um bebê quando voltei para casa naquela noite, mas o fato é que o que eu tinha descoberto tornou meu sono virtualmente impossível. Meu cérebro girava como se fosse um hamster correndo em uma rodinha, imaginando coisas a partir da minha

disposição, cada vez maior, em aceitar as teorias mais erráticas e absurdas. Havia uma semana, eu estava convencido de que Joe era um homem sadio preso por um grupo de médicos criminosos. Fui pego tentando libertá-lo. Agora eu embarcava em uma viagem para tentar descobrir provas de que ele estava possuído por… pelo quê, exatamente? Um demônio? Um espírito vingador? Um bicho-papão? Não são justamente as pessoas mais malucas que acham que são as mais racionais? E se eu tivesse simplesmente surtado, do mesmo jeito que os outros médicos de Joe, e a equipe da dra. G. estivesse me esperando com uma camisa de força quando eu retornasse ao hospital? Pensando bem, eu não os culparia se isso acontecesse.

E, reverberando sob tudo isso, bem ao lado das batidas do meu coração estava o som daquela risada do quarto de Joe.

Infelizmente, Jocelyn não estava em casa para me ajudar a processar nada daquilo ou, pelo menos, para tirar minha mente do assunto. Havia um bilhete dela na cozinha dizendo que ficaria até tarde na biblioteca para avançar no próximo capítulo de sua pesquisa. Mandei um SMS para ela, dizendo que eu estava em casa, e ela me ligou, ansiosa para saber se eu ainda tinha emprego ou se a polícia chegaria em breve. Eu não queria entrar em detalhes pelo telefone, então a tranquilizei, falando que

estava tudo bem, e que contaria toda a história quando nos encontrássemos.

Depois de um tempo, desesperado para dormir, tomei alguns ansiolíticos com uma boa quantidade de vinho e, de algum modo, a combinação dos produtos químicos finalmente me fez dormir. Mas o som do meu despertador, que aparentemente tocou um segundo depois que fechei os olhos, só agravou os horrores da noite anterior, causando uma dor de cabeça terrível.

Mesmo assim, um banho, um comprimido de ibuprofeno e um pequeno oceano de café na sequência me deixaram apto o suficiente para dirigir. Foi então que peguei minha cópia do arquivo de Joe e procurei o endereço da família dele, que constava na primeira página.

O local registrado explicou imediatamente como a família de Joe conseguiu manter mais de vinte e cinco anos de tratamento hospitalar. Ficava localizado em uma parte do estado tão famosa por sua riqueza que o próprio nome conjurava imagens de carros folheados a ouro, casas palacianas e iates privados. Além do mais, uma rápida olhada no MapQuest mostrou que a casa da família de Joe ficava bem no meio de uma vasta propriedade à beira d’água. Sob qualquer outra circunstância, eu teria ficado pelo menos um pouco curioso sobre como seria tamanha opulência vista de perto, mas, nesse caso, a única coisa que me

impressionou foi como o local era isolado e, portanto, como devia ser difícil conseguir ajuda – em especial para uma criança pequena. A única vantagem era que ficava só a uma hora e meia de carro de New Haven, e seria ainda mais rápido se o trânsito estivesse livre. Então, colocando as instruções do MapQuest no banco do passageiro para facilitar a consulta, comecei a dirigir para descobrir o que estaria me esperando no local do nascimento da insanidade de Joe – se era isso, de fato, o que ele tinha.

Se eu acreditasse que a natureza tem algum senso de ironia, aquela viagem teria sido uma bela evidência. O clima era um bálsamo, em um dia de outono frio pelo qual a gente espera e reza todos os anos, não havia trânsito algum e, além disso, recebi um SMS de Jocelyn me desejando sorte e me avisando que estaria em casa à noite, para que pudéssemos nos ver. Em resumo, sob qualquer outra circunstância teria sido o dia perfeito, o que tornava aquele percurso até o equivalente secular à boca do Inferno muito mais enervante.

O pitoresco cartão-postal daquela parte do estado onde a família de Joe morava só aumentava a dissonância cognitiva. Eu devo ter passado por centenas de mansões caríssimas, mas de bom gosto, do tipo que só dinheiro antigo consegue construir, e cada uma delas parecia fazer parte de um romance de Jane Austen, em vez de ficar nos Estados Unidos. Os poucos moradores

que vi nas ruas pareciam ter saído das páginas dos catálogos da Brooks Brothers ou da J. Press, cada qual vestido com roupas que valiam vários meses do meu salário e relógios que provavelmente custariam no mínimo o que eu ganhava por ano. Meu Ford Taurus relativamente modesto, ainda que bem cuidado, deve ter ficado visivelmente deslocado entre os exércitos de Mercedes, Audis e Bentleys. Fiquei surpreso que alguém vindo de um lugar como este acabasse em um hospital, ainda mais no Hospital Psiquiátrico Estadual de Connecticut. Aquele era o tipo de bairro onde a dor de qualquer natureza era extirpada por medicamentos e idas a psiquiatras particulares ou mantida a uma distância respeitável com gastos copiosos. Era, em resumo, um lugar onde qualquer coisa desagradável, que dirá um horror sobrenatural, teria sido gentrificada sem piedade para bem longe da vista e da mente.

Foi só quando cheguei ao pesado portão da propriedade da família de Joe, trabalhado em ferro forjado e fixado em um muro alto e grosso de pedra, que senti algo sinistro nos arredores – embora isso possa ter acontecido, em parte, por eu ter sido interceptado por um segurança robusto que parecia estar em uma missão patrocinada pela Blackwater, em vez de guardar a casa tranquila de uma família. Não querendo parecer muito nervoso, expliquei da maneira mais delicada que pude

que era médico e estava lá para falar com os moradores sobre o filho deles.

Ele deu meia-volta com precisão militar e marchou até sua guarita, onde teclou alguns números em seu console. Uma voz de mulher – marcada pelo tipo de sotaque educado, com a mandíbula travada, que só se escuta nos membros seniores dos melhores iate clubes – saiu pelo microfone e, depois de uma conversa breve com o funcionário mandão que acabara de me barrar, autorizou minha entrada. O segurança encerrou a comunicação rapidamente e apertou um botão que fez o portão se abrir com suavidade e silêncio quase absoluto. Meu estômago se contraiu com o nervoso que eu tentava controlar desde que me arrumara naquela manhã, e continuei em frente.

O caminho até a casa da família de Joe subia por uma colina gradual e obsessivamente bem cuidada, cercada por um pequeno bosque de bordos-açucareiros e carvalhos vermelhos americanos igualmente bem mantidos. No alto da colina, rodeada de faias, ficava a casa – uma imponente mansão de pedra neogótica que parecia transformar os raios de sol em um radiante brilho pastel. Parei na porta de entrada e, entregando a chave do carro para um manobrista empertigado que parecia angustiado só de colocar o pé em um carro tão modesto quanto o meu, preparei-me para encarar o que quer que aquela casa reservasse para mim.

Mas quanto mais eu olhava para ela, mais inquieto me sentia. Francamente, se a família de Joe morasse em um castelo de pedra negra coberto de gárgulas demoníacas e iluminado o tempo todo por relâmpagos, acho que teria me sentido menos incomodado. O lugar era colossal: tão grande que podia abrigar uma escola inteira e ainda seria espaçoso. Eu tinha quase certeza de que rivalizava com o edifício principal do HPEC em tamanho. A ornamentação era agradável de uma forma supérflua, com várias rosas de pedra e cupidos sorrindo nos muito peitoris e parapeitos, sem mencionar as numerosas treliças feitas à mão e quantidades copiosas de vitrais. Até para meus olhos não treinados, toda aquela elegância parecia uma máscara reluzente e colada sobre o que era essencialmente a paliçada espartana e proibitiva de uma edificação, cheia de ângulos severos, torres agudas e contrafortes salientes. Eu me perguntei que tipo de arquiteto projetaria uma casa dessas e, mais ainda, quem originalmente havia querido morar ali. Não era de se admirar que um paciente psiquiátrico incurável tivesse surgido das paredes daquela imitação da Bastilha no estilo gótico de Strawberry Hill.

Enquanto eu subia os degraus de pedra calcária reluzente, a porta se abriu e uma mulher magra, cujo rosto remetia à imagem de uma beleza envelhecida graciosamente, apareceu para me receber. Devo admitir que meu primeiro pensamento ao conhecê-la foi que

dificilmente seria o tipo de pessoa que eu imaginaria conspirando para manter o abuso sexual de uma criança em segredo, mesmo que em negação. Havia uma gentileza naquela mulher, mas cingida de um aço tão naturalmente aristocrático que imaginei que ela já tivesse nascido tocando a sineta para convocar os empregados.

— Dr. H. — disse ela, com o mesmo sotaque acentuado de escola preparatória que eu ouvira pelo interfone —, que prazer recebê-lo. A dra. G. nos telefonou para avisar que você viria hoje, e devo dizer que foi um alívio. Como está meu garoto? Tenho me perguntado muito sobre meu pobre Joseph, e não recebi quase nenhuma notícia do hospital nestes últimos anos... além das cobranças, é claro... Então, pode imaginar minha satisfação com a sua ligação. Por favor, entre.

— Obrigado, sra. M. — falei graciosamente, apertando a mão dela com o que esperava ser o profissionalismo apropriado. — Estou muito contente de tê-la encontrado em casa, já que esperava falar com os pais de Joe.

— Bem, temo que terá de se contentar comigo — disse ela com um toque de tristeza. — O pai de Joseph morreu há dez anos. Contudo, se eu puder ajudar, ficarei feliz em fazer o possível. Vamos até a sala de visitas, e então conversaremos.

A “sala de visitas” era, na verdade, uma câmara abobadada de pé direito alto com muitos móveis de

mogno envelhecido e cerejeira, e com o que pareciam ser algumas cabeças de animais genuínas empalhadas. Não estando acostumado com as armadilhas de tamanha riqueza, eu naturalmente me peguei olhando ao redor com grande admiração, até que determinada cabeça empalhada fez que eu me sobressaltasse e emitisse uma pequena exclamação.

Para ser franco, não era a cabeça de nada que eu já tivesse visto ou quisesse ver novamente. Se eu achasse que era genuíno, poderia ter pesadelos pelo resto da vida. Projetando-se da base na qual fora colocada, estava uma cabeça bulbosa, quase sem forma, de aproximadamente trinta centímetros de comprimento, com um par de olhos segmentados, amarelos e doentios, e várias fileiras de pinças das quais parecia pingar veneno. Pior ainda, o taxidermista estava decidido a tornar a coisa o mais real possível porque os olhos ainda reluziam com o brilho maligno do sadismo, e as pinças se projetavam da face em uma atitude de agressão furiosa, como se a coisa pudesse fechar as mandíbulas a qualquer momento e esmagar a cabeça da criatura inocente pega em sua mordida. Uma boca arreganhada e cheia de presas, como a boca da maior sanguessuga do mundo, se abria entre as pinças e os olhos, pronta para eviscerar qualquer coisa que entrasse ali.

Vendo meu horror, a sra. M. seguiu meu olhar e estremeceu.

— Uma coisa horrível, não é? — perguntou ela. — Mas nunca tive coragem de me livrar dela. Não se preocupe, é só uma peça artística... nada real. Charles, o pai de Joseph, era um caçador bastante talentoso, e quando os terrores noturnos de Joseph começaram, ele achou que ajudaria se fingisse ter capturado e matado a coisa, e pendurou essa cabeça na sala. Contratamos um artista para conseguir do próprio Joe uma descrição da criatura, e para estudar os desenhos que ele fazia. O resultado foi esse.

Ela fungou com amargura.

— Claro que essa coisa horrível não tranquilizou Joseph. Na verdade, suspeito que o tenha assustado ainda mais. Mas desde o início de sua longa hospitalização eu a mantive aqui, em parte para me lembrar de quanto Charles queria ver Joseph curado, e em parte como um tipo de símbolo de esperança para mim, de que um dia Joseph poderia derrotar a doença mental que o fez imaginar essa coisa imunda.

Ainda paralisado de nojo e fascínio, precisei de certo esforço para afastar o olhar daquela representação monstruosa do bicho-papão de uma criança de seis anos. No entanto, a menção aos terrores noturnos me fez lembrar de meu propósito, e me virei para olhar para a mãe de Joe.

— Sra. M., na verdade foram os terrores noturnos de Joe que me trouxeram aqui — comecei a falar, tendo

praticado meu discurso várias vezes no carro. — Embora tenhamos tentado vários tratamentos com seu filho, começamos a nos perguntar se essa psicose mais duradoura poderia estar relacionada aos primeiros terrores noturnos. Não os exploramos realmente quando ele foi ao hospital pela primeira vez, e talvez descobríssemos algo se tivéssemos perguntado mais sobre esses terrores naquela ocasião.

A mãe de Joe me dirigiu um olhar inquiridor, e pela primeira vez notei que, apesar da aparência excessivamente educada, ela parecia bem ansiosa na verdade, até desesperada por alguma notícia boa.

— Dr. H., antes de mais nada, me chame de Martha — disse ela. — Se está falando sério em tentar trazer meu filho de volta depois de todos esses anos, então pelo menos devemos nos tratar pelo primeiro nome. Pergunte o que quiser. Se eu tiver a resposta, darei a você.

Concordei com a cabeça.

— Obrigado, sra. M… Martha.

Eu sabia que devia perguntar mais sobre os pesadelos, mas enquanto observava a opulência que me cercava, algo me veio à mente.

— Primeiro… bem, tenho que perguntar. Por que levou Joe até o nosso hospital?

Martha riu de leve.

— Você acha que seu hospital é muito prosaico para pessoas como nós? Bem, suponho que nunca teve de

lidar com admissão em escolas preparatórias.

Neguei com a cabeça.

— Estávamos preocupados que, se levássemos Joseph a um hospital ou a um médico conhecidos em nossa comunidade, a marca deletéria dos problemas psiquiátricos interferiria em uma eventual matrícula dele na escola, prejudicando toda a sua vida. Meu marido e Thomas A. foram colegas de classe em Choate. Ele concordou em manter a terapia de Joseph no HPEC em segredo como um favor pessoal. Naturalmente, depois de alguns anos ficou claro que essa precaução fora inútil. Mas Charles insistiu em manter Joseph sob os cuidados de Thomas. Nós nos sentíamos mais tranquilos com sua habilidade e sua dedicação ao nosso filho.

— Quais foram os primeiros sintomas? E quando vocês os notaram?

— Joseph tinha em torno de cinco anos — disse Martha. — Havíamos nos mudado para esta casa e decidimos que era hora de ele ter o próprio quarto. Na época, eu estava grávida da irmãzinha dele, Eliza, e embora pudéssemos ter derrubado algumas paredes e ampliado o dormitório de criança, todos os nossos amigos nos disseram que cinco anos já era velho demais para dormir em um quarto para bebês... Não seria justo com um menino crescido ter de aguentar um recém-nascido chorando. Então chamamos um decorador para reformar uma das menores suítes do andar de cima,

transformando-a no quarto mais charmoso que você possa imaginar para um menininho, e colocamos Joseph lá. Ele simplesmente amou o quarto novo quando o viu, e sua babá tinha que praticamente arrastá-lo para fora na hora do jantar. Mas naquela noite…

Ela engoliu em seco e ergueu uma mão.

— Se não se importa, dr. H., acho que vou preparar uma bebida antes de prosseguir. Aceita uma também?

— Parker, por favor — pedi. — E, não, obrigado.

Ela se levantou e caminhou rapidamente até um carrinho de bebidas em forma de globo terrestre; então se serviu de uma boa quantidade de um líquido cor de âmbar em um belo copo de cristal, girando-o por alguns momentos antes de tomar o primeiro gole. Aparentemente fortalecida, ela se sentou e continuou a falar.

— Naquela noite… Parker, você não pode imaginar como foi terrível. Menos de uma hora depois que o colocamos na cama, Joseph começou a gritar como se estivesse sendo assassinado. E quando fomos vê-lo, ele nos disse que um inseto gigante tinha segurado a cabeça dele com suas pinças e ia machucá-lo. As roupas de cama não mostravam sinais de dano, e o rosto dele estava completamente ileso, então consideramos ter sido um pesadelo por ele estar no quarto novo. Achamos que passaria depois daquela noite, mas não passou. Continuou acontecendo.

Ela tomou outro gole da bebida, e dessa vez foi mais longo e dolorido.

— Tentamos de tudo — disse ela, enfaticamente. — Primeiro pensamos que era a imaginação dele, mas sua reação era muito vívida e expressiva. Colocamos armadilhas perto da parede de onde ele dizia que o monstro vinha. Mas elas nunca disparavam quando Joseph começava a gritar, e nada tão grande quanto o que ele descrevia poderia evitá-las. Pedimos para a babá cansá-lo com atividades físicas durante o dia, na esperança de que ele dormisse mais profundamente. Mas, então...

Ela fez uma pausa, lembrando-se de algo que evidentemente a intrigava.

— Então a babá dele começou a agir de um jeito estranho, tanto que tivemos que demiti-la. Sim, agora me lembro. Quando a contratamos, logo que nos mudamos para cá, ela parecia uma cuidadora muito doce e amável. Precisávamos de alguém que fosse boa com um menino pequeno, mas que também estivesse disposta a assumir a função de enfermeira noite e dia para um bebê, quando Eliza nascesse. Mas, então, algumas semanas mais tarde, nós a pegamos gritando palavrões para Joe, que estava encolhido em um canto. Suponho que os problemas dele devem tê-la afetado também, mas *qualquer que fosse* a causa do mau humor dela, não podíamos aceitar que descontasse nele. De

todo modo, nós a dispensamos e contratamos uma pessoa mais velha. Com mais experiência. Esperávamos que fosse menos propensa a perder a paciência com a energia de um garotinho. Infelizmente, ela também não se mostrou ideal depois de um tempo. Tornou-se preguiçosa e lenta. Ela não se incomodava com a iminente chegada de Eliza, o que, suponho, era o mais importante na época, mas não conseguia acompanhar Joseph. Então eu mesma fazia o possível para cansá-lo durante o dia, pelo menos antes que ficasse difícil, por conta da gravidez de Eliza. Todos os dias, dizíamos para Joseph que estávamos “limpando o monstro” e jogando-o fora, mas ele insistia que a criatura ainda estava lá. Tentamos mudá-lo para outros quartos no mesmo andar, mas não ajudou. Antes disso, por um mês, eu o trouxe para nosso quarto, mas Charles não permitiu que aquilo continuasse. No começo, Joseph ainda ficava inquieto e tinha pesadelos, mas nem de perto tão potentes, e, além disso, precisávamos que ele aprendesse a dormir sozinho. Que amadurecesse. Em determinado ponto, começamos a sedá-lo, o que parecia garantir a ele algumas horas de descanso antes que despertasse a todos nós gritando nas primeiras horas da manhã. Então, meu marido pediu que um escultor fizesse aquela *coisa* que você viu quando entrou aqui, e fingiu que tinha matado o monstro em nome de Joseph, mas isso tampouco ajudou em alguma coisa. Decidimos que talvez

Joseph estivesse vendo insetos pela casa, o que estaria desencadeando o problema, já que ele tinha tanto medo de insetos que só a visão de um o deixava histérico. Contratamos um dedetizador para fazer visitas diárias e pedimos que ele revisasse a casa toda – em especial o quarto de Joseph – para matar qualquer inseto que entrasse. Nada deu certo. Ele insistia que o monstro o despertava alisando seu rosto com as garras e segurando sua cabeça com as pinças a cada noite.

Martha tomou um gole da bebida e continuou:

— Charles insistia que em algum momento ele superaria aquilo, que todos os garotinhos têm pesadelos recorrentes ou veem algum tipo de bicho-papão, e que Joe não era diferente. Ele se preocupava com que, se colocasse Joseph em uma terapia ou o levasse a uma instituição psiquiátrica, isso pudesse assustar o garoto mais do que qualquer coisa que ele estivesse vendo à noite. E Charles tinha certeza de que isso afetaria negativamente as chances de ele entrar em uma boa escola. Mas depois de nove meses a situação começou a piorar. Joseph ficara apático. Se um garoto de seis anos de idade pode ter depressão, eu diria que era esse o caso. Ele não falava muito sobre o assunto, e em algumas noites nós o ouvíamos soluçar. Mas então... então, ele desceu para o café da manhã com hematomas. Levei alguns dias para perceber o que acontecia; eu pensava que era só um brincadeira mais

bruta com os amigos. Mas começaram os arranhões também, por toda a extensão de seus braços. Percebi que não podia aguentar mais e fiz Charles telefonar para Thomas, que nos orientou a levá-lo ao HPEC.

Ela terminou a bebida, claramente lutando para manter a compostura, fez uma pausa e foi até a garrafa. De costas para mim, encheu novamente o copo, e eu não a interrompi. Eu sentia que era uma história que estava exigindo tudo dela para poder sair.

— Ele ficou lá — ela retomou. — Acho que uma ou duas noites, não lembro. Mas quando voltou para casa, Parker, você não acreditaria que aquele garotinho em algum momento tivera medo de alguma coisa. Ele conversou animado o caminho todo para casa, dizendo que não tinha mais medo do monstro. Que agora era corajoso, e que o monstro era só ele assustando a si mesmo. “Não tenho medo de mim, mamãe, então não posso ter medo dele! O médico no castelo para pessoas assustadas disse isso.” Era o que ele ficava repetindo.

Ela deu um sorriso irônico.

— Parecia ser uma variação do que Charles dissera a Joseph por anos: que não era real, que não existia essa coisa de monstro, que ele estava imaginando. Mas suponho que fosse o efeito de Thomas. O efeito de um tipo muito especial de médico. De todo modo, tentamos dar a ele os sedativos naquela noite, mas ele insistiu que

não precisava deles. Disse que queria confrontar o monstro para dizer que não tinha mais medo.

Notei que as mãos dela tremiam quando tomou outro gole.

— Bem, ele gritou no início, mas, antes que fôssemos ao quarto dele, ficou quieto. Pensamos que talvez fosse ele enfrentando seus medos, que o que quer que o médico tivesse dito estava funcionando. E quando ele não deu mais nenhum pio naquela noite, presumimos que estivesse dormindo pacificamente. Mas na manhã seguinte achamos Joseph agachado em um canto. Ele nos encarou, fazendo barulhos horríveis para nós e estava… meio que nos olhando com *malícia*. O jeito como ele me olhou, eu não o reconheci. Foi horrível. Nós o levamos de volta para Thomas — prosseguiu ela. — E sei que isso deve soar como algo horrível de se dizer, mas assim que ele partiu para o hospital, foi como se uma nuvem se dissipasse. E sei que provavelmente isso não é nada além da minha necessidade desesperada de não me sentir tão impotente, mas eu… por muito tempo temi ter culpado meu garotinho pelo que estava acontecendo com ele. Que eu não o tivesse amado o suficiente para vê-lo passar por tudo aquilo. E que é por isso que ele é… do jeito que é.

Aquilo era inconclusivo no que dizia respeito à minha teoria, mas ouvir a descrição em detalhes tão sombrios só trazia à tona toda a tragédia daquele caso.

— Não acho que deva se culpar. É óbvio que você o ama, e imagino que seu marido o amasse também — falei. E então imprimi uma qualidade gentil em meu tom de voz. — Se não se importa com a pergunta, por que não visitaram Joe desde que ele foi internado?

Martha me olhou com uma expressão de angústia.

— Nós queríamos, Parker. — Ela falava tão baixinho que era quase um sussurro. — Acredite em mim, por anos não queríamos nada mais no mundo. Mas Thomas não deixava. Ele nos disse que nossa presença poderia incomodar Joseph, e que Joseph era instável demais para mais perturbações. Nós continuávamos perguntando quando ficaria tudo bem, mas, depois de um tempo, Thomas perdeu a paciência conosco. Ele praticamente gritou conosco, dizendo que Joseph... *meu pequeno* Joey... era um lunático perigoso. Instável. Violento. Ele disse que estava nos mantendo em segurança, assim como a Joseph, ao nos afastar. E que nos informaria se a situação melhorasse. Mas as décadas passaram e... nada. Com o tempo, perdemos a esperança. Acho que isso acabou com Charles... Mas você está aqui agora. — Ela tentava disfarçar o desespero, mas, apesar de anos de criação estoica WASP,[2] seu estado era óbvio.

Ao ouvi-la, eu me senti ao mesmo tempo sujo por pensar que as suspeitas do dr. A. poderiam ser verdade, e desesperado para impedir que a esperança dela fosse em vão.

— Martha, tenho um favor para pedir. Pode ajudar no tratamento de Joe.

— Sim — ela assentiu —, qualquer coisa.

— Achamos que Joe pode ter introjetado a ideia de que, em vez de o monstro ser sua imaginação, parte dele *era* o monstro — falei. — Isso significa que precisamos saber o máximo possível sobre a origem do problema e determinar quaisquer fatores ambientais. Em uma das fitas cassete que temos das sessões de terapia de Joe, ele diz que o monstro saía da parede. Se não se importa, eu gostaria de ver o quarto dele e, com sua permissão, examinar a parede para verificar se há algo estranho nela. Talvez a evidência de uma infestação que seu dedetizador pode ter deixado passar?

Martha não pareceu precisar de tempo para pensar no assunto. Esvaziou o copo em um gole, levantou-se e começou a sair da sala. Ao ver que eu não tinha me mexido, ela sacudiu a cabeça com impaciência.

— Bem, o que está esperando? A resposta é sim. Venha comigo.

Eram quatro lances de escadas em uma casa imponente, mas imaculadamente decorada. Os andares de baixo exibiam em grande parte tons luxuosos de sálvia e ouro com piso de madeira, que eu associava aos anos 1990, enquanto o corredor mais estreito e acarpetado no andar de cima revelava os tons terrosos e de marrom profundo da década de 1970. Eu suspeitava

que qualquer reforma que tivesse ocorrido desde a partida de Joe restringira-se aos andares inferiores. Quanto ao quarto de Joe, ficou óbvio, assim que entrei, que não era habitado e que ninguém entrava lá havia um bom tempo. A poeira cobria todas as superfícies, e alguns dos antigos brinquedos no quarto pareciam meio enferrujados. Mesmo assim, era um lugar que teria deixado até uma criança nervosa à vontade. Havia brinquedos espalhados por todos os lados, de bonecos de ação a bichos de pelúcia, passando por extensas linhas de trem de brinquedo que corriam por toda a extensão do aposento. As paredes eram pintadas de um azul profundo e relaxante, exceto em um lado, onde um mural imenso e hiper-realista de um carro de corrida vermelho fora pintado em detalhes meticulosos. A cama com dossel parecia menos uma cama e mais uma nuvem, dada a sua arrumação, tão coberta que estava de travesseiros e um edredom fofo. E o chão era recoberto por um carpete exuberante e macio do mesmo azul relaxante do resto do quarto.

Mesmo assim, Martha hesitou na soleira da porta, como se a simples visão do lugar abalasse a sua decisão. Em seguida, com uma expressão dura tomando seu olhar, ela entrou e acenou para mim em direção a uma parede de três metros ao lado da cama. Apontou-a com uma expressão de desgosto no rosto.

— É daqui que Joseph dizia que a coisa saía. Totalmente impossível, é claro. Mesmo que eu acreditasse que o monstro dele pudesse existir, ele não se esconderia aqui. Esta é uma das paredes externas da casa. Não há nada do outro lado além de ar livre, nem sequer um pequeno forro.

Os olhos dela pareciam vagar pelo quarto. Ela fez um pequeno gesto de impotência e me olhou.

— Obrigado, Martha — falei.

Ela assentiu com firmeza, mas de um jeito gracioso.

— Temos um interfone no corredor, do lado de fora da porta. Presumo que ainda funcione, então me chame se precisar de mim. — Ela saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

E agora não havia nada a fazer além de investigar o quarto. Comecei pelo suprimento aparentemente interminável de brinquedos, jogos e livros. Havia uma óbvia ausência de qualquer coisa que tivesse a mínima semelhança com um inseto ou tocasse em assuntos relacionados a insetos; não encontrei nada que lembrasse a coisa horrível imortalizada na escultura lá embaixo. Além da grande quantidade, não havia nada de notável nos pertences de Joe. Era só o tipo de coisa que se esperava ver no quarto de uma criança rica, embora os jogos e os livros fossem claramente datados do início da década de 1970.

Na sequência, verifiquei armários e gavetas, remexendo as roupas do menino. Então verifiquei a cama, mas com o máximo cuidado possível, porque a nuvem de pó que se levantaria dali poderia me matar. Como estava, o cheiro forte de mofo e decomposição era considerável. Era útil que o lugar parecesse intocado desde a partida de Joe, mas não encontrei nada de significativo.

Bem, quase nada. Havia uma coisa um pouco estranha. A grande maioria dos brinquedos de Joe estava quebrada. Isso era particularmente verdade no caso dos bichos de pelúcia, o que era contraintuitivo, já que esses itens são em geral projetados para suportar o mau uso de uma criança. Mesmo assim, a maioria dos brinquedos de pelúcia que encontrei tinha sinais óbvios de partes costuradas ou recolocadas, ou ainda tinha cortes por onde o enchimento saía. Teoricamente, tudo aquilo podia ter sido feito por uma criança, mas teria exigido alguma imaginação. Sobretudo porque não vi outros brinquedos ou objetos que parecessem obviamente afiados ou resistentes o suficiente para fazer o trabalho. Nem as partes cortadas dos animais de pelúcia correspondiam a áreas onde provavelmente uma criança puxaria ou faria pressão – orelhas, pescoço, rabo –, o que levantava a questão de quem ou o que abrira aqueles brinquedos, para começar. Teria sido Joe? Ou seu pai? Um ato de sadismo cometido para danificar os tesouros da criança?

A teoria do dr. A. me veio à mente. Mas eu precisava de mais evidências. E tinha que olhar a parede em si.

À primeira vista, não parecia suspeita. Coloquei-me entre a parede e a cama e comecei a tocá-la, apertando e batendo com os nós dos dedos, procurando sinais de fragilidade ou deterioração. Analisei-a em busca de evidência de insetos ou outros vermes.

Meus olhos estudaram a parede, cruzaram o chão, subiram pela velha cama de Joe e começaram a voltar... E notei que havia duas áreas em que o carpete parecia levemente irregular. As pernas da cama erguiam-na a uns trinta centímetros do chão, então eu conseguia ver algo ali embaixo.

Perguntando-me se era um truque de luz, me ajoelhei e estendi o braço para sentir as pregas, só para descobrir que o carpete fora parcialmente arrancado do chão em dois lugares e colocado de volta com imperfeição.

Intrigado, puxei o que parecia ser o ponto original do rasgo e uma longa faixa de carpete se soltou do chão, saindo com a mesma facilidade que eu encontraria se puxasse um lençol. Foi então que percebi que o piso embaixo, em vez de ser do mesmo belo mogno que havia em outras partes da casa, era feito de uma madeira mais clara, mais modesta, que o carpete pretendia esconder.

Menciono isso porque foi somente por causa da cor clara da madeira que consegui localizar uma trilha de manchas marrons que seguia o mesmo trajeto do

carpete rasgado e parava na parede atrás de mim. Se eu tinha dúvidas do que era aquilo, elas foram dissipadas assim que descobri algumas pequenas lascas de material duro perto do pé da cama, as quais minha formação médica me permitiu identificar imediatamente como as unhas de uma criança. Uma criança tinha se agarrado ao carpete com tanta força que as unhas de suas mãos foram arrancadas quando o carpete se rasgou, deixando uma trilha de sangue que parava na parede.

Eu me levantei e encarei a parede por um longo momento, então fui até o interfone e chamei a mãe de Joe. Quando ela chegou, eu lhe mostrei o carpete rasgado e o chão ensanguentado, e perguntei se ela já tinha percebido aquilo antes. Sem saber que o carpete fora danificado, ela ficou chocada ao ver o sangue, e não tinha ideia do que fazer com aquilo. Seus olhos seguiram a trilha de sangue e encararam a parede, assustados.

Tive que acenar para conseguir sua atenção.

— Martha, gostaria de olhar dentro daquela parede. Tudo bem?

— Sim… hum. Do que você precisa?

— Você tem um machado?

Dez minutos mais tarde, Martha encontrou um machado de incêndio em uma caixa do sótão, armazenada sob uma janela no quarto de criança no fim do corredor. A ferramenta estava ao lado de uma escada de incêndio antiga, feita de madeira e corda. Depois que

ela me entregou o machado, eu a encorajei a esperar no corredor; eu não sabia quanta bagunça seria necessária ou o que encontraria ali.

Agarrei o machado e comecei o ataque, colocando em cada golpe todo grama de força que meus músculos podiam produzir. O gesso e as ripas de madeira resistiram, mas a lâmina afiada e o desespero do meu ataque os atravessaram, e um pedaço da parede interna se soltou. Quando isso aconteceu, revelou um horror de congelar as entranhas, fazendo que eu me perguntasse se já tinha perdido o juízo ou se isso estava prestes a acontecer. Um fedor terrível soprou em minha direção.

Continuei o ataque, derrubando pedaços de gesso, ripas de madeira e pregos até que uma placa grande – medindo uns cinquenta centímetros – de *drywall* caiu, exibindo um pequeno espaço atrás. E, dentro daquele espaço, com a madeira esculpida ao redor com tanta perfeição que era como se tivesse sido entalhada ali, estava o minúsculo crânio de uma criança humana.

Horrorizado, tive que me afastar da parede e cobrir a boca para não vomitar quando o cheiro de décadas de decomposição escondido pela tumba esculpida atingiu meu nariz. Pior ainda foi a incredulidade que senti. O que eu estava cheirando e vendo parecia impossível. Não havia como alguém ter feito um entalhe tão preciso dentro de uma parede sólida para esconder o cadáver de uma criança, e executá-lo com tanta perfeição que seria

necessário derrubar a parede para encontrá-lo. Não fazia sentido! Nenhum propósito! Então, em um súbito cataclismo de horror, tudo se juntou.

Não tenho medo de mim, mamãe, então não posso ter medo dele! O médico no castelo para pessoas assustadas disse isso.

Descobri por que os delírios dele viviam mudando. Eles mudam toda vez que alguém o chama de um novo nome desagradável.

Ela volta para a parede quando eles chegam. O monstro derrete. Como sorvete. Parece que é a parede.

Vou dizer que ele não me assusta da próxima vez que me encontrar com ele!

A precipitação de pensamentos que explodiu em minha mente foi tão terrível que não pude deixar de gritar. Porque, em um instante, soube que o que tinha acontecido era muito pior do que qualquer coisa que eu, Rose ou Thomas pudéssemos imaginar.

O verdadeiro Joe estava morto desde a noite após seu primeiro retorno do hospital. Ele fora asfixiado em uma tumba criada por mãos que podiam derreter através de uma parede sólida, as mãos da Coisa que o atormentava. E então, tendo sido informado de que *era* Joe, o monstro que vivia de seu medo e sofrimento assumiu a forma daquela criança e prosseguiu até o buffet “coma à vontade” que era nosso “castelo para pessoas assustadas”. Lá ele torturou mais de duas décadas de

pacientes psiquiátricos, funcionários e médicos. Cresceu e engordou com anos de maus pensamentos que ele mal tinha que se esforçar para produzir. E, a cada tentativa que fazíamos para “curar” aquele parasita malévolo e sem nome, enviávamos uma nova vítima. Se antes restava em mim qualquer vestígio de fé nos poderes de cura definitivos da ciência e da medicina , tudo foi destruído por aquela revelação.

Mas por mais dolorido que fosse, também trazia uma espécie de clareza fria. Quando Martha, a mãe de Joe, entrou correndo pela porta, entendi que eu tinha que achar um jeito de conseguir justiça para aquele pobre garoto assassinado, cujo cadáver eu acabara de desenterrar.

Quando Martha olhou para o buraco na parede, acho que, no início, a mente dela se recusou a aceitar o que estava lá. Pois tudo o que ela fez foi ficar olhando – com olhos arregalados e sem compreensão – para o pequeno esqueleto que estivera sepultado naquele quarto amaldiçoado por tanto tempo.

Quando ela finalmente afastou o olhar, foi para me encarar com uma expressão infantil que parecia implorar a mim, o médico, que lhe fornecesse uma explicação racional.

— O que significa isso?

Não pude sequer começar a formular uma resposta, então nem tentei. Em vez disso, respondi com uma

pergunta.

— Sra. M., posso ficar com o machado de incêndio?

Ainda me encarando com uma mistura de medo e incompreensão, ela assentiu lentamente.

27 de abril de 2008

Bem, pessoal, é isso. O fim da história que mantive escondida por mais de dez anos. Estou finalmente revelando uma verdade que quase destruiu meu interesse pelos campos da medicina e da psiquiatria para sempre, quase partiu meu coração e me deixou louco, e foi a causa da devastação de muitas pessoas associadas ao Hospital Psiquiátrico Estadual de Connecticut. Para ser honesto, essa deveria ter sido a parte mais difícil de escrever, mas, graças a toda a positividade que vocês demonstraram, não sinto nada além de alívio por ter sido capaz de fazer isso. Percebo que muitos de vocês não interpretaram a descoberta na parede da casa da infância de Joe exatamente como eu, mas acho que vão entender assim que lerem esta parte final.

Depois da minha horrível descoberta, as horas seguintes passaram como uma névoa. Sugeri a Martha, sem muita convicção, que chamasse a polícia, mas ela parecia estar muito chocada para me ouvir de verdade. De todo modo, eu sentia que devia deixar sua propriedade, em especial considerando como eu provavelmente acabara com qualquer traço de

esperança que ela ainda tivesse de conseguir o filho de volta, ao mesmo tempo que levantava todo o tipo de perguntas desconfortáveis, capazes de ameaçar a sanidade de qualquer um, sobre o que, exatamente, ela estava pagando ao bancar uma internação por mais de vinte e cinco anos. Seria melhor, pensei, que não fosse eu o primeiro psiquiatra a falar com ela depois disso, então me desculpei e fui para meu carro.

Lembro-me de que era por volta das quatro da tarde quando deixei aquela mansão amaldiçoada, com o machado na mão, e voltei ao hospital. Mas não segui direto para lá. Se havia um modo de fazer a Coisa que se autodenominava “Joe” admitir o que tinha feito, eu queria ser capaz de usá-lo depois, então parei em uma loja da RadioShack, perto do hospital, e comprei um minigravador, desses que eu pudesse guardar no bolso, e uma fita cassete virgem. Imaginei que, se a Coisa não soubesse da fita, acabaria falando algo, e eu poderia gravar.

Depois, dirigi até o hospital.

Cheguei mais ou menos quinze para as seis e pensei em pegar o machado que estava no porta-malas para acabar com aquele problema de uma vez por todas, mas meu conhecimento dos procedimentos típicos de uma equipe hospitalar me impediu. Haveria muita gente por perto para tentar alguma coisa naquele momento, e,

embora eu pretendesse algum tipo de vingança contra o monstro, tampouco queria ser preso por isso.

Naquele ponto, meu objetivo não era matar “Joe”, mas conseguir algumas respostas dele. O que quer que aquilo pudesse ser, ainda era um prisioneiro de quem mantivesse em mãos a chave de seu quarto. Entrei no hospital e, após uma passada rápida no meu consultório para pegar meu jaleco, segui direto para o covil da criatura amaldiçoada. Assim que cheguei lá, coloquei a fita no gravador, apertei o botão para gravar e escondi o dispositivo no bolso do jaleco. Então enfiei a chave na porta e abri furiosamente, minha raiva dominando qualquer traço de medo que eu pudesse sentir ao encarar aquele desconhecido agente do terror.

“Joe” ergueu os olhos assim que entrei. Ao ver que era eu, seu rosto se abriu no sorriso torto de sempre, como se nada tivesse acontecido desde a minha tentativa fracassada de libertá-lo. Quando ele falou, foi no mesmo tom áspero que usava enquanto fingia estar são.

— Bem, bem, bem, já faz tempo, doutor.

— Pode parar com a merda toda — exclamei para ele. — O que você é?

— *O que* eu sou? Rapaz, ela realmente mexeu com você, não foi? Já falei, sou um homem são que estão usando para con…

— Não ouse — gritei. — Acabo de vir da casa do verdadeiro Joe. Vi o que estava na parede. Vou perguntar

de novo: sei que você não é humano, então *o que você é*?

Hesito em escrever a próxima parte como a recordo. Passei anos tentando me convencer – com todas as ferramentas que a psiquiatria pode oferecer – de que o que lembro é só minha imaginação. Mesmo assim, as lembranças teimam em permanecer as mesmas. No entanto, se vou transmitir o perigo contra o qual sinto ter o dever de advertir todos vocês, tenho que dar à minha experiência o crédito que ela merece e relatá-la como me recordo, mesmo que ache mais confortável fingir que foi só minha mente abandonando a sanidade por um instante.

“Joe” me encarou por um longo momento. O fato de eu saber a verdade era um desdobramento que ele evidentemente não esperava. Ele se levantou e ergueu as mãos na minha direção, expondo os antebraços. Ferimentos se abriram em seus pulsos, descamando lentamente como se fosse mágica. Mas não era sangue que fluía deles; era uma avalanche de vermes se contorcendo, se remexendo, famintos. Seu sorriso se alargou e continuou crescendo até que suas bochechas se separaram e se abriram em um ricto sangrento. Uma poça feia e amarela, com aspecto venenoso, começou a se formar sob seus pés, com listras escarlate flutuando no meio. Suas pernas e seu tronco se esticaram até que

ele se elevou sobre mim, olhando-me de cima com um ar de diversão maligna, digna de um pesadelo.

Quando a Coisa que se autodenominava “Joe” abriu a boca novamente, o sangue gotejou de suas gengivas expostas, e ele riu com o chiado úmido e podre dos meus pesadelos.

— Parker… meu bebê — aquilo sussurrou em uma paródia distorcida e detestável da voz da minha mãe. — *Me ajude.*

Por um instante, fiquei paralisado de medo. Se eu fosse alguém mais fraco, se não tivesse visto o pequeno crânio e os ossos na parede e não tivesse descoberto tudo naquele mesmo dia, poderia ter permanecido assim. Ou poderia ter saído correndo da sala, falando coisas sem sentido, só para ser amarrado eu mesmo a uma maca. Mas anos de “culpa de sobrevivente” e a indignação moral lancinante que eu sentia fizeram seu trabalho, e eu soube naquele momento que temer a Coisa era dar a ela o que ela queria. E eu não podia, *não iria* fazer aquilo. Meu medo se transformou em uma raiva ardente, e eu cuspi no rosto mutilado e malicioso da Coisa que se autodenominava “Joe”.

— Vá se foder! Você está falando como minha mãe porque acha que vou ficar assustado demais para revidar. Do mesmo modo que você sabia que, se parecesse um inseto gigante, ia assustar o verdadeiro Joe.

Não houve resposta, só mais sangue jorrando da boca mutilada da Coisa. Mesmo assim, parecia que ela queria comunicar algo. Precisei de toda a minha força de vontade para não recuar quando ela se inclinou na minha direção para que eu pudesse sentir seu hálito fétido, um movimento que não parecia preceder um ataque. Ela ergueu uma de suas mãos compridas e finas e apertou bem o bolso em que eu tinha escondido o gravador. Então, com outra risada úmida, balançou o dedo para mim, em um gesto de reprovação sarcástica. O significado parecia claro: *isso não vai servir de nada.*

Outro arrepio me atingiu. Ignorei-o também, mas com mais esforço.

— O que você é? Preciso saber.

A mandíbula da Coisa pareceu se soltar e, dessa vez, a voz úmida e decadente conseguiu formar palavras.

— *O... que...* você*... acha?*

Era uma armadilha. Ela queria que eu lhe desse um novo papel para interpretar.

— Acho que você é um coelhinho fofinho — falei com um tom zombeteiro. — Acho que vou chamar você de Fófis.

A Coisa deu outra risada horrível e rouca.

— *Você... não...*

Fez uma pausa mais comprida do que o normal, enquanto mais sangue escorria por seu queixo.

— ... acredita... *nisso*.

Olhei feio para ela.

— Talvez não, mas não vou lhe dar outro papel. Sei como você funciona — falei. — Mas vou lhe dizer o que sei. Sei que você matou Joe. Você o matou e tomou o lugar dele.

A Coisa não respondeu. Por alguns instantes, não teve nenhuma reação. Então, com outra risada cheia de sangue, mexeu a cabeça para cima e para baixo, em um sinal de concordância. Reprimi um estremecimento.

— Por quê? — perguntei, mais por reflexo do que por curiosidade verdadeira.

A Coisa parou, parecendo pensar seriamente na minha questão. Quando sua boca se abriu para falar novamente, estava tão perto que quase engasguei com o cheiro fétido de seu hálito.

— *Nada... como... eu... alguma... vez... teve... a chance... de ser...*

— De ser humana? — completei em um sussurro horrorizado. Ela balançou o dedo novamente para mim, sacudindo a cabeça em negativa com exagerada vivacidade.

— *... de ser... uma...* presa*...* — ela completou, dando uma ênfase especial na última palavra.

Eu me sentia nauseado, mas me obriguei a enfrentar a situação com o máximo de distanciamento que pude. A Coisa estava me provocando, mas pelo menos estava sendo honesta.

— Mas por que ficar aqui? Você podia estar livre todos esses anos. Podia ter torturado pessoas sem estar aprisionada. Por que passar tanto tempo aqui?

— *Não... sabia... como... ser... uma... presa* — a Coisa sibilou. — *Aqui... tanta comida. Aqui... seguro. Aqui... aprendi... como uma presa...* pensa.

Ela apontou um dedo para seu peito, e depois para mim.

— *Curioso* — chiou ela. — *Como... você.*

Por reflexo, dei um passo para trás, chocado com a implicação do que ela dizia.

— Não sou *nada* como*...* como o que quer que você seja! — repliquei, antes de conseguir me conter. A risada dela recomeçou, chiando em meus ouvidos.

— *Sim... você... é. Ambos... vivemos... da... miséria. Você... lucra. Eu... como.*

— Cale a boca — tentei gritar, mas minha voz saiu oca e trêmula. A Coisa estava inclinada bem em cima de mim agora, tão perto que parecia grotescamente íntima.

— *Poderia... ajudar você. Poderia... mostrar para você... o que... outras presas... temem*.

Eu me sentia tão enjoado que tive de me apoiar na parede, mas ainda estava desafiador. Encarei aquilo com toda a coragem que consegui reunir.

— Não — falei. — Sei o que está fazendo. Você sabe que meu pior medo é não ser capaz de salvar as pessoas. Você está me levando a pensar que pode me

ajudar a fazer isso, só para me ver fracassar e se alimentar da minha miséria também.

A expressão – se é que dava para chamar aquela face mutilada assim – da Coisa ficou sombria por um momento. Mas no instante seguinte seu sorriso retornou e, com isso, uma gargalhada que soava como uma cachoeira de ácido.

— *Você... não pode... lutar...* — Veio aquele horrível borbulhar grasnado. — *Presa estúpida. Você é... impotente.*

— Mais tolo é você — falei, com uma bravura imprudente invadindo a minha voz. — É você que é impotente do jeito que está agora. Tudo o que pode fazer é usar truques de salão para tentar assustar as pessoas, mas, se isso falha, você está perdido.

— *Então... por que não... tenta me matar? Pegue... o machado. Volte aqui. Tente. Eu... espero... ansioso.*

Machado? Fiquei momentaneamente sem palavras e comecei a sentir a intimidação tomando conta de minha consciência. Então um súbito pensamento cruzou minha mente, e devolvi o olhar sádico e zombeteiro dele com um dos meus.

— Não preciso tentar matar você — disse com suavidade. — Tudo o que preciso fazer é conseguir que todo mundo pare de prestar atenção em você. É o que posso fazer agora que vi o que você fez com o verdadeiro Joe. E, na verdade, é isso que mataria você, não? Se

pararmos de mandar atendentes, enfermeiros e médicos, você não terá vítimas. Você vai morrer de fome aqui. Bem, aproveite os maus pensamentos que conseguiu tirar de mim, seu parasita maldito, porque são os últimos que vai comer. Isso eu prometo a você. — Eu me virei e estava prestes a sair do quarto quando ouvi a Coisa falar de novo, dessa vez em um ritmo normal, e com a voz normal de Joe. E, de algum modo, isso só tornou suas últimas palavras mais dissonantes. E desconcertantes.

— Doutor? Escute a fita. Para seu próprio bem, escute antes de tentar qualquer coisa. Por favor.

Apesar de tudo, eu me virei para ele. “Joe” me olhava com uma expressão de medo. Todos os traços de sangue e da mutilação tinham desaparecido de seu rosto e de suas roupas, e ele retornara à aparência de paciente. O chão estava limpo de eflúvios, como se eu tivesse sofrido uma alucinação. Não permiti que aquela visão me assustasse. Dei meia-volta e bati a porta atrás de mim, deixando o hospital furioso. Quando voltei ao carro, peguei o gravador que estava escondido, parei a gravação e rebobinei a fita. Então, enquanto dirigia de volta para casa, apertei o play a fim de descobrir se tinha gravado alguma coisa.

Gostaria de dizer que havia algo útil ali, mas, infelizmente, nem mesmo eu tinha alguma esperança de poder reunir evidências de que não estava louco.

Vocês devem imaginar o que havia lá: minha própria voz e meus próprios protestos zangados tinham sido preservados claramente na fita. Mas as respostas zombeteiras e burlescas da Coisa que se autodenominava Joe haviam sumido.

Tudo o que eu podia ouvir era o apelo aterrorizado da voz esganiçada e familiar de um homem, áspera pelo desuso, mas, fora isso, completamente comum.

Não é preciso dizer que esmaguei a fita com um martelo quando cheguei em casa e a joguei no lixo. Não podia contar a ninguém o que eu havia descoberto. A Coisa tinha me superado sem esforço. Sem provas de que ele era um monstro não humano que vivia do medo e do sofrimento de quem interagisse com ”Joe”, eu dificilmente poderia esperar que o hospital simplesmente parasse de alimentá-lo ou de vesti-lo. Verdade seja dita: conforme as horas passavam, comecei a duvidar de tudo o que acabara de ocorrer. Nem sequer tinha certeza de que eu ainda estava são.

Percebo que, se fosse um filme, eu superaria minhas dúvidas no final de tudo, voltando para confrontar o monstro que se autodenominava Joe e enfiando a lâmina do machado em seu crânio, ou algo dramático do tipo. Mas, infelizmente, embora essa história decerto tenha cenas de um psicodrama de terror no estilo de Hollywood, seu desfecho é diferente.

Não voltei ao hospital naquela noite. De fato, não tenho nem a certeza se cheguei a voltar ao quarto de Joe novamente, e não pelo motivo que vocês podem pensar.

Por que digo que não tenho certeza? Bem, essa é a última parte estranha desta história.

Quando cheguei em casa vindo do hospital, depois da minha visita à Coisa que se autodenominava Joe, encontrei Jocelyn esperando por mim. Ela viu imediatamente que havia algo errado, mas também foi capaz de perceber que eu não estava pronto para falar sobre o assunto. Então, ela me serviu alguns drinks e me fez companhia até que eu consegui dormir.

Sonhei que tinha voltado ao hospital, mas o complexo não estava iluminado como deveria estar à noite. Todas as janelas estavam escuras como breu, e, se eu estivesse ali acordado, não teria ideia de como me localizar daquele jeito. Mas, aparentemente, no sonho eu sabia para onde estava indo, pois senti uma força implacável me levando adiante. É claro que meu inconsciente conhecia o hospital melhor do que eu, porque não entrei pela porta principal. Em vez disso, entrei sorrateiro por uma saída de incêndio pouco conhecida que, de algum modo, tinha ficado aberta. Normalmente, eu me veria desorientado, tropeçando nos degraus no escuro e sem ideia de aonde eles levavam, mas, outra vez, qualquer que fosse a parte de minha mente que estava

conjurando a visão, parecia saber o caminho, e eu não vacilei um passo sequer.

Meu destino, como vocês provavelmente já imaginaram, era o quarto que pertencia à Coisa que se autodenominava Joe. Mas o caminho ali não estava normal. Talvez porque eu estivesse descalço no sonho, mas o piso sob meus pés parecia escorregadio. Quase molhado, como se o zelador tivesse acabado de passar o esfregão. Mas essa não era a característica mais obviamente onírica da experiência: isso aconteceu quando cheguei ao quarto em si, quando escutei o clique da trava e vi a porta se abrir.

Um eco horrivelmente familiar de uma voz gargalhou lá dentro, e um líquido começou a jorrar pelo vão da porta. Brotava do quarto, quase como se eu tivesse aberto o tampo de um aquário vedado, e escorria pelo corredor em uma torrente, acompanhado pelo som da gargalhada rouca e sepulcral que ecoava em volume ensurdecedor. O líquido cheirava a ferro, sangue e urina, o fedor horrendo que assombrava meus pesadelos desde que eu era jovem. Pode ter havido mais no sonho, mas a sensação fria e molhada correndo contra minha pele era tão real que me fez despertar, e senti Jocelyn me sacudindo de modo frenético. Aparentemente eu interrompi seu sono quando comecei a murmurar em uma voz profunda e aquosa. Aquilo a assustou tanto que ela teve que me acordar. Além disso, devo ter suado em

minhas roupas de dormir, pois elas pareciam trapos encharcados quando despertei. Pelo menos tento me convencer de que foi suor que as ensopara, pois a alternativa é assustadora demais.

Quando fui ao hospital no dia seguinte para ver a dra. G. e compartilhar com ela o que tinha descoberto na casa de Joe, dei de cara com um furgão de um eletricista e várias viaturas da polícia no estacionamento. Achei que alguma coisa séria podia ter acontecido e percebi que a equipe e os pacientes pareciam agitados, enquanto eu me apressava para ir ao escritório da diretora médica no último andar.

Encontrei a médica em reunião com alguns membros da equipe, mas ela os dispensou e me pediu para entrar, a fim de que pudéssemos falar a sós.

— Quero saber o que aconteceu na sua viagem ontem — disse ela, a tensão evidente em sua voz. — Mas antes você precisa saber... Na noite passada um cano parece ter estourado na enfermaria do segundo andar, e a água inundou tudo e danificou um disjuntor próximo. O disjuntor fica localizado em uma área interna e central, porque é uma ligação bastante importante do sistema e supostamente não deveria estar exposto a coisas como mau tempo ou desastres. O eletricista conseguiu vir até aqui e consertar, mas o hospital inteiro ficou no escuro por um período entre uma hora e meia e duas horas. E durante esse blecaute alguém invadiu o hospital e

destrancou a porta do quarto de um paciente… do quarto de Joe… assim como as portas da ala de segurança.

— Destrancou? Alguém o deixou sair? — Minha voz estava estridente. — Vocês os pegaram? Alguém *o* pegou?

A expressão dela mudou um pouco, como se algo naquele momento estivesse decidido para ela.

— Sim, alguém destrancou. Não, não sabemos quem foi. Infelizmente, o blecaute afetou as câmeras de segurança. E não, não o capturamos. Joe escapou.

30 de abril de 2008

Percebo que o post anterior foi mais curto. Depois que digitei aquelas últimas palavras, “Joe escapou”, deixei o computador de lado e me desliguei por um tempo. Algumas coisas que aconteceram naquele dia ainda me assombram e, por isso, são particularmente difíceis de compartilhar. E eu não tinha certeza se continuaria com isso, em especial diante da reação que recebi – vejo que muitos de vocês foram bem barulhentos em suas visões negativas sobre meu último post –, mas acho que preciso ser o mais honesto possível com vocês, independentemente de em que parte escolham acreditar. Até agora, vocês ouviram a essência do mistério, mas a conclusão também é reveladora.

Claro que a polícia me interrogou como suspeito da fuga de Joe. A gravação das câmeras de segurança mostravam que eu tinha visitado o quarto dele por quinze minutos no final daquele mesmo dia, lá pelas seis da tarde, e Hank, o atendente designado pela dra. G. para me manter sob vigilância, relatara que eu de fato estivera no quarto de Joe e que me ouvira discutindo com o paciente. Hank tinha olhado pela janelinha da porta do

quarto, mas o que quer que tenha visto lá dentro lhe garantiu que não corríamos risco de nos machucar, o que me faz pensar que ele não viu nada da transformação de Joe. Além disso, havia um testemunho do dr. P. afirmando que eu *possivelmente* tentara ajudar Joe a fugir no dia anterior àquele. Mas Jocelyn confirmou meu álibi, dizendo que tínhamos ido juntos para a cama na noite passada, e, como soube muito mais tarde, a dra. G. fez uma declaração a meu favor, explicando que meus atos durante a tentativa prévia de "fuga" tinham sido na verdade um estudo das reações do paciente em questão, com o conhecimento dela. Portanto, fui descartado como suspeito. Os funcionários do hospital, em especial os atendentes Marvin e Hank, demoraram mais para acreditar na minha inocência, mas eu estava preocupado demais com outras coisas para me importar quando eles dois me olhavam de soslaio.

A ironia da situação era que a polícia acreditava que alguém havia tramado para *ferir* Joe. Era política do hospital notificar as autoridades se um paciente fugisse, mesmo sendo um dos internados voluntariamente. A preocupação era que Joe tivesse sido solto porque alguém queria pregar uma peça nele, ou pior. Joe não tinha ficha criminal na polícia; até onde eles sabiam, não era violento. E a maior parte dos funcionários do hospital podia odiar Joe ou manter distância dele, mas não estava lá tempo bastante para saber dos ataques que ele

cometera quando criança. Aqueles que, entre pacientes e funcionários da instituição, tinham ouvido rumores sobre Joe – os de que as pessoas ficavam loucas perto dele – não falaram nada, por medo de serem ridicularizados. A polícia estava à procura de um homem adulto que julgava não estar bem e precisar de cuidados.

Eles não faziam a menor ideia.

Minha conversa naquele dia com a dra. G. foi interrompida pela notícia de que alguma coisa estava errada com o mentor dela, o dr. A. Ela teve que partir de maneira abrupta, então não tive chance de contar o que tinha descoberto na casa de Joe M.: o esqueleto na parede do quarto da criança. Nem contei para ela sobre meu confronto no início da noite com a abominação, que tinha confirmado minhas descobertas, mas que me deixara sem nenhuma evidência gravada que pudesse ser utilizada. De qualquer forma, a dra. G. pareceu inconsolável e se desligou do hospital na semana seguinte, então nunca mais tive oportunidade de falar com ela. Aparentemente, o dr. A. faleceu de uma insuficiência cardíaca em sua casa. Foi encontrado por uma faxineira na manhã seguinte esparramado no chão da cozinha, e as autoridades acreditam que seus sintomas foram violentos e muito dolorosos. Uma cadeira tinha sido derrubada, e perto do corpo havia uma caneca ou xícara de chá quebrada, em meio a papéis espalhados que ele estaria revisando no momento da morte.

Cerca de uma semana mais tarde, recebi uma mensagem da diretora médica por intermédio do dr. P., que, entre todas as pessoas, tinha ficado estranhamente otimista e bem disposto com a partida do paciente que ele conhecia como Joe. Era como se meu colega e eu tivéssemos trocado de lugar. Eu me sentia desconcertado e esgotado, incerto sobre se nosso trabalho valia a pena diante dos danos que agora eu enxergava ao redor, enquanto o dr. P. se mostrava animado, com um vigor renovado. Ele não estava mais abusando verbalmente de mim, então aceitei a mudança com serenidade. A mensagem que ele trazia da dra. G. era um relato de que Martha M., mãe de Joe, tinha cometido suicídio. Um jardineiro a encontrara dois ou três dias depois da morte do dr. A. Aparentemente, saltara da janela do quarto do filho. Não havia menção a nada desagradável encontrado na casa ou no quarto. Nenhuma referência a um buraco aberto na parede ou a uma cripta com os ossos de seu jovem filho. Eu não tinha ideia do que fazer com aquilo, e como não vira mais a dra. G. desde a sua partida, não pude perguntar mais nada a ela.

O hospital recuperou um pouco da normalidade nas duas semanas que se seguiram, mas eu seguia angustiado. Apesar do meu histórico de único médico a sair ileso depois de trabalhar com Joe, eu era um fracasso abismal.

E havia mais uma calamidade a caminho.

Cerca de duas semanas depois que a abominação desaparecera, fui acordado por uma ligação da polícia do campus e levado ao hospital da universidade, onde encontrei Jocelyn machucada e ensanguentada. No instante em que olhei para ela, soube que algo estava muito errado. Seus olhos verdes, habitualmente brilhantes e expressivos, estavam mortos e vidrados. Seu cabelo estava desgrenhado e emaranhado. Sua expressão era maníaca e frágil, de um modo que me chocou. Quando tentei colocar meus braços em torno dela para confortá-la, ela recuou, como se a simples ideia de ser tocada a deixasse enojada. Então, devagar, ela se derreteu em meus braços com um sorriso torto e quebrado, que dizia claramente que ela tinha passado por algo profundamente traumático.

A polícia explicou que Jocelyn fora atacada depois de deixar a biblioteca naquela noite. Quando questionada sobre o agressor, como vocês já devem ter adivinhado, ela descreveu um homem franzino, com cabelos loiros desgrenhados e olhar desfocado – em outras palavras, como deduzi na minha mente, a forma humana assumida pela Coisa que se autodenominava Joe. Eu só podia presumir que, de alguma forma, a criatura tinha me seguido até a cidade.

Quando ouvi aquilo, precisei de cada grama de sanidade que tinha para a minha mente não desmoronar. Como eu, um homem que tinha entrado na medicina

porque não suportara ver uma das mulheres mais importantes da minha vida – minha mãe – ser destruída pela negligência de outros, tinha deixado outra mulher ser destruída, do mesmo jeito, pela *minha própria* negligência? Era agonizante pensar naquilo, ainda mais considerando a profundidade de meu amor por Jocelyn e quanto me doía vê-la ferida de um jeito tão intenso e irreversível. Se ela não estivesse tão machucada e precisando de cuidado hospitalar, eu teria fugido de New Haven, de Jocelyn e de toda a minha vida adulta naquele exato momento, por saber que aquilo que eu sentia ser a minha missão na Terra – curar e proteger as pessoas – era a causa do meu fracasso com alguém que eu amava. Percebo como isso deve soar irracional, mas, para ser justo, eu vivia uma desordem emocional naquele momento.

Nem por um instante eu conseguia negar o perigo que eu trouxera a Jocelyn – e para o mundo todo –, mesmo que inadvertidamente, e quase tão terrível quanto era a completa *falta de sentido* de tudo aquilo. Bem quando pensei que tinha entendido a Coisa, ela me surpreendeu de novo. Eu pensava que ela queria ficar trancada, cercada por aqueles miseráveis, psicologicamente abalados, do nosso hospital. Então por que escapar agora? A Coisa tinha vivido confortavelmente naquela ala hospitalar por décadas e neutralizara com facilidade a

ameaça que eu representava. Por que arriscar a sorte aqui fora?

Infelizmente, com o tempo desenvolvi uma teoria para essa última questão, e ela me encheu de culpa no mesmo instante. Quando me lembrei da última conversa que tive com a Coisa, recordei que seu motivo para permanecer no hospital era que ela “não sabia como ser uma presa”, ou seja, como agir como um ser humano. Além do mais, ela não mudou de forma quando fiz minha provocação do “coelhinho fofinho”, alegando que eu “não acreditava” naquilo. Mais ainda: embora todos os seus meios de infligir tortura psicológica dependessem de um conhecimento que um ser humano não era capaz de ter, ainda assim eram métodos que um ser humano eventualmente poderia usar. Portanto, a única conclusão à qual pude chegar era de que, enquanto todos na equipe médica tratassem a Coisa como se ela fosse humana, ela tinha que se manter humana na percepção deles.

Então, de seu próprio modo terrivelmente triste, o pobre pequeno Joe tinha aprisionado a Coisa ao fazê-la fingir ser humana. É verdade que um paciente a chamara de “monstro maldito”, mas a Coisa deve ter sentido que ele falava de um monstro metafórico, não de um monstro literal. Aquele paciente não *acreditava* que a Coisa não fosse humana, então ela não mudou. E, enquanto

ninguém a desmascarasse, ela ficaria presa naquela forma.

Mas então eu tive que ir lá e dizer que não só acreditava que ela não era humana, mas que *sabia* que não era. O que significa que acabei libertando-a para assumir uma forma mais eficiente, fosse a de um monstro, de uma pessoa ou da onda de urina e sangue que tinha visto em meu sonho. E, com sua habilidade de mudar de forma restaurada, a Coisa não precisava mais depender do nosso hospital como um santuário, já que ali as pessoas eram treinadas justamente para não acreditarem em monstros.

Essa foi, e *é*, a minha teoria de por que ela escapou. Infelizmente, não é provável que eu consiga comprová-la nem refutá-la, o que significa que isso vai pesar na minha consciência, sem solução, para sempre.

1º de maio de 2008

Eu achei de verdade que o post de 30 de abril seria o último, mas simplesmente não posso deixar as coisas com um tom tão negativo. Quero que saibam onde estamos agora, e o que fiz para tentar consertar este mundo.

Jocelyn ficou profundamente marcada pelo ataque. Passou alguns dias no hospital e depois voltou para o nosso quarto, em busca de uma recuperação completa, só para cair em uma depressão cataclísmica. Quando começou a insistir que não tinha mais vontade de terminar o doutorado, chegando ao ponto de quebrar o computador e os discos de backup na minha frente, apresentei a ideia de nos mudarmos. Precisávamos da nossa própria fuga.

Jocelyn desistiu da pós-graduação, e eu resolvi abrir um consultório particular. Meus contatos na época da residência e da faculdade permitiram que nos mudássemos. Posso dizer que fomos para outra região, mas não vou confirmar para onde. Agressão e trauma mudam uma pessoa. Por muito tempo, mal reconhecia Jocelyn, e suspeito que ela sentia o mesmo a meu

respeito. Ainda assim, nosso amor era inabalável, então nos casamos cerca de dezoito meses depois. Todos os dias aprendíamos a nos reconectar. Nossas cicatrizes ainda estão conosco, e posso ver que Jocelyn ainda luta contra a depressão. Ela apresenta um semblante feliz para mim, mas se tornou uma pessoa extremamente dedicada ao lar e não tem interesse em fazer novos amigos. Ela diz que sou tudo de que precisa.

De minha parte, sempre senti a necessidade de dar uma contribuição mais significativa à sociedade. Talvez por não ter crescido protegido pela riqueza como Jocelyn, talvez por saber que tenho minha cota de responsabilidade nessa história, passarei o resto dos meus anos pagando por isso.

Então tenho usado o conhecimento que adquiri com aquele único paciente do melhor jeito que posso. Abri uma clínica psiquiátrica particular especializada no tratamento de crianças com delírios paranoides ou transtornos de medo. Alguns foram casos bem convencionais, enquanto outros envolveram delírios compartilhados, como o garoto cujos pais achavam que estava sendo assombrado pelo fantasma da irmã natimorta.

De vez em quando atendo uma criança que me fala sobre um monstro que não a deixa dormir. Algumas vezes ele sai da parede. Algumas vezes, do armário. Algumas vezes, vive embaixo da cama. Mas de onde

quer que venha e onde quer que esteja, é a coisa da qual a criança mais tem medo. Só que agora há outro detalhe, que dificulta o sono até mesmo para mim: às vezes, os monstros incitam e atormentam suas vítimas dizendo que são apenas crianças que foram transformadas em monstros, pedindo, então, que elas os "libertem", afirmando que também eles são pessoas. Pior, às vezes não tenho certeza se essas crianças estão pedindo minha ajuda de fato, nem mesmo se são realmente crianças. Talvez sejam abominações similares a Joe, exibindo por prazer sua obra à única pessoa que sabe o que eles são e como detê-los. Às vezes acho que estão rindo da minha cara por detrás daqueles olhos infantis aterrorizados e aparentemente inocentes.

Mas, qualquer que seja o motivo pelo qual esses jovens me contam as histórias sobre o que os aterroriza à noite, o fato é que alguns deles definitivamente são crianças humanas. E aqueles bebês indefesos e desesperados e suas famílias são as pessoas pelas quais pratico a medicina. Porque, ao contrário de outros médicos, sei o que está em jogo. Talvez eu também seja paranoico, mas me lembro bem das palavras do monstro. Lembro como ele estava exultante pelo fato de que *nada como eu jamais teve a chance de ser uma presa*, e estremeço ao pensar no significado dessas três primeiras palavras, porque sei o que elas significam: o que quer que "Joe" fosse, não era o único. Podia haver toda uma

espécie desses montros vivendo ao nosso lado – e que só agora se deu conta de que podem viver *entre* nós.

Bem, só sobre meu cadáver deixarei que outro deles assuma a vida de uma criança. E acho que minhas suspeitas em geral estão certas, pois as crianças que sofrem desse tipo de visita noturna raramente precisam de uma segunda sessão depois que cuido delas.

Até agora, só Jocelyn sabia dessa história. E ela acredita em mim. E tem sido enfática em seu desejo de que eu conte para mais alguém – às vezes ela é tão insistente que parece *ávida* por isso. Até recentemente, eu sempre lhe disse não.

Mas há alguns meses, antes que eu começasse a escrever esses posts, ela me disse que estava grávida. E, dessa vez, quando me pediu para escrever esta história e torná-la pública, ela tinha um ótimo motivo.

— Quero que você se lembre de que é um homem bom, Parker — ela me disse. — Você não entende que é a melhor coisa que já me aconteceu. Você não entende como me sinto livre com você. Não sabe quanto gosto da pessoa que sou com você, apesar de tudo o que aconteceu. E talvez você nunca entenda. Mas se você não sabe que é um homem bom como vai confiar em si mesmo para ser um bom pai para nossos filhos? Quem sabe? Talvez, se contar essa história, você seja capaz de se perdoar. E, além disso, será que um homem bom

deixaria o mundo continuar ignorante a respeito das coisas que sabe?

Ao ouvir Jocelyn falar aquilo, por um instante tive um vislumbre da mulher pela qual me apaixonei, escondida atrás do sorriso torto e maníaco que ela tinha desde a sua provação. Com esse lampejo de reconhecimento, eu sabia que não podia negar aquilo a ela.

Então aqui estou, digitando tudo isso e rezando para que vocês acreditem em mim. Se não, tudo bem. Nem eu tenho certeza se acredito em mim mesmo ou se tudo foi só o episódio de alguma psicose maior que um dia me deixará tão insano quanto meus pacientes. Mas, se vocês são pais ou psiquiatras e têm pacientes ou filhos que estão lhe contando histórias como a do verdadeiro Joe, então esse é o aviso que, pelo juramento que fiz e por minha simples humanidade, sou obrigado a dar a vocês:

O que quer que façam, não digam a seu filhos que os monstros que eles veem são coisas da imaginação. Porque, se pelo menos um pouco desta história for verdade, vocês podem estar assinando a sentença de morte de cada um deles.

Obrigado pela leitura.

Tudo de bom,

Parker

Agradecimentos

Primeiro, gostaria de agradecer a Jaime Levine, da Houghton Mifflin Harcourt (HMH) Books and Media, que me deu o presente de ser uma editora em quem pude confiar cegamente o produto da minha mente, sabendo que ela iria aprimorar o texto e deixá-lo mais sombrio com perfeição. Obrigado também ao dr. Harrison Levine por responder às inumeráveis perguntas sobre prática psiquiátrica feitas por um amador entusiasta. Todos os erros são meus ou os que Joe exigiu para contar sua história. Também quero agradecer a Katie Kimmerer, gerente editorial da HMH, assim como a Laura Brady, editora do manuscrito e da versão final. Além disso, minha gratidão a Wendy Muto, da Westchester Publishing Services, por guiar este livro pelos detalhes básicos do processo de produção.

Também na HMH, obrigado à minha assessora de imprensa, Michelle Triant, que respondeu a todos os meus e-mails desesperados com confiança de especialista. Agradeço também à minha marqueteira, Hannah Harlow; ao editor da HMH, Bruce Nichols; à diretora editorial da HMH, Helen Atsma; à assistente

editorial Fariza Hawke; a Tommy Harron e a toda a equipe de áudio, bem como a Ed Spade, Colleen Murphy e a todo o departamento de vendas. Agradecimentos adicionais a Ellen Archer, presidente de vendas da HMH; Lori Glazer, vice-presidente sênior de publicidade; Matt Schweitzer, vice-presidente sênior de marketing; Becky Saikia-Wilson, editora associada; Jill Lazer, vice-presidente de produção; Kimberly Kiefer, gerente de produção; Emily Snyder, supervisora de design; e Christopher Moisan, diretor do departamento de arte. Por último, mas não menos importante, obrigado a Mark Robinson pelo projeto de capa soberbamente claustrofóbico para a edição estrangeira deste livro.

Obrigado ao meu gerente, Josh Dove, na Stride Management, por apostar em mim antes de eu achar que merecia; à minha agente de cinema/televisão, Holly Jeter, na William Morris Endeavor (WME), que administrou minha entrada nas luzes brilhantes e escaldantes de Hollywood; e ao meu agente literário, Joel Gotler, da Intellectual Property Group, que é o guardião da minha criatividade no mundo literário. Também na WME, obrigado a June Horton e Beau Levinson por negociar incansavelmente em meu nome e por encarar as flechas e as pedradas do sistema legal de Hollywood. Obrigado a Ryan Reynolds e Roy Lee, que mudaram minha vida para sempre quando decidiram levar meu pequeno monstro para a telona.

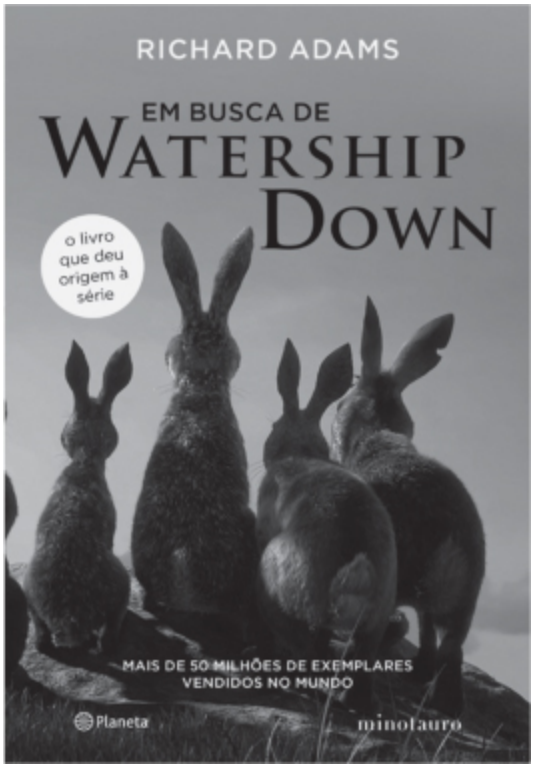
Obrigado aos muitos amigos que inspiraram personagens e me encorajaram a colocá-los no papel. Em particular, obrigado ao meu grupo de Dungeons & Dragons (vocês sabem quem são), que foram os primeiros a me incentivar a escrever ficção. Obrigado a McKenna, que deu nome a este livro. Obrigado a minha mãe, por manter minha imaginação viva durante minha infância e por nunca deixar de acreditar, mesmo quando eu mesmo tinha deixado. Obrigado a Stephen, o pai que eu devia ter tido. Obrigado a Sophie, que de maneira implacável me obrigou a continuar me aprimorando e acreditando na minha habilidade como escritor. Obrigado ao IHOP pelos cafés gelados sem fim que me mantiveram escrevendo os primeiros quatro capítulos desta história, antes mesmo de pensar em compartilhá-la com o mundo.

Por fim, obrigado a todos os usuários do Reddit que votaram positivamente nesta história quando ela estreou, em dezembro de 2015. Sem vocês, este livro nunca teria sido terminado. Sem vocês, ele não estaria aqui hoje. Sem vocês, eu seria um homem diferente. Do fundo do meu coração, obrigado.

Leia também

DACRE STOKER
& J.D. BARKER
Dracul
A ORÍGEM DE UM MONSTRO
Inspirado nos manuscritos perdidos de Bram Stoker, autor de Drácula
Planeta
minotauro

O CORPO DELA E OUTRAS FARRAS
CARMEN MARIA MACHADO
Contos
Planeta
minotauro


RICHARD ADAMS
EM BUSCA DE
WATERSHIP DOWN
o livro que deu origem à série
MAIS DE 50 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NO MUNDO
Planeta
minotauro

FRANZ KAFKA
A METAMORFOSE
"Kafka fez perguntas que nos incomodam há cem anos. Se você for corajoso, leia."
Leandro Karnal
Planeta
minotauro

POR UM CORREDOR ESCURO
LOIS DUNCAN
O LIVRO QUE INSPIROU O FILME, DA AUTORA BEST-SELLER DE
EU SEI O QUE VOCÊS FIZERAM NO VERÃO PASSADO
Planeta
minotauro

1. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* [*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*], manual em que são listadas as enfermidades mentais conhecidas e passíveis de diagnóstico. (N.T.)
2. WASP é o acrônimo para *White, Anglo-Saxon and Protestant* [branco, anglo-saxão e protestante]. É usado de forma pejorativa para designar o grupo de indivíduos nos Estados Unidos, relativamente homogêneo, que detém poder político, social e econômico no país. (N.T.)

O LIVRO MALDITO
CREEPYPASTAS MACABRAS E CONTOS DE TERROR
DAVID HERICK & VAN R. SOUZA
Planeta
minotauro

O livro maldito

Herick, David
9788542216707
208 páginas

Compre agora e leia

ALERTA! Este livro é um tanto quanto diferente. São mais de 70 histórias curtas de terror que vão do sobrenatural até coisas terríveis que os seres humanos podem fazer. E quando eu digo terríveis, quero dizer para ter cuidado antes de realmente ler um título de MALDITO. Talvez você termine de ler essas linhas aterradoras sem confiar em mais ninguém ou quem sabe achando que está sozinho quando na verdade tem alguém invisível perto de você: O livro é maldito. Eu avisei. Aterrorizante. Sinistro. Macabro. Você não vai conseguir parar de ler.

Compre agora e leia

AS VIDAS DOS
SANTOS
NETFLIX
AUTORA BEST-SELLER #1 DO THE NEW YORK TIMES
LEIGH BARDUGO
ILUSTRAÇÕES DE DANIEL J. ZOLLINGER
Planeta
minotauro

As vidas dos santos

Bardugo, Leigh
9786555355321
136 páginas

Compre agora e leia

Embarque em uma viagem para o Grishaverso com essa réplica ilustrada de As vidas dos santos, o Istorii Sankt'ya, que já foi mencionado diversas vezes nos livros da série.
Das mãos de Alina Starkov para as suas, As vidas dos santos é um livro mágico do Grishaverso, que contém a história dos santos que permeiam o a cultura do universo extraordinário criado por Bardugo.
Esses contos incluem os milagres e martírios de Santos mais conhecidos como Sankta Lizabeta das Rosas e Sankt Ilya Acorrentado, até as histórias obscuras de Sankta Ursula, Sankta Maradi e o Santo sem Estrelas.
Como foi visto na série original da Netflix Sombra e

Ossos, esta coleção inclui ilustrações exuberantes feitas exclusivamente para cada uma das histórias.

Compre agora e leia

GRISHAVERSO
SOMBRA E OSSOS
NETFLIX
UMA SÉRIE ORIGINAL DA NETFLIX
LEIGH BARDUGO
Planeta
minotauro

SOMBRA E OSSOS

Bardugo, Leigh
9786555352955
288 páginas

Compre agora e leia

O clássico do Universo YA em uma nova edição

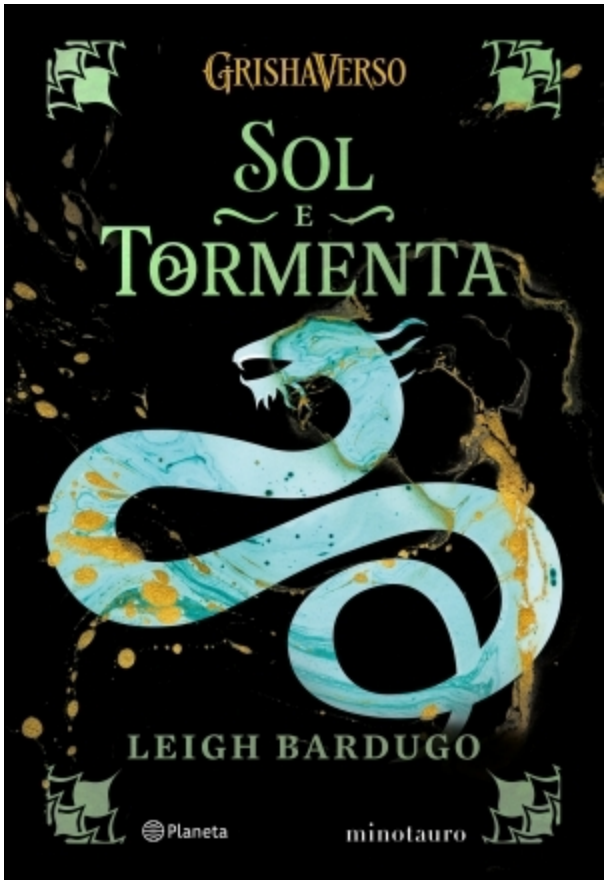
Em um país dividido pela Dobra das Sombras – uma faixa de terra povoada por monstros sombrios – e no qual a corte real está repleta de pessoas com poderes mágicos, Alina Starkov pode se considerar uma garota comum. Seus dias consistem em trabalhar como cartógrafa no Exército e em tentar esconder de seu melhor amigo, Maly, o que sente por ele.

Quando Maly é gravemente ferido por um dos monstros que vivem na Dobra, Alina, desesperada, descobre que é muito mais forte do que pensava: ela é consegue invocar o poder da luz, a única coisa capaz de acabar com a Dobra das Sombras e reunificar Ravka de uma vez por todas.

Por conta disso, Alina é enviada ao Palácio para ser treinada como parte de um grupo de guerreiros com habilidades extraordinárias, os Grishas. Sob os cuidados do Darkling, o Grisha mais poderoso de todos, Alina terá que aprender a lidar com seus novos poderes, navegar pelas perigosas intrigas da corte e sobreviver a ameaças vindas de todos os lados.
***

"*A trilogia Grisha faz uma releitura, brilhante e com ares épicos, da história russa; é a junção de Anna Kariênina com magia. [...] Bardugo cria uma aventura de primeira linha, com romance envolvente e um mistério intrigante!*"
– RICK RIORDAN
"*Diferente de tudo o que já li.*"
– VERONICA ROTH

Compre agora e leia


GRISHAVERSO
SOL
E
TORMENTA
LEIGH BARDUGO
Planeta
minotauro

SOL E TORMENTA

Bardugo, Leigh
9786555353372
352 páginas

Compre agora e leia

Segundo volume da trilogia Sombra e ossos, que inspirou a série da Netflix
O boi sente o jugo, mas será que o pássaro sente o peso de suas asas?
Na aguardada continuação de Sombra e Ossos, Alina e Maly precisam fugir das garras do Darkling após o terrível confronto na Dobra das Sombras. Apesar de finalmente ter se reunido com a pessoa mais importante de sua vida e de se ver livre do controle de Darkling e das pressões da corte, Alina está atormentada pela culpa depois dos acontecimentos na Dobra. Mas não há tempo para reflexões quando o seu principal objetivo é sobreviver. Nessa fuga frenética, em que precisa correr por sua vida e pelo
destino de seu país, a Conjuradora do Sol acaba

encontrando aliados – e inimigos – em figuras que nunca imaginou, como no corsário misterioso que é muito mais do que aparenta ser.
Por sua vez, o Darkling está mais poderoso e determinado do que nunca. Com um novo poder assustador e extremamente perigoso, ele não irá poupar esforços para encontrar Alina e conquistar o trono de Ravka. O cerco está se fechando.

Compre agora e leia

GRISHAVERSO
RUÍNA
E
ASCENSÃO
LEIGH BARDUGO
Planeta
minotauro

RUÍNA E ASCENSÃO

Bardugo, Leigh
9786555353730
336 páginas

Compre agora e leia

Terceiro volume da trilogia Sombra e ossos, que inspirou a série da Netflix "Não estou arruinada. Eu sou a ruína." Após o seu embate com o Darkling, Alina Starkov se vê encurralada no subsolo, tentando recuperar as forças para salvar Ravka das garras de seu oponente. Sob a proteção e a vigilância do Apparat, Alina atinge outro status – agora não é somente a Conjuradora do Sol, mas sim uma Santa que carrega em seus ombros a esperança de fiéis que rezam por um futuro mais brilhante. No entanto, invocar a luz nunca foi tão difícil. Com o futuro do país em suas mãos, Alina partirá em busca do terceiro amplificador de Morozova, o mitológico pássaro de fogo, com o objetivo de derrotar o Darkling e libertar Ravka de uma vez por todas. Eletrizante do começo ao fim,

Ruína e Ascensão é a conclusão impecável da aclamada trilogia Sombra e Ossos, que inspirou a megaprodução da Netflix.

Compre agora e leia